

EVELLYNE PATRICIA FIGEIREDO DE SOUSA COSTA

CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS DAS PREPOSIÇÕES DE DOS PREFIXOS EM  
LATIM CLÁSSICO

PORTO ALEGRE  
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA OU ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: MORFOLOGIA E FONOLOGIA

CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS DAS PREPOSIÇÕES E DOS PREFIXOS EM  
LATIM CLÁSSICO

EVELLYNE PATRÍCIA FIGUEIREDO DE SOUSA COSTA  
ORIENTADOR(A): PROF. DR. LAURA ROSANE QUEDNAU

PORTO ALEGRE  
2006

Para os membros do Círculo Lingüístico da UFRGS

## **GRADECIMENTOS**

Agradeço

Aos amigos integrantes do Círculo Lingüístico: morfologia e fonologia, que, com muito carinho, me ajudaram nessa trajetória, especialmente Aline Grodt, Aline Padilha, André Schneider, Luciana Pilatti Telles, Patrícia de Lima, Simone Dienfenbach Borges, Taíse Simioni, Taís Bopp;

aos professores Gisela Collischonn, Valéria Monaretto, Laura Rosane Quednau e Luiz Carlos Schwindt, pelo apoio, pela inspiração e por terem acreditado em mim;

à minha orientadora, Laura Rosane Quednau, por ter aceitado o desafio e pela dedicação;

ao Setor de Latim da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por possibilitar um ambiente prazeroso de trabalho enquanto fui professora substituta;

às colegas de mestrado pelo companheirismo durante essa fase;

à amiga Luciana Shenkel, pelo apoio e amizade em todos os momentos;

ao meu marido, pelo apoio, pelo esforço e pela compreensão incondicionais;

a todos que estiveram ao meu lado durante essa trajetória.

## RESUMO

A presente pesquisa aborda algumas características prosódicas de preposições e de prefixos do latim clássico, tendo como pressupostos teóricos a Fonologia Lexical e a Fonologia Prosódica. Descrevemos, nesse estudo, o envolvimento das preposições no fenômeno da elisão e da proclitização e a relação do prefixo com a mudança do padrão do acento em latim. Esses processos, de maneira geral, são tratados pela prosódia e pela métrica latina, contudo nosso objetivo é problematizar os fenômenos sob o ponto de vista de teorias fonológicas modernas. Escolhemos obras de autores representativos da literatura clássica latina para servir de fonte de dados para a nossa descrição: *Odes*, de Horácio; *Eneida*, de Virgílio; *Metamorfoses*, de Ovídio. O nosso *corpus* foi constituído por um conjunto de versos nos quais os ambientes de aplicação das regras se fizeram presente. Os dados foram submetido a uma comparação entre o tratamento tradicional dos estudiosos de métrica, prosódia e gramáticos e autores que tratam os fenômenos com o aparato teórico da Fonologia Lexical e da Fonologia Prosódica. Durante a descrição, constatamos que a elisão em latim assemelha-se à elisão em português, que a regra aplicou-se a todos os dados, não ocorrendo, portanto, nenhum caso de bloqueio da regra; que a característica proclítica das preposições latinas pode ser revista, tanto em relação a sua caracterização, quanto ao tipo de preposição envolvida, e que os prefixos latinos têm a capacidade de interferir no padrão do acento se algumas condições dos prefixos e das bases forem respeitadas. Por fim, chamamos a atenção para o fato de que, através da descrição desses fenômenos podemos trazer evidências adicionais de ambientes prosódicos como palavra fonológica e grupo clítico e latim.

## ABSTRACT

This work approaches some prosodic characteristics of prepositions and prefixes of Classic Latin. Our theoretical lines are Lexical Phonology and Prosodic Phonology. We describe here the behavior of prepositions as they function as proclitics, and their involvement in elision phenomenon. We also describe the relation between prefix and stress pattern change in Latin. These processes, in large part, are treated by Latin prosody and metric. Nevertheless, our objective is analyzing these phenomena under the approach of modern phonological theories. We chose representative authors' works of Latin classical literature to be the source of data: *Odes*, by Horace; *Aeneid*, by Virgil; *Metamorphoses*, by Ovid. Our *corpus* was comprised of a set of verses in which there were appliance environment to these rules. The data were submitted to a comparison between the traditional metric and prosodic studies, grammarians and authors who deal with these phenomena with Lexical Phonology and Prosodic Phonology approaches. During our description, we verified that: elision in Latin is similar to the elision in Portuguese; our data underwent this rule without presenting exceptions, do not occurring, hence, any blocking to the process; the proclitic features of Latin prepositions can be reviewed, as in relations to its characterization as the type of preposition involved; and Latin prefixes are able to interfere in the stress pattern if some conditions concerning prefixes and bases are respected. Finally, we call attention to the fact that, through the description of these phenomena, we can raise some additional evidences of prosodic environments like phonological word and clitic group in Latin.

## SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO.....	9
1 PREPOSIÇÃO E PREFIXO EM LATIM CLÁSSICO.....	11
1.1 O latim.....	11
1.2 O advérbio: gênese da prefixo de da preposição em latim clássico.....	14
1.2.1 As preposições em latim clássico.....	15
1.2.2 Os prefixos dentro do processo de formação de palavras em latim clássico.....	182
METODOLOGIA.....	24
2.1 Prosódia e métrica.....	24
2.2 Seleção das fontes.....	30
2.2.1 Levantamento e preparação de dados.....	30
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	36
3.1 Fonologia Não-Linear.....	36
3.2 Fonologia Lexical.....	37
3.3 Fonologia Prosódica.....	39
3.3.1 A sílaba.....	43
3.3.2 O pé métrico.....	44
3.3.3 A palavra fonológica.....	45
3.3.4 O grupo clítico.....	45
3.3.5 A frase fonológica.....	47
3.3.6 A frase entonacional.....	48
3.3.7 O enunciado.....	48
3.4 O sândi externo.....	49

3.4.1 A ressilabação.....	50
3.4.1.1 Princípio de Sequenciamento de Sonoridade.....	51
3.4.1.2 Princípio do Licenciamento Prosódico.....	52
3.4.2 O processo da elisão.....	53
3.4.2.1 A elisão e o acento.....	54
3.4.3 Característica proclítica de preposições.....	59
3.5 Características prosódicas dos prefixos.....	61
3.5.1 Status prosódico e lexical dos prefixos em português.....	61
3.5.2 A relação entre afixos e acento.....	62
3.6 Prefixos e preposições: em busca de uma descrição prosódica.....	66
3.6.1 Os fenômenos.....	67
4 CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS DO PREFIXO E DA PREPOSIÇÃO EM LATIM: UMA DESCRIÇÃO.....	70
4.1 Onde estão os fenômenos?.....	70
4.2 A elisão em latim.....	72
4.3 Característica proclítica das preposições em latim clássico.....	79
4.4 Características prosódicas dos prefixos em latim clássico: prefixo e acento.....	86
4.4.1 Prefixos que modificam o padrão do acento de suas bases: acento lexical.....	87
4.4.1.1 Preposições que passam a prefixos: acento pós-lexical.....	90
4.4.2 Prefixos que recebem acento em latim: acento pós-lexical.....	92
4.5 Características prosódicas das preposições e dos prefixos em latim clássico: uma avaliação.....	95
CONCLUSÕES.....	99
BBLIOGRAFIA.....	102
ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

Com o intuito de investigar fenômenos prosódicos que envolvem as preposições e os prefixos do latim à luz de teorias fonológicas modernas, demos início à nossa descrição. As preposições e os prefixos latinos são tratados, pelos gramáticos que se ocupam do latim, como elementos constitutivos da sintaxe e do processo de formação de palavras, respectivamente, sem referir-lhes um *status* prosódico. Os tratados de métrica e prosódia latina dão conta de processos que envolvem quantidade, acento e metrificação e atestam alguns possíveis fenômenos prosódicos sem fazer menção à motivação dos processos fonológicos. Análises modernas que tomam a Fonologia Lexical e a Fonologia Prosódica como aparato teórico conseguem, ao nosso ver, dar conta desses fenômenos prosódicos com mais propriedade.

Este estudo objetiva, através de uma descrição, levantar questões acerca das características prosódicas das preposições e dos prefixos em latim clássico. Para tanto, discutiremos a elisão, a característica proclítica das preposições e a relação do prefixo latino com a mudança do padrão de acento em latim. O nosso objeto de descrição dá evidência à inexistência de isomorfismo perfeito entre os componentes da gramática em relação à aplicação de regras fonológicas. As preposições, categorias morfossintáticas, mantêm uma relação, em certa medida, com os prefixos em latim, estes últimos, pertencentes a categoria morfológica.

O texto se divide em quatro capítulos, como mostramos a seguir.

No capítulo 1, apresentamos a caracterização do latim e sua periodização, visões tradicionais da preposição e do prefixo, bem como sua gênese, e registramos trabalhos mais recentes, em sua maioria descritivos, que olham para a preposição latina. As observações trazidas aqui são, em sua maioria, pertencentes à gramática normativa do latim. O nosso intuito com essa revisão é o de poder comparar o tratamento dado pelos gramáticos às preposições e aos prefixos latinos com um tratamento sob a ótica da fonologia moderna.

Tratamos, no capítulo 2, da metodologia do trabalho. Indicamos as fontes de dados escolhidas, a seleção e preparação dos mesmos e o *corpus* do trabalho em si. O nosso *corpus* é composto de versos escandidos, nos quais temos os ambientes de aplicação das regras a serem descritas. Algumas observações teóricas acerca da métrica e da prosódia latinas estão registradas aqui. Essas informações são necessárias para poder dar conta da preparação do *corpus* da dissertação e da posterior análise, por esse motivo, localizam-se neste capítulo. Com o objetivo de separar questões da tradição da métrica e prosódia latina dos pressupostos

teóricos da fonologia moderna, traremos, neste capítulo, a visão de autores tradicionais sobre a elisão, a proclitização e a regra de acentuação latina.

No capítulo 3, são expostos os pressupostos básicos da Fonologia Lexical e da Fonologia Prosódica. Trazemos, também, neste capítulo, análises de alguns autores sobre a elisão, proclitização e sobre a relação de afixos com o acento. Essas análises são feitas sob o ponto de vista das teorias anteriormente referidas.

No capítulo 4, discutimos os dados utilizando o arcabouço teórico da nossas teorias embasadoras, tentando levantar questões em torno dos processos fonológicos em questão e deixamos registradas algumas conclusões acerca dos fenômenos e dos ambientes prosódicos nos quais os processos se aplicam.

Seguem-se ao capítulo 4 as conclusões, a bibliografia e os anexos.

## 1 PREPOSIÇÃO E PREFIXO EM LATIM CLÁSSICO

Este capítulo traz algumas informações acerca da língua latina, sua formação, periodização e evolução e apresenta, de maneira geral, a visão tradicional que os gramáticos que tratam do latim têm acerca do prefixo e da preposição em latim clássico, além de algumas descrições da língua latina mais recentes.

### 1.1 O LATIM

O latim era a língua falada em uma região da Itália central, chamada *Latium*, por volta do século VIII a.C., onde foi fundada Roma. O latim das margens do rio Tibre era uma língua falada por camponeses e pastores. Outros idiomas mantinham parentesco com o latim. Eram eles o osco e o umbro, o sabélico, o volsco e o falisco, línguas faladas em regiões da península Itálica. Por causa das semelhanças entre essas línguas, supôs-se a existência de uma língua única ou grupo, denominado Itálico.

A comparação de raízes de palavras existentes em Latim com raízes vocabulares que pertenciam a outras línguas antigas faladas na Pérsia, Germânia, Grécia, Índia, dentre outras, possibilitaram aos estudiosos conceber uma língua-mãe, uma língua hipotética primitiva que teria originado esses idiomas. Convencionou-se denominar essa língua-mãe de **indo-europeu**.<sup>1</sup>

Os falantes do indo-europeu teriam se dispersado milênios antes de Cristo, espalhando-se pela Ásia e pela Europa. Estando esses povos dispersos, o idioma modificou-se lingüisticamente, dividindo-se em várias línguas, que geraram outras muitas línguas, que foram agrupadas (por proximidade lingüística) em ramos, como o eslavo, o báltico, o germânico, o itálico, o ramo helênico, o céltico e o indo-irânico, dentre outros. Vários desses idiomas encontram-se mortos ou extintos. Os ainda existentes são falados por povos no Ocidente, em grande parte, e em algumas regiões do Oriente.

O latim, enquanto língua viva, sofreu muitas modificações através do tempo, havendo, portanto, profundas diferenças entre o latim das primeiras produções escritas e o latim da época clássica ou medieval. Conforme Cardoso (2004), o latim pode ser classificado da seguinte forma:

*Latim pré-histórico* – é a língua falada dos primeiros habitantes de Roma, antes de ser registrado pela escrita. Deve ter existido por volta dos séculos XI e VII ou VI a.C.

*Latim proto-histórico* – aparece nos primeiros documentos da língua, são exemplos desse período a inscrição na Fíbula de Preneste, uma fivela que data aproximadamente do ano 600 a.C.: MANIOS MED FHEFHAKED NVMASIOI (*Manius me fecit Numerio*)<sup>2</sup>; inscrições encontradas no cipo do Fórum, do séc. VI a.C. e no vaso de Duenos, fabricado talvez no século IV a.C.

*Latim arcaico* – é a língua usada entre o século III a.C. e o começo do século I a.C. São representativas dessa fase as obras de Névio, Plauto, Ênio e Catão. Os registros escritos deste período compreendem um vocabulário restrito e de estrutura morfossintática ainda não fixada rigorosamente.

*Latim clássico* – a língua utilizada nessa fase é cultivada, burilada, sintética, artística e era apenas escrita, muito diferente do que seria a língua falada, ainda que fosse nas classes mais altas da sociedade. Floresceu a literatura nessa época, tida como o período áureo da literatura latina, entre 81 a. C e 14 a. C, tanto em textos em prosa, contando com grandes nomes como Cícero, César e Salústio, como obras em verso, como as de Virgílio, Ovídio, Horácio, Lucrécio e Catulo.

*Latim vulgar* – é a língua falada pelas classes mais populares. Por ser uma língua falada, esteve à mercê de influências do tempo, de delimitações geográficas, de estrangeiros. Jamais o latim vulgar foi uno. As fontes das quais dispomos são os diálogos das comédias de Plauto (séc. I a.C), cartas de Cícero a familiares, inscrições cristãs, dentre outras, e o *Appendix Probi*, um glossário anônimo contendo correções a possíveis erros, isto é, desvios da língua culta, que deveriam estar se tornando muito comuns. Atualmente o *Appendix Probi* é uma fonte documental valiosa que demonstra a variação lingüística que os gramáticos latinos tentavam evitar.

*Latim pós-clássico* – é a variante da língua latina que encontramos, por exemplo, em Fedro, Apuleio, Petronio e Eutrópio, no período compreendido entre os séculos I e V da nossa era. Mesmo que ainda carregasse as características do *latim clássico*, já demonstrava a pequena distância entre a língua literária e o falar do povo, antevendo a dialetalização da qual se originariam as línguas românicas.

Alguns autores tomam outro tipo de classificação para a periodização e variedades do latim. Bassetto (2001) apresenta a seguinte organização para resumir a história e a evolução das variedades do latim: *sermo urbanus*, *sermo plebeius* e *sermo classicus*. O *sermo urbanus* era a língua falada pelas classes cultas de Roma, provavelmente correto no que se refere às

---

<sup>1</sup> Árvore genealógica das línguas disposta no anexo de número 1.

<sup>2</sup> Manius fez-me para Numerio.

regras gramaticais, mas sem o refinamento e a síntese do *sermo classicus*, também chamado *litterarius*. Este era o latim escrito do apogeu da literatura latina, já o *sermo plebeius* era a variedade falada pela grande massa da população romana analfabeta e menos favorecida. Foi ignorada pelos gramáticos e escritores latinos, mesmo sendo uma língua viva e real e que apresentava variantes, principalmente no léxico. Dependendo do modo de vida dos falantes podemos distinguir o *sermo rusticus* (fala tida pelos gramáticos como descuidada, fala dos moradores do campo), o *sermo castrensis* (falado pelos militares) e o *sermo peregrinus* (latim utilizado pelos estrangeiros em geral e aprendizes de ouvido que, por causa disso, era a variante mais alterada). Conforme Bassetto (2001), o português, galego, castelhano, catalão, provençal, francês, rético, sardo, italiano, dalmático e romeno nasceram do *sermo plebeius*.

O Latim ainda foi mantido pelas classes cultas nos séculos que se seguiram à queda do império romano. Os tabeliães utilizavam-no em documentos oficiais, a Igreja consagrou-o idioma obrigatório até 1961 e, ainda hoje, o latim é o idioma utilizado em documentos, placas de trânsito e programas de rádio no Vaticano. A ciência lançou mão do Latim como idioma universal no séc. XX, mas, já no séc. IX, um cientista de nome Carollus Lineus escreveu tratados de taxonomia em latim; dentre eles, *Systema Naturae*. Atualmente o latim é o idioma usado na classificação de seres vivos, sendo obrigatório na botânica. O latim também foi a língua de muitos tratados filosóficos, científicos e acadêmicos.

## 1.2 O advérbio: a gênese do prefixo e da preposição

Segundo Câmara Jr. (1979), o latim desenvolveu um sistema de prefixos proveniente de partículas adverbiais ou prevérbios<sup>3</sup>. O prefixo, em latim, modifica de maneira adverbial a significação da palavra primitiva.

O sistema latino de prefixos era paralelo ao sistema de preposições. De acordo com o autor, em princípio, a mesma forma ocorria tanto como preposição, regendo um nome como em *ire ex Epheso* (ir para fora de Éfeso), quanto integrada a um nome ou a um verbo, criando uma palavra, como em *exire* (ir para fora).

Como é sabido, ainda lembra Câmara Jr. (1979), o sistema latino de preposições sofreu uma lenta e gradual redução na passagem para o latim vulgar. A partir disso, o paralelismo

---

<sup>3</sup> O termo prevérbio refere-se a um prefixo que, inicialmente, se agregava a uma base verbal e, depois, passou a formar palavras com bases nominais. Alguns autores utilizam o termo partícula prepositiva ou ainda preverbo para designá-lo.

entre os sistemas se rompeu. Muitas dessas partículas que funcionavam também como preposições desapareceram, continuando a existir somente como prefixos.

O latim desenvolveu um sistema de subordinação entre alguns elementos de uma oração a um dado verbo. O complemento desse verbo podia vir em acusativo ou ablativo, o que já denunciava a subordinação, mas a preposição era o elo que delimitava melhor as condições de dependência *ire ad forum* (ir para o fórum), *ire sub freta* (sob os braços - de - mar).

J. Cervoni (1991) diz que, em data antiga, a flexão nominal nas línguas indo-européias era muito rica para assegurar as relações entre o nome e outros elementos; por isso, a preposição não existia. Todavia, as flexões de caso não supriam totalmente as necessidades de expressão. Para amenizar essa falta, era possível juntar à frase um elemento de sentido, sob forma de advérbio, determinando o verbo. Desta maneira a relação tornava-se precisa, embora o advérbio não possuísse relação sintática com o verbo. O uso recorrente desse processo foi suficiente para transformar um advérbio ligado ao verbo em preposição, regendo uma forma nominal. O grego homérico é um exemplo de período intermediário entre o advérbio e a preposição.

De acordo com o autor, a princípio, são de três tipos os advérbios latinos: (i) dois grupos de natureza pronominal e (ii) um terceiro grupo de natureza nominal, que geraria os prefixos e as preposições. Dentre os primeiros, havia aqueles que se associavam semântica e morficamente aos pronomes demonstrativos, como *hic* (nesse lugar em que falo), *illic* (naquele lugar); os outros situam os acontecimentos no momento da comunicação, como *hodie* (hoje), *heri* (ontem). O terceiro grupo de advérbios é de natureza nominal e assinalam modos de ser, podendo ser denominados, de maneira geral, advérbios modais, como *semper* (sempre), *jam* (já).

Conforme Câmara Jr. (1979), o indo-europeu possuía um sistema de advérbios modais, aqueles que pertencem ao grupo de natureza nominal, muito rico e complexo; havia uma grande quantidade de partículas que “rondavam” o verbo. Em latim, ocorreu uma simplificação desse jogo que resultou em dois traços estruturais novos: (i) aglutinação ao verbo e (ii) associação íntima ao complemento nominal do vocábulo verbal.

O processo de aglutinação ao verbo criou o sistema de prefixos, inaugurando um mecanismo de formação de palavras, como em *sub* (embaixo) + *placare* (acalmar a ira) = *supplicare* (pedir humildemente).

A associação da partícula adverbial ao complemento do verbo originou o mecanismo das preposições, mecanismo este que estabeleceu uma redundância entre a marcação de caso e a partícula prepositiva. Essa duplicação, de acordo com Câmara Jr., tornou-se típica no latim

clássico. O autor assevera que o prefixo é “... *a variante presa da forma dependente chamada preposição...*”.

### 1.2.1 As preposições em latim clássico

Diversos trabalhos tratam de fenômenos ocorridos no Latim. Descreveremos, nessa passagem, algumas pesquisas relativas às preposições latinas. Poggio (2002) versa sobre processos de gramaticalização de preposições do Latim ao Português sob uma abordagem funcionalista. Gabas Jr. (2001) discute fenômenos que ocorreram, e ainda ocorrem, nas línguas, chamados mudanças lingüísticas. Para exemplificar o item Mudança Gramatical, processo que tem como resultado uma mudança no sistema gramatical de uma língua, tanto no âmbito morfológico quanto no sintático, o autor lança mão da desflexionalização que ocorreu na passagem do Latim para as línguas românicas, ou seja, a paulatina mudança do tipo morfológico para o tipo sintático nas línguas românicas, sendo as preposições parte integrante desse processo.

Saussure (1975) diz que o indo-europeu não possuiria preposições, tendo numerosos casos com força de expressão para indicar as relações entre os elementos. Segundo o autor, no grego antigo, ocorreu o surgimento da preposição. Isso se deu através de deslocamentos de unidades já existentes, dando origem a um tipo verbal novo (preverbo), via aglutinação e enfraquecimento do genitivo, que se juntou a uma preposição, tendo esse conjunto a idéia que anteriormente era expressa apenas pela forma de genitivo.

Em Costa (2003), foram construídos quadros de preposições do Latim Clássico e do Latim Vulgar. O *corpus* do latim clássico foi constituído das seguintes obras: *Metamorfoses*, de Ovídio, sendo selecionadas *Origo Mundi*, *Homo*, *Quattuor aetates* e *Orpheus*; *Odes*, de Horácio; *Eneida*, de Virgílio, da qual foi escolhido o primeiro canto. A investigação levou em conta o papel das preposições em meio à desflexionalização latina, ou seja, a mudança do tipo morfológico latino para o tipo sintático das línguas românicas, sendo verificadas as causas da dissolução casual e a paulatina inserção das preposições no Latim.

Quadro 1 – Paradigma das preposições do Latim Clássico

Preposições que regem acusativo	Preposições que regem ablativo	Preposições que regem ambos os casos
Ad, per, ob	Cum, a, ex, sine, pro, de, e	Sub, in, ab, ante

(Costa, 2003; 22)

As preposições, em latim clássico, tinham um papel secundário e regiam apenas acusativo e ablativo. O paradigma era numeroso, mas havia restrição de uso a apenas dois casos. Já no período vulgar, o quadro de preposições se reduziu, com a perda de muitas preposições e a transferência do seu sentido para as preposições que se mantiveram, inovando no que se refere à regência, pois os casos genitivo e dativo começaram a ser regidos por preposição.

Vejamos algumas considerações feitas em relação às preposições latinas na literatura.

Valente (1949) classifica a preposição como palavra invariável que é anteposta a um nome ou pronome para exprimir uma circunstância de lugar, tempo, modo, causa, instrumento, afastamento, dentre outras. O autor apresenta as preposições que regem acusativo e ablativo, bem como aquelas que podem reger ambos os casos.

Faria (1995) tece alguns comentários acerca das preposições. Segundo o autor, as preposições seriam antigos advérbios ou partículas independentes que teriam se originado de antigas formas nominais flexionadas. A sua função, de início, teria sido a de dar maior ênfase à expressão, já que os casos tinham a capacidade de exprimir as relações sintáticas. Depois, porém, os casos perderam a força significativa e, por isso, o uso dessas partículas tornou-se necessário para dar clareza à expressão. Essa necessidade teria determinado o surgimento de uma nova classe gramatical, a das preposições.

Conforme Faria (1995), não são as preposições que regem os casos, mas os casos que passaram a exigí-las. O autor também divide as preposições em três grupos, as preposições que se empregam com acusativo, as que se empregam com ablativo e as que se empregam ora com acusativo ora com ablativo.

Complementando o estudo das preposições, Faria (1995) assevera que o processo pelo qual passaram os advérbios até se tornarem preposições é observável através da história do latim. O autor cita como exemplo *contra*, que aparece como preposição de acusativo na época clássica e, no período arcaico, já era encontrada como advérbio. O vocábulo *simul*, na prosa clássica, utilizado como advérbio, também aparece como preposição na poesia de Horácio.

Outras preposições provindas do indo-europeu seriam antigas formas casuais cristalizadas como advérbios. Esses advérbios teriam a característica de servirem simultaneamente ao sistema das preposições e dos prevérbios, tais como *ex*, *de*, *prae*, *com*, *cum* e outras.

Ainda, de acordo com Faria (1995), por causa da natureza das preposições, não é comum que, em um grupo sintático, uma preposição preceda imediatamente a outra, ou a um advérbio, mas isso pode acontecer em expressões feitas, como *ex ante diem*<sup>4</sup>. Uma preposição acompanhando um advérbio era possível na língua falada; por isso, uma construção assim pode ser encontrada nos comediográficos latinos, nas falas dos personagens, como *depost*, *insuper*, *desuper*.

Faria (1995) comenta que a classificação dessas partículas por vezes assume uma “antinomia gramatical”, já que as preposições e os prevérbios eram, na sua origem, partículas independentes que poderiam preceder ou pospor a palavra com que se construía.

Almeida (1997) diz que preposição é toda palavra que serve para ligar duas outras. A palavra que vem após a preposição chama-se **regime**; então, as preposições regem as palavras, ou seja, subordina-as. O autor divide as preposições latinas em três grupos: preposições que regem acusativo, preposições que regem ablativo e a preposição *in*, que rege ablativo e acusativo. O autor não faz qualquer menção à semelhança entre preposição e advérbio ou às demais preposições que regem acusativo e ablativo.

Podemos perceber que o tratamento dado às preposições está geralmente relacionado à regência. A preposição latina rege o caso acusativo e o caso ablativo, e algumas regem ambos os casos. Faria (1995) é um autor que aprofunda um pouco mais a questão, fazendo alusão à origem, à problemática da classificação dessa classe gramatical e ao seu parentesco com os advérbios.

### 1.2.2 Os processos de derivação e de composição em latim clássico

Segundo Faria (1995), as palavras em latim são formadas através dos processos de derivação e de composição.

O processo de derivação se dá através da adjunção de sufixos a temas verbais ou nominais. O autor traz alguns exemplos para exemplificar esse tipo de processo. Os sufixos formadores de substantivos podem anexar-se a temas verbais (formando substantivos verbais), como o sufixo *-a* em *advena* “o que chega”, formado a partir de *advenio* “chegar”, e a temas

nominais (formando substantivos denominativos), como o sufixo *-ties* em *segnities* “lentidão”, formado a partir de *segnis* “lento”, ou os sufixos *-ellus*, *-olus*, *-ulus* e *-culus*, que designam diminutivo, como em *puellus* “menininho”, de *puer* “menino”.

Os sufixos formadores de adjetivos podem igualmente anexar-se a temas verbais e nominais: o sufixo *-ax*, como em *bibax* “beberrão”, formado a partir de *bibo* “beber” ou o sufixo *-anus*, como em *urbanus* “urbano”, formado a partir de *urbs* “cidade”.

Os sufixos que formam numerais se juntam somente a temas nominais, como o sufixo *-esimus* em *centesimus* “centésimo”, que se formou a partir de *centum* “cem”; já os sufixos formadores de verbos anexam-se apenas a temas verbais, como o sufixo *-to* em *dormito* “ter sono”, a partir de *dormio* “dormir”.

Os advérbios são formados através da junção de sufixos formadores de advérbios a temas nominais (quer sejam pronomes, substantivos, adjetivos, advérbios e até a forma nominal supino, que se assemelha ao particípio do português), como o sufixo *-e* em *male* “mal”, de *malus*, *-a*, *-um*, ou *tim*, em *cateruatim* “em bandos”, de *caterua* “bando”.

Ainda segundo Faria (1995), dentre os processos de formação de palavras em latim, derivação e composição, os prefixos fazem parte do fenômeno da composição, que consiste na reunião de duas palavras existentes na língua para formar uma terceira, ou na anteposição de prefixos ou partículas prepositivas a uma palavra que existe independentemente na língua.

É necessário que se faça, aqui, uma ressalva: os gramáticos latinos se referem ao fenômeno da prefixação como fruto do processo da composição. Nessa revisão, decidimos manter a nomenclatura clássica, mas partimos do pressuposto de que os prefixos são elementos que fazem parte da prefixação e não da composição.

Faria (1995) fala de prevérbios e de partículas prepositivas quando discorre sobre a composição em latim clássico. Segundo Faria (1995), a composição latina se daria através da união de duas ou mais palavras vindo a formar um novo vocábulo, cuja significação é independente da significação de cada um dos elementos formadores do composto, podendo até ser muito diferente.

O autor diz que, nas palavras compostas propriamente ditas, o primeiro elemento da composição pode ser uma partícula, um tema nominal e, muito raramente, um tema verbal. O primeiro elemento é um tema nominal principalmente nos compostos nominais, tais como *altitonas* (*altus*, *a*, *um* = alto; *tono* = trevejar) – “que treveja alto”. O composto que é formado pela anteposição de uma partícula prepositiva ou de um prevérbio é o mais típico em latim;

---

<sup>4</sup> Antes de ontem.

nos verbos, esse é o único processo empregado, sendo que também é encontrado nos compostos nominais.

Faria (1995) chama a atenção para o fato de o único divisor entre a composição verbal e nominal ser a primitiva independência dos preverbiais e das preposições em relação ao verbo. As partículas podiam vir inclusive separadas destes, o que não ocorre nos nomes, pois, nos compostos nominais, as partículas são sempre inseparáveis.

Segundo Faria (1995), as principais partículas prepositivas ou preverbiais em latim são os que se seguem.

a, ab, abs	- idéia geral de <b>afastamento</b> <i>averto, absum, abstineo</i>
ad	- idéia geral de <b>aproximação</b> <i>adeo, adloquor</i>
ambi, am, na	- idéia de <b>circuito</b> , ou seja, <b>dos dois lados</b> <i>ambidens, amplexus, amceps</i>
ante	- idéia de <b>antes de, prioridade</b> <i>antesto</i>
com	- idéia de <b>companhia, de conjunto</b> <i>comitium,</i>
de	- idéia de <b>afastamento</b> com sentido de <b>de cima para baixo</b> <i>descendo, decurro</i>
dis	- idéia de <b>dispersão</b> <i>discerno, displiceo</i>
ex	- idéia de <b>afastamento de dentro para fora</b> <i>exeo, exarmo</i>
in	- idéia de <b>posição em, movimento conta</b> <i>ingredior, impono</i>
In	- idéia de <b>negação</b> <i>incognitus</i>

inter	- idéia de <b>entre</b> <i>intercipio</i>
per	- idéia de <b>através de</b> <i>pervolo</i>
post	- idéia de <b>depois</b> <i>postpono</i>
prae	- idéia de <b>antes de</b> <i>praestruo</i>
praeter	- idéia de <b>ao longo de</b> <i>praetermeo</i>
pro	- idéia de <b>na frente de</b> , para <b>adiante</b> <i>procedo, procurro</i>
re	- idéia de <b>movimento para trás</b> <i>regredior</i>
se	- idéia de <b>separação</b> ou <b>privação</b> <i>segrego</i>
sub	- idéia de <b>debaixo de, às ocultas</b> <i>subduco, subintro</i>
trans	- idéia de <b>além de</b> <i>transcurro</i>
ve	- idéia de <b>privação</b> <i>vesanio</i>

Almeida (2000), ao tratar do fenômeno da composição, diz que, em latim clássico, o processo se dá através de palavras, partículas ou preposições que se antepõem. O autor faz uma distinção entre a composição dos substantivos e adjetivos e a composição dos verbos. O processo de composição dos substantivos e adjetivos seria como nos exemplos abaixo.

(i) *agricola* (*agri*, genitivo de *ager* = campo; *cola*, do verbo *colo* = cultivador) = agricultor; cultivador do campo

(ii) *magnanimus* (*magnus*, -a, -um = grande; *animus*, -i = espírito) = dotado de grande espírito, de grande alma, magnânimo

Teríamos, portanto, a junção de duas palavras já existentes na língua formando um terceiro vocábulo.

Para o autor, os verbos compostos são formados mediante a anteposição de preposições (sendo aqui utilizadas com a função de prefixos) ou partículas ao verbo simples. Esse processo pode gerar a mudança da forma da preposição e mudança de forma e de prosódia do componente. Vejamos alguns exemplos:

(i) Mudança de forma da preposição - preposição *ab*: *abs* diante de **c** e de **t** = *abscedo* e *abstineo*; *as* diante de **p** = *asporto*;

(ii) Mudança de forma e de prosódia do componente – *ae* se transforma em *i* longo: *caedo* – *recido*; *au* se transforma em *o* longo ou em *u* longo: *plaudo* – *explodo*.

Valente (1949) diz que a composição é um processo formador de palavras novas com a união de dois ou mais elementos. Segundo o autor, em todo composto, o segundo elemento é o portador da idéia genérica e chama-se **determinado**; o primeiro elemento contém a idéia específica e é chamado **determinante**.

O autor discorre sobre fenômenos que ocorrem quando da prefixação. Acompanhemos o que Valente (1949:121,122) traz quando da composição. O determinante sofre as seguintes modificações: (i) abrandamento das vogais *a*, *o* e *u* antes de consoantes como em *tubi-cen* (“*tuba* + *cano*”) = “o trombeteiro”, *signifer* (“*signo* + *fero*”) = “o porta-bandeira”; (ii) queda da vogal, como em *magnanimus* (“*magno* + *animus*”) = “magnânimo”; (iii) inserção do *i* como uma vogal de ligação, como em *matricida* (“*mater* + *caedo*”) = “o matricida”; (iv) queda da consoante final, como em *homicida* (“*homin* + *cida*”) = “o homicida”.

Já o determinado, o outro membro da composição, é afetado pelos seguintes fenômenos: (i) abrandamento de vogal de *a* para *e*, como em *inermis* (*arma*) = “desarmado”, de *a* para *i*, como em *inimicus* (*amicus*) = “inimigo”, de *e* para *i*, como em *coligo* (*lego*) = “colho; (ii) abrandamento do ditongo *au* para *o* e *u*, como em *explodo* (*plaudo*) = “rejeito”, *excludo* (*claudo*) = “excluo”, de *ae* para *i* como em *parricida* (*caedo*) = “o parricida”.

Ainda seguindo Valente (1949), os compostos em latim resultam da união de verbo + verbo, de nome + nome e da união de partículas (principalmente preposição) com o verbo.

Segundo alguns autores citados, a anteposição do prefixo a um tema, seja nominal ou verbal, pode provocar mudança da forma do prefixo ou da base. Temos, portanto, fenômenos como abrandamento de vogais e de ditongos, queda de vogais e de consoantes finais, inserção de vogal de ligação, a saber *i*, e assimilação de ponto de articulação.

Partindo da íntima relação existente entre as preposições e os prefixos, esta pesquisa pretende dar conta da investigação de como se comportam prosodicamente as preposições e os prefixos, em latim clássico, e a sua localização no léxico, no que se refere aos estratos

lexical e pós-lexical. Para tanto, esta investigação objetiva tratar do grupo de preposições que tem uma contrapartida no sistema de prefixos na fase clássica da língua latina.

O estudo lançará mão da Fonologia Prosódica, teoria que evidencia a relação existente entre a fonologia e os outros componentes da gramática. Utilizaremos pressupostos da Fonologia Prosódica para investigar, em latim clássico, características prosódicas das preposições, tais como a reestruturação da palavra fonológica através da elisão e a sua função proclítica. Os prefixos latinos serão descritos em relação ao seu comportamento em relação ao acento. A Fonologia Lexical, teoria que tem como objeto de estudo a interface entre a morfologia e a fonologia, isto é, a relação existente entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam, auxiliará na localização dos fenômenos que pretendemos descrever. As preposições e os prefixos são elementos de categorias diferentes, morfossintática e morfológica, sucessivamente. Em alguns momentos desta descrição, veremos que não há isomorfismo perfeito entre os constituintes da gramática e a aplicação de regras.

Após esse capítulo introdutório, passaremos ao capítulo que trata da metodologia do trabalho, o qual traz o *corpus* desta dissertação.

## 2 METODOLOGIA

Utilizaremos, nesta pesquisa, um *corpus* poético formado por obras da literatura latina da fase clássica. Na fase clássica da literatura latina, que é conhecida através da língua escrita, destacam-se a poesia e a prosa, gêneros dos quais o primeiro satisfaz mais adequadamente a necessidade desta investigação. Justificamos a escolha de um *corpus* poético pelo fato de só podermos ter acesso à prosódia do latim através de textos poéticos rigidamente metrificados. Após a constituição do *corpus* poderemos dar início à descrição de algumas características prosódicas de preposições e prefixos latinos.

### 2.1 Prosódia e métrica latinas

Traremos, neste capítulo, além de regras de escansão da poesia latina, observações sobre a elisão e a característica proclítica das preposições e informações sobre a regra geral do acento latino sob a ótica da tradição da métrica e prosódia latinas. O verso português é uma série rítmica de sílabas em um determinado número e com determinados acentos. O verso latino também é uma série rítmica de sílabas, mas, para o latim, o que conta é a quantidade das sílabas, ou seja, se elas são longas ou breves.

Baseando-nos em Lipparini (1961), vejamos algumas regras gerais de prosódia<sup>5</sup>: (i) os ditongos e as vogais contratas são longas por natureza: *aurum, terrae, flerunt, nemo* (de *ne + homo*); (ii) vogal seguida de vogal é sempre breve<sup>6</sup>, mesmo que haja um *h* interposto: *filius, meus, prohibeo*; (iii) vogal seguida de duas consoantes ou de consoante dupla (*x, z*) torna-se longa por posição: *accedit, tempus, gaza, maximus*; (iv) quando uma das consoantes está no fim de uma palavra e a outra no início da palavra seguinte, a vogal também torna-se longa por posição: *ad bellum, sub terras*.

Há exceções à regra (ii) e à regra (iii). São elas: (i) o *e* do genitivo e dativo singulares de 5<sup>a</sup>. declinação é breve quando precedido de consoante (*fidei*); mas é longo quando precedido de vogal (*diei*); (ii) o *i* dos genitivos em *-ius* é longo (*illius, alius, alterius*); (iii) o *i* do verbo *fio* é breve só nas formas em que há *r* (*fieri, fierem*) e nas demais é longo (*fio, fiebam*); (iv) quando o *i* (*j*) aparece entre vogais, a vogal precedente é longa (*maior, peius eius, Gaius*); (v)

---

<sup>5</sup> Listamos, nessa passagem do texto, algumas regras de prosódia, dando atenção especial às regras que possam fazer alusão aos prefixos e às preposições. Mais informações podem ser encontradas em Lipparini (1961).

se a primeira de duas consoantes é muda (oclusiva) e a segunda é líquida, a vogal é breve na prosa e ancípíte<sup>7</sup> na poesia (então *tenēbrae* na prosa, mas *tenēbrae* e *tenēbrae* na poesia); (vi) se a muda e a líquida não pertencem à mesma sílaba ou se a vogal já é longa por natureza, a vogal será sempre longa: *sub-latus*, *ob-rutus* (*sublatus*, *obrutus*).

O autor traz informações sobre a quantidade dos radicais, compostos, monossílabos, sílabas finais em vogal, sílabas finais em *-s* e quantidade das palavras gregas.

As formas derivadas, em geral, conservam a mesma quantidade dos radicais.

A maioria dos compostos latinos é formada através de adjunção de partículas e prefixos, como, por exemplo, *ab*, *ad*, *ob*, *per*, *cum*, *de*, *super*, *circum*. Estas partículas, de maneira geral, conservam a sua quantidade quando do processo da composição: *peragro*, *adeo*, *pereo*, *desum*. Quando uma partícula terminada em consoante é agregada a uma palavra que inicia por consoante, torna-se longa por posição, mesmo tendo alterações fonéticas. As partículas que terminam em vogal são longas: *de*, *se*, *pro* e continuam longas quando se juntam a uma base formando uma palavra nova: *separo*, *produco*.

Por outro lado, *de* e *se* são breves diante de vogal: *dees* (*de+esse*), *seorsum*; *pro* é breve em algumas palavras: *procella*, *proceres*, *procul*, *profanus*, *proficiscor*, *profiteor*, *propinquus*, *protervus*.

Os monossílabos, dentre eles as preposições, que terminam em vogal são longos: *a*, *de*, *me*, *si*, *pro*, *o*, etc; são breves apenas as enclíticas: *que*, *ne*. Os monossílabos que terminam em consoante são divididos em dois grupos: substantivos ou não. Os monossílabos substantivos são longos (*bos*, *sal*, etc), os demais são breves (*ab*, *ad*, *dat*, etc). Esses monossílabos podem tornar-se longos por posição (*at pius Aeneas*). Vejamos algumas aplicações das regras de prosódia na métrica latina.

Segundo Said Ali (1957), o verso é uma unidade formada de palavras ou frases em que todas as unidades têm o mesmo ritmo. O ritmo é formado a partir da construção de frases de modo que os ictos das palavras se dêem em intervalos marcados. A sílaba portadora do icto é aquela cuja pronúncia se sobressai em relação às outras do mesmo vocábulo. O autor argumenta que o icto pode ser produzido pela maior intensidade da voz ou pela maior altura do som. A palavra acento é utilizada como sinônimo de icto em ambos os sentidos. Em grego antigo o acento era musical, isto é, as sílabas se diferenciavam através de tons agudos e graves. O acento grego passou a intensivo modernamente. O acento latino era uma mistura de altura tom e quantidade.

---

<sup>6</sup> Antes de vogal o ditongo do vocábulo *prae* também se torna breve.

<sup>7</sup> Uma vogal é ancípíte quando ela pode ser tanto breve quanto longa.

Uma combinação de sílabas longas e de sílabas breves é denominada de **pé**. Da mesma forma que notas musicais agrupam-se em compassos, as sílabas longas e breves agrupam-se em pés. Um número determinado de pés forma um verso. De acordo com Lipparini, os pés mais usados em latim são:

- (i) o **dáctilo** (uma longa e duas breves): *tēm-pŏ-rǎ*;
- (ii) o **anapesto** (duas breves e uma longa): *sŭ-pĕ-rī*
- (iii) o **jambo** (uma breve e uma longa): *mǎ-nŭ*
- (iv) o **troqueu** ou coreu (uma longa e uma breve): *vŭl-nŭs*;
- (v) o **espondeu** (duas longas): *cŭn-ctōs*.

Todo pé é caracterizado por possuir uma elevação (*arsis*) e uma depressão (*tesis*). A *arsis* cai geralmente nas sílabas longas e a *tesis*, nas sílabas breves. A *arsis* e o acento tônico nem sempre coincidem, portanto um verso pode ser lido gramaticalmente ou com o ritmo ditado pelo verso. A alternância entre a *arsis* e a *tesis* determina o ritmo do verso. Como uma sílaba longa equivale a duas breves, um dáctilo pode ser substituído por um espondeu. Quando os versos são muito longos, ocorrem pausas, que se chamam de cesuras. A cesura mais usual é a que incide na *arsis* do terceiro pé, cesura semiquinária ou pentemímera. A cesura que incide após a *arsis* do quarto pé é denominada cesura semi-setenária e é menos comum. Dividir um verso em pés e marcar a *arsis* é escandir um verso.

Ainda segundo Lipparini (1961), dentre os versos latinos, os mais utilizados são o hexâmetro e o pentâmetro. O *corpus* utilizado, neste trabalho, é constituído desses dois tipos de versos, o hexâmetro e o pentâmetro. As obras de Horácio obedecem ao esquema métrico em que se segue, a estrofe alcaica:

- √ > / - // √ √ √ √<sup>8</sup>  
 - √ > / - // √ √ √ √  
 - √ > / - // √ √ √ √  
 - √ > / - // √ √ √ √  
 - √ √ √

O hexâmetro dactílico é composto de seis dáctilos, sendo que qualquer um dos primeiros quatro dáctilos podem ser substituídos por espondeus, o quinto é geralmente insubstituível, o sexto perde a última sílaba e torna-se um troqueu, mas, como a última sílaba de um verso é livre, às vezes temos um espondeu. Vejamos a estrutura métrica do hexâmetro abaixo:

- √ √ √ √ √ √ √ √

ou

-- / / / / / ~ / ~

O pentâmetro, também conhecido como verso elegíaco, não é empregado sozinho, mas sempre junto com um hexâmetro, com o qual forma o dístico elegíaco. Este verso é um hexâmetro em que o terceiro e o sexto pé perderam a *tesis*. O pentâmetro é formado de duas partes iguais com cinco meio-pés cada separadas por uma cesura. Os dáctilos da primeira parte podem ser substituídos por espondeus, os da segunda, não. A estrutura métrica está a seguir:

-- ~ / ~ / ~ / ~ / ~

Quando escandimos um verso, temos de dar especial atenção à **elisão**. Quando temos uma palavra que termina em vogal ou *-m* e a palavra seguinte inicia por vogal ou *-h*, a primeira vogal é absorvida pela vogal da palavra seguinte. Discutiremos no capítulo de análise questões sobre o ambiente de aplicação da elisão da elisão em latim.

(1)

*Alma pre-/ cor mise-/rere po-/ tes nam-/que omnia/necte.*<sup>9</sup>

(2)

*Oran-/dum est ut/sit mens/sana in/corpore/sano.*

No exemplo em (16), podemos observar o fenômeno da elisão. A vogal final do vocábulo *que* é apagada diante da vogal inicial do vocábulo *omnia* e a sílaba do monossílabo *que* não é contada. O mesmo ocorre com o exemplo em (17) entre os vocábulos *dum est* e *sana in*.

O oposto à elisão seria o que o autor chama de hiato. Ao invés de ocorrer a perda da sílaba, a vogal final se alonga e forma um hiato com a vogal do vocábulo seguinte, inclusive deixando os dois vocábulos em pés separados. Vejamos o exemplo (3).

(3)- *Et ve-/ra inces-/su patu-/it dea:/ille ubi/matrem.*

<sup>8</sup> .> é um símbolo que indica uma sílaba longa que não é contada. // indica a cesura que divide o pé.

Conforme Said Ali (1957), as normas de prosódia latina dizem que devemos acentuar a penúltima sílaba de um vocábulo se ela for longa; se for breve, o acento passará para a antepenúltima sílaba. O autor lembra que a regra geral visa aos vocábulos isoladamente; por isso, são necessárias regras complementares que possam dar conta do contato de vocábulo com vocábulo. A obrigatoriedade da antepenúltima como limite para a acentuação faz com que nos surpreendamos com versos cuja metrificação e ritmos exigem acento na pré-antepenúltima.

O autor diz que, na poesia, as três primeiras sílabas, longa + breve + breve, de *arboribus*, *divitia*, *purpureus*, *carminibus*, *incipio*, *praecipitat* e de outros tetrassílabos com a mesma estrutura figuram como dáctilos, recebendo acento na longa inicial, indo de encontro ao que manda a regra geral de acentuar a sílaba breve imediata. Além do acento na longa inicial, esses vocábulos possuem acento secundário na quarta sílaba.

Said Ali (1957) ainda acrescenta que seria improvável que os poetas utilizassem, nos versos, prosódia inteiramente alheia ao falar corrente; para o autor, havia dualidade de pronúncia para os tetrassílabos referidos anteriormente. O enfraquecimento da vogal temática em *incipio de in + capio*, *praeficio de prae + facio* e outras transformações semelhantes atestariam a hipótese de que, no início, se acentuava a sílaba inicial e de que a regra do limite da antepenúltima era desconhecida do latim primitivo. Mas a regra geral aplica-se integralmente aos tetrassílabos cujas três sílabas terminais formam dáctilo: *arméntibus*<sup>9</sup>, *claríssimus*, *verúmtamen*, *circúmvolat umbra* (Virg. En. II, 360), *circúmdare saltus* (Virg. Ecl. X, 57), *circúmdedit arces* (Virg. Georg. II, 535). A regra geral, portanto, parece se referir aos vocábulos formados de três ou mais sílabas e aos vocábulos dissílabos cujo primeiro elemento é longo. Mas onde recai o acento em vocábulos dissílabos com a penúltima breve, como em : *tamen*, *dare*, *satis*, *mare*, *procul*? O autor diz que, de maneira isolada, devemos acentuar a primeira sílaba, já que o acento não poderia cair na sílaba final, mas, inclusas em um contexto, ligadas pela pronúncia à sílaba precedente longa, constituem com ela um dáctilo, perdendo, assim, o acento próprio.

De acordo com Said Ali (1957), a prosa comum dá indício desse fenômeno, como nos exemplos: *ádmódum*, *póstmodo*, *dúmmodo*, *dénuo*, *ínsuper*, *désuper*. Essas combinações

<sup>9</sup> Optamos por não trazer a tradução dos versos em latim por dois motivos: (i) Por vezes, os verbos ou outras partes do discurso, estão em versos separados, o que nos obrigaria a registrar, em muitos casos, a tradução de uma estrofe ou passagem inteira, por vezes até mesmo um canto inteiro.

<sup>10</sup> O sinal gráfico está sendo utilizado apenas como indicador da sílaba portadora do acento, pois em latim não se marca graficamente essa sílaba.

teriam escapado aos olhos dos estudiosos quando projetaram para o Latim a função de proclíticas observada em algumas preposições e conjunções. Segundo o autor, isso é aceitável somente quando após essas partículas vier uma sílaba longa, como em: *ad auras, in undam, in auctores*. Nesses casos a preposição se apoiaria no acento da sílaba inicial do vocábulo seguinte. Mas, em exemplos como *in mare, sed rapit, per iuga*, a preposição e a palavra seguinte eram proferidas como se fossem ligadas, pois os dissílabos que seguem as preposições têm a sílaba inicial breve, o que impede as preposições de desempenharem a função de proclíticas. Nesses casos as preposições acabam se juntando à palavra regida como se fossem sílabas, como nos hexâmetros: *per mare magnum* (En. V, 628), *sub iuga mittant* (En. X, 259), *tamen usus* (Met. III, 359), *non sine multa* (A. poet. 281) e *non sine fumo* (Ib. Sat. I, 80).

Os tratados de prosódia mandam que a última sílaba dos vocábulos latinos não seja acentuada, salvo em *adhuc, nostras, illic, adduc, istinc*. Outra observação importante pode ser feita em relação a isso, diz o autor, pois essa regra só pode ser rigorosamente aplicada aos vocábulos isoladamente. A versificação comprova que a última sílaba do vocábulo latino pode receber acento se figurar como sílaba longa de um jambo ou dáctilo, como *virginés tepebunt* (Hor. Ov. I, 4); *rumperét silentium* (Hor. Ep. 9).

Faria (1970) diz que toda palavra latina possui acento, a não ser vocábulos átonos que se apóiam na palavra precedente ou seguinte, proclíticos e enclíticos. Para o autor, as preposições simples são proclíticas e se apóiam na palavra seguinte, formando com ela um todo fonético, sem influenciar a atribuição do acento do vocábulo.

## 2.2 Seleção das fontes

Para dar conta da presente investigação, escolhemos obras de autores representativos da literatura latina clássica. Como pretendíamos realizar um levantamento que representasse a fase clássica, ainda que não exaustivo, o *corpus* foi constituído de três obras de três autores que figuram como ícones do apogeu da produção literária latina: *Odes*, de Horácio; *Eneida*, de Virgílio; *Metamorfoses*, de Ovídio<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Também tivemos o cuidado de fazer o levantamento de dados a partir das edições da editora *Les belles lettres*, pois essa editora é tida como a fonte mais confiável no que se refere a obras em latim.

*Odes*, de Horácio, forneceu-nos uma quantidade relativamente pequena de dados. Isso era de se esperar, pois essa obra é constituída de poemas mais sintéticos. Já a *Eneida*, de Virgílio, e as *Metamorfoses*, de Ovídio, renderam-nos uma quantidade expressiva de dados. Pela própria característica da obra, esse fato deveria confirmar-se, já que se tratam de narrativas longas.

Dentre os tipos de versos que Horácio utilizou para escrever *Odes*, destaca-se o pentâmetro, verso este que se caracteriza por ter cinco pés, compostos de dáctilos ou de espondeus, e que forma, com o hexâmetro, um dístico elegíaco. Já Virgílio e Ovídio fizeram do hexâmetro o tipo de verso das suas obras.

### 2.2.1 Levantamento e preparação dos dados

Incluímos, no nosso *corpus*, todos os versos que continham prefixos e preposições. Após isso, procedemos à escansão dos versos e identificamos os ambientes nos quais ocorreu elisão e nos quais o prefixo contribuiu ou não para o acento de sua base. A distribuição dos dados para o grupo das preposições buscou, em um primeiro momento, dar conta do ambiente propício para a elisão e para o que os autores latinos denominam hiato. Os espaços em branco indicam a falta do dado e, para aquelas preposições que figuraram em muitos dados, procuramos considerar duas ou três ocorrências para incluir na nossa análise, impedindo, assim, uma repetição desnecessária. O mesmo vale para os prefixos. Como diz Said Ali (1953), o fenômeno da elisão ocorre quando uma palavra, no nosso caso uma preposição, termina em vogal ou *-m* e é seguida de palavra iniciada também por vogal. O hiato ocorre no mesmo ambiente: ao invés de termos a elisão, a vogal da preposição se alonga e forma um hiato com a vogal da palavra seguinte. Os gramáticos e estudiosos de prosódia do latim não dão maiores explicações em relação à motivação do hiato, referindo apenas que, quando a elisão não se instala, ocorre o hiato. Vejamos a tipologia abaixo<sup>12 13</sup>.

<sup>12</sup> A sílaba acentuada de cada pé a primeira sílaba longa.

<sup>13</sup> Os espaços em branco indicam a falta de dado para a tipologia.

Prepo si- ção	Palavra seguinte iniciada por vogal	Palavra seguinte iniciada por consoante
circa	<i>Sāevī/ēt cīr/ca ī//ēcūr/ūlcē/rōsūm</i> <i>Rēspōn/sāt cīr/ca ēt cāe/lūm tōnāt/ ōmně tŭ/mŭltŭ.</i>	<i>Plūrī/mūm cīr/cā //němŭs</i> <i>/ŭvī/dīqŭe</i>
cum	<i>Vīx hāec<sup>14</sup> ēdīdērāt cum ēffūsīs īmbrībŭs ātrā</i>	<i>Cūm lārě/fŭndŭs</i>
sine	<i>Sīc fāctŭs sēnīōr tēmlŭnqŭe īmbēllē sīne īctŭ.</i> <i>Vīr Trōī/āně sī/ne hānc ānī/mām ēt mī/sīrě</i> <i>prě/cāntīs</i>	<i>-Nōn sīně /qŭestŭ</i> <i>-Triste solum, sterilis sine fruge,</i> <i>sine arbore tellus</i>
de		<i>Ūnā /dē mŭl/tīs //fācě</i> <i>/nŭptī/ālī</i>
prope		<i>Lībě/rō cā/prŭm //prōpě</i> <i>/fŭně/rātŭs</i>
intra		<i>-Dŭci īntrā/ mŭrōs/</i> <i>hōrtā/tŭr ēt/ ārcě lō/cārī.</i>
pone	<i>Pōne ānī/mōs ēt/ pŭlsŭs/ ābī. Sāt/ fŭnērā/ fŭsī.</i> <i>Pōne āgě/ nēc tītŭ/lōs īn/tērcīpě/, fēmīnā nōstrōs.</i>	<i>Pōně /sŭb cā/rrŭm</i> <i>//nīmī/ŭm prō/pīnqŭī</i>
in	<i>Vōltŭs īn /hōstēm</i>	
per	<i>Sīvē /fāctŭ/rŭs //pěr īn/hōspī/tālēm</i>	<i>Pěr dōlŭm /āmō/tās</i> <i>//pŭě/rŭm mī/nācī</i>
inter	<i>Īntěr /āudā/cīs //lŭpŭs /ērrāt /āgnōs</i>	
super	<i>Mittě /cīvī/līs //sŭpěr /ŭrbě /cūrās</i>	<i>Qŭem /sŭpēr /nō//tās</i> <i>āl/vērě /rīpās</i>
post	<i>Rōmŭ/lō pōst /hōs //prīŭs /nā quī/ētŭm</i>	<i>Dŭrā /pōst pāu/lō //fīgī/ēs</i> <i>īn/āudāx</i>
sub	<i>Quāe mǎ/nēnt cŭl/pās //ētī/ām sŭb /Ōrcō</i>	<i>Sŭb pēdě /pālmām</i>
ob	<i>Vi sŭpě/rŭm sāe/vāe mēmō/rēm jŭ/nōnīs ōb/ īrām</i>	

<sup>14</sup> A letra *h* equivale à vogal.

ante	<p><i>Mūltā/ tībī ān/te ārās nōs/trā cādēt/ hōstīā/</i> <i>dēxtrā.</i></p> <p><i>Nātum ānte ō/rā pā/trīs pā/trēm qūi ōb/trūncāt</i> <i>ād/ ārās</i></p> <p><i>Vīsā mī/hi ānte ōcū/lōs ēt/ nōtā mā/īōr ī/māgō.</i></p>	
circu m	<p><i>Fēta ār/mīs pūē/rī cīr/cum īnnūp/tāeqūe pū/ēllāe.</i></p> <p><i>Cīrcum ē/rrānt ā/cīēs ēt/, nī mēā/ cūrā rē/sīstāt.</i></p> <p><i>Ālbā sō/lō rēcūn/bāns āl/bī cīr/cum ūbērā/ nātī.</i></p>	
contr a	<p><i>Īlī/cēt īn/fāndūm/ cūnctī cōn/tra ōmniā/ bēllūm</i></p> <p><i>Cōntra āu/tēm māg/nō māe/rēntēm/ cōrpōrē/</i> <i>Nīlūm.</i></p>	
supra	<p><i>Vērtītūr/ ārmā/ tēnēs ēt/ tōtō/ vērtīcē/ sūpra ēst.</i></p> <p><i>Sūpra hō/mīnēs, sū/prā īrāe/ dēōs pī/ētātē vī/dēbīs.</i></p>	

Ainda segundo o autor, em algumas circunstâncias, a preposição e o vocábulo seguinte são pronunciados como se fossem ligados, dependendo da quantidade dos mesmos. Para dar conta dessa questão, procedemos a uma nova distribuição dos dados que fizesse referência à quantidade das sílabas das palavras regidas e marcasse, através da escansão do verso, a quantidade da preposição.

Preposição	Palavra seguinte iniciada por sílaba breve	Palavra seguinte iniciada por sílaba longa
Circa	<i>Plūrī/mūm cīr/cā //nēmūs</i> <i>/ūvī/dīqūe</i>	
Cum	<i>Cūm tībī /plāusūs</i>	<i>Sīgnā /cūm cāe/lō //gēlī/dāqūe /dīvōs</i>
Sine		<i>Ēt pā/rūm cō/mīs //sīnē /tē iū/vēntās</i>

De		
Prope		<i>Lībě/rō cā/prūm //prōpě /fūně/rātūs</i>
Intra		
Pone		<i>Pōně /sūb cā/rrūm //nīmī/ūm prō/pīnqūi</i>
In	<i>Cōndī/tūm lē/vī, //dātūs /īn thě/ātrō Sīvě /fāctū/rūs //pěr īn/hōspī/tālēm</i>	<i>Nūpěr /īn prā/tīs //stūdī/ōsā /flōrūm</i>
Per		<i>Sīvě /pěr Sīr/tīs //ītěr /āestrū/ōsās</i>
Inter		<i>Īntěr /āudā/cīs //lúpūs /ērrāt /āgnōs</i>
Super		<i>Mīttě /cīvī/līs //sūpěr /ūrbě /cūrās</i>
Post		<i>Dūrā /pōst pāu/lō //fīgī/ēs īn/āudāx</i>
Sub	<i>-Sūb pēdě /pālmām</i>	<i>Cūr nōn /sūb āl/tā //vēl plā/tānō /vēl hōc</i>
Ab	<i>Vīctōr āb /ōrā</i>	

Trabalhamos, portanto, com duas tipologias para examinar o comportamento prosódico das preposições: (i) a primeira refere-se à elisão e ao hiato; (ii) a segunda pretende dar conta da característica proclítica das preposições.

Buscando indícios para o *status* prosódico dos prefixos, escolhemos tratar os dados da seguinte maneira: (i) prefixos que contribuem para o acento; (ii) prefixos que recebem acento no verso. É importante que lembremos de que um mesmo prefixo, dependendo do verso, pode figurar em mais de uma tipologia. Os dados nos quais o prefixo não contribui para o acento foram excluídos porque exemplificam o comportamento mais geral, a característica diferenciadora de modificar o acento de sua base, bem como receber acento, foi escolhida para constituir o *corpus* inicial. As preposições que demonstram característica proclítica, de acordo com Said Ali (1947) e também no nosso entender, passam a funcionar como prefixos; por isso, as estruturas serão analisadas como nos dados abaixo.

Prefixo	Contribui para o acento: acento da palavra	Recebeu acento: acento no verso
---------	---	---------------------------------

ex-		<i>Cūi dā/bīt pār/tīs //sēcłūs /ēxpī/āndī</i>
circum-	<i>Qūam Iō/cūs cīr/cūm//vōlāt</i> <i>/ēt Cū/pīdō</i> <i>Taurino quantum posset</i> <i>circumdare tergo</i>	<i>Qūam Iō/cūs cīr/cūm//vōlāt /ēt</i> <i>Cū/pīdō</i>
in-	<i>Īmpū/dēns lī/qūi //pātrī/ōs</i> <i>Pě/nātēs</i> <i>Īpsī/ūs ān/te ōcūlōs/ īngēns</i> <i>ǎ/vērticē/ pōntūs</i> <i>Hōc mētū/ēns mō/lēmquē/ ēt</i> <i>mōntīs/ īnsūpēr/ āltōs</i>	<i>Ūndě /vōcā/lēm //tēmě /īnsě/cūtāe</i> <i>Īmpū/dēns lī/qūi //pātrī/ōs Pě/nātēs</i> <i>Īpsī/ūs ān/te ōcūlōs/ īngēns ǎ/</i> <i>vērticē/ pōntūs</i> <i>-Hōc mētū/ēns mō/lēmquē/ ēt mōntīs/</i> <i>īnsūpēr/ āltōs</i>
prae-		<i>Āltě/rām sōr/tēm //bēně</i> <i>/prāepǎ/rātūm</i>
ad-		
de-		<i>Rāvǎ /dēcū/rrēns //lūpǎ /Lānvū/īnō</i>
ante-		<i>Āntě/qūam stān/tīs //rěpě/tāt pě/lūdēs</i>
ab-		<i>Uīlīs /Ēurō/pē //pātěr /ūrgět /ābsēns</i>
pro-		<i>Prōcī/dīt lā/tē //pōsū/ītquē /cōllūm</i>
post-		<i>Nōn ě/nīm pōst/hāc //ālī/ā cǎ/lēbō</i>

Agora, com as informações sobre métrica latina e prosódia, que serviram de instrumentalização para a preparação dos dados, passaremos ao próximo capítulo. O terceiro capítulo traz uma revisão teórica sobre Fonologia não-linear, principalmente Fonologia Prosódica e Fonologia Lexical.

Além disso, traremos análises que tomam ambientes prosódicos como domínio e que fazem menção à organização do léxico e também a estudos que tratam da elisão, da característica proclítica de preposições e de afixos que contribuem ou não para o acento. Esses pressupostos nos ajudarão a descrever algumas características prosódicas das preposições e dos prefixos em latim clássico.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Com o objetivo de fornecer subsídios teóricos à presente dissertação, temos, neste capítulo, uma revisão teórica dos principais pressupostos da Fonologia Lexical e da Fonologia Prosódica, bem como análises sobre processos fonológicos que auxiliarão no tratamento que daremos ao prefixo e à preposição.

#### 3.1 Fonologia Não-linear

Diferentes teorias fonológicas foram desenhadas com o intuito de traçar a relação entre a realização fonética e o nível abstrato da fonologia e de analisar as línguas do mundo. Esses modelos podem ser divididos em dois grupos: modelos lineares e modelos não-lineares.

Os modelos lineares investigam a fala como uma relação bijetiva, isto é, uma combinação linear de segmento ou conjunto de traços distintivos em que a relação entre os segmentos e a matriz de traços é de um-para-um.

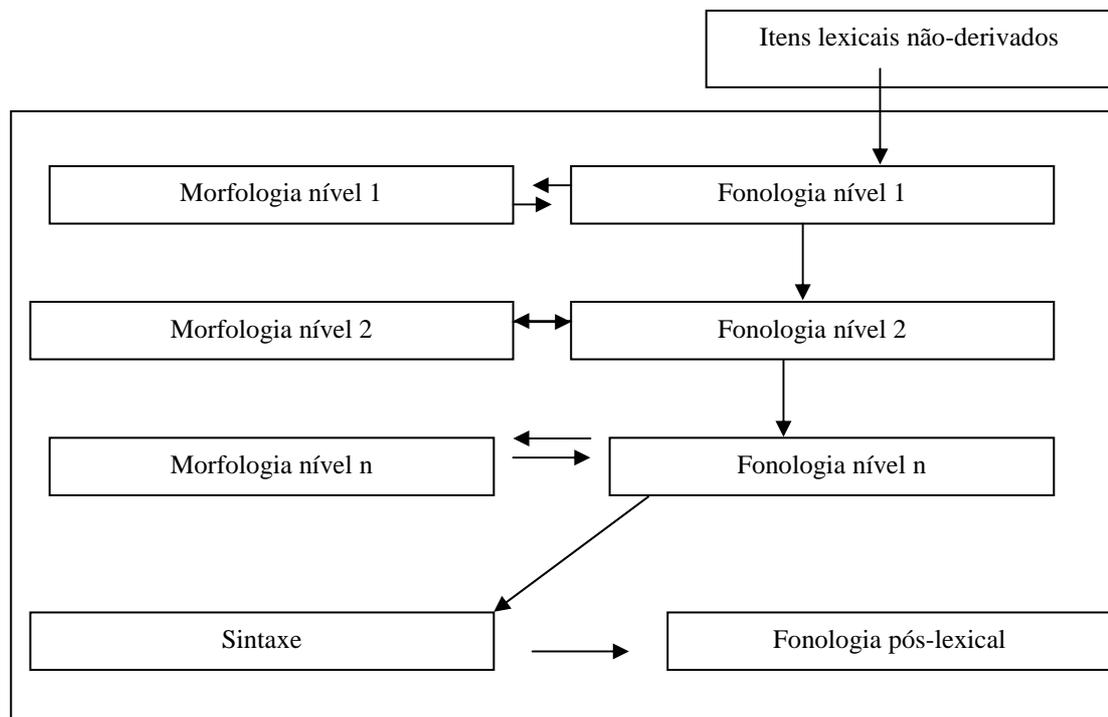
Já em um modelo não-linear, a fonologia de uma língua é tratada como uma organização de traços, dispostos hierarquicamente em diferentes camadas. Esses traços podem ir aquém e além do segmento, ligar-se a mais de uma unidade, funcionar isoladamente ou em grupos solidários. Em modelos não-lineares, as relações entre morfologia, fonologia e sintaxe são tratadas como parte integrante da estrutura hierárquica das línguas do mundo.

Os modelos teóricos não-lineares são Teoria Autossegmental, Teoria Métrica, Teoria Lexical, Teoria da Sílabas e Teoria Prosódica. Dentre esses modelos, a Fonologia Lexical e a Fonologia Prosódica nortearão esse trabalho, tendo a Fonologia Prosódica maior destaque. Sabemos que há análises que não consideram a Fonologia Lexical um modelo não-linear, porém optamos por tratá-la como tal por conceber o léxico como um léxico estratificado.

#### 3.2 Fonologia Lexical

Segundo Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982, 1985), o léxico de uma língua está organizado em uma série de níveis ou estratos e esses níveis ou estratos são o domínio para regras morfológicas e fonológicas. Em cada nível, se aplicam, par a par, regras morfológicas (de formação de palavras) e regras fonológicas. Em um mesmo estrato podem

ser aplicadas regras morfológicas e fonológicas, sendo que as regras fonológicas são aplicadas a cada operação morfológica. A saída de cada regra morfológica é submetida a regras fonológicas. Seguindo esses pressupostos, Kiparsky (1982) propôs a seguinte estratificação para o léxico do inglês.



A Fonologia Lexical distingue duas grandes classes de regras fonológicas: lexicais e pós-lexicais. Essa teoria entende o léxico como um “repositório de informações idiossincráticas”. Regras que fazem referência a essas informações são lexicais; as regras que se aplicam fora do léxico são regras pós-lexicais. Com relação ao número de níveis, Halle e Mohanan (1983) argumentam que todas as línguas apresentam dois grandes componentes: o estrato lexical e o estrato pós-lexical, o que pode ser diferente de uma língua para outra é o número de níveis dentro do estrato lexical.

As regras lexicais são cíclicas, pois podem ser reaplicadas em outros estratos da formação das palavras; já as regras pós-lexicais, que se aplicam sobre o resultado da sintaxe (em combinações de palavras), dentre outras características, não são cíclicas.

Booij e Rubach (1987), revisando o modelo de Kiparsky (1982), dizem que, no léxico, também há regras lexicais pós-cíclicas. Essas regras não interagem com a morfologia, ou seja, podem ser aplicadas dentro de morfemas e através de fronteiras de morfemas depois de a palavra estar pronta, após todos os ciclos, mas ainda no léxico.

A Fonologia Lexical apresenta uma série de princípios para determinar onde e de que forma as regras se aplicam. Esses princípios ajudam a identificar se a aplicação se dá no nível lexical ou pós-lexical e se a regra é cíclica ou não-cíclica. São quatro os princípios que merecem maior atenção: Convenção do Apagamento de colchetes, *Elsewhere Condition*, Princípio de Preservação de estrutura e Condição do Ciclo Estrito.

(i) Convenção do Apagamento de Colchetes determina que os colchetes que marcam a estrutura morfológica sejam apagados ao final de cada nível, isto é, a informação sobre a estrutura interna de um nível mais baixo não está disponível para ser referida em estratos de níveis mais altos.

(ii) *Elsewhere Condition* resolve o conflito entre duas regras disjuntivas. Quando duas regras forem candidatas ao mesmo contexto, a regra de domínio mais restrito será aplicada.

(iii) O Princípio de Preservação de Estrutura proíbe a aplicação de uma regra se dela resultarem estruturas não pertencentes ao sistema subjacente da língua em questão. Esse princípio funciona no estrato lexical e é desativado no estrato pós-lexical.

(iv) O Princípio da Condição do Ciclo Estrito limita a aplicação de regras a estruturas derivadas, ou seja, uma estrutura que resulta de uma regra morfológica ou fonológica.

Vimos os pressupostos básicos da Fonologia Lexical que ajudarão a localizar alguns fenômenos tratados neste estudo. Passaremos a trabalhar, agora, com as questões que norteiam a Fonologia Prosódica.

### 3.3 Fonologia Prosódica

Segundo Nespôr e Vogel (1986), o componente fonológico não pode ser considerado um subsistema homogêneo, mas, sim, um conjunto de subsistemas que são governados por seus próprios princípios. Dentre os subsistemas, podemos citar as Teorias de Grade Métrica, Fonologia Lexical, Fonologia Autossegmental e Fonologia Prosódica.

A Fonologia Prosódica também evidencia uma interface entre o componente fonológico e os componentes sintático e morfológico pelo fato de os constituintes prosódicos se utilizarem de informações fonológicas e de informações não-fonológicas.

Cabe salientar que o constituinte prosódico não apresenta isomorfismo perfeito com os constituintes dos outros componentes da gramática. Isso provém do fato de que as regras que constroem a estrutura prosódica não são recursivas por natureza, já que o sistema fonológico é finito, enquanto as regras sintáticas são recursivas, ou seja, o sistema sintático é infinito.

Nespor e Vogel (1986) tratam da não-correspondência entre o constituinte sintático e os domínios de regras fonológicas. As autoras dizem que são três os problemas que demonstram a impropriedade do constituinte sintático como domínio para regras fonológicas: (i) fazer referência direta ao constituinte sintático não faz com que tenhamos predições corretas sobre os domínios das regras fonológicas; (ii) enquanto o constituinte sintático é determinado unicamente através de fatores estruturais, um fator não estrutural, o tamanho de uma seqüência dada, é relevante para a fonologia, já que os constituintes de mesma natureza sintática, mas de diferentes tamanhos, podem demonstrar diferentes comportamentos em relação à aplicação de regras fonológicas; (iii) ao contrário da predição feita em relação ao constituinte sintático se aproximar da fonologia, dizendo que o domínio máximo de aplicação de uma regra fonológica é a sentença, há regras fonológicas que se aplicam em domínios maiores que a sentença, como o enunciado.

Traremos, para ilustrar o primeiro problema, o fenômeno da *Liaison* em francês. Segundo as autoras, esse seria um exemplo para demonstrar a inadequação do constituinte sintático como domínio para regras fonológicas. Como a regra se aplica em todos os estilos do francês, os exemplos tratados são de fala informal.

(1) a. *Les giraffes et les éléphants sont ses meilleurs amis.*

Girafas e elefantes são os melhores amigos dele.

b. *Claude a des perrochets/intolérables.*

Claude tem alguns papagaios intoreláveis

Em termos sintáticos, *meilleurs* é complemento de *amis*, assim como *intolérables* é complemento de *perrochets*. *Meilleurs*, em (1 a), e *intolérables*, em (1 b), são nós-irmãos dominados diretamente pelo mesmo nó. Isso demonstra que, sintaticamente, não é possível predizer por que a *Liaison* se aplica no primeiro exemplo e não se aplica no segundo.

Para abarcar o segundo problema, a questão do tamanho dos constituintes, Nespor e Vogel (1986) trazem dentre outros, o exemplo da assimilação nasal em espanhol, doravante NA (*nasal assimilation*).

Segundo as autoras, é sabido que as nasais em espanhol são homorgânicas com as consoantes seguintes. Esse fenômeno se aplica dentro de palavras e entre palavras também, como nos exemplos retirados de Nespor e Vogel (1986: 44):

(2) a. *ga[m]ba* “gambá”

b. *co[m]piedad* “com piedade”

c. *elefa[n]te* “elefante”

d. *come[ ]carne* “comem carne”

A aplicação e a não aplicação da NA não coincidem necessariamente com nenhum constituinte sintático, pois a regra se aplica em sintagmas verbais em (3) e tende a não se aplicar naqueles em (4).

(3) a. *tiene [ ] cuatro gatos* “têm quatro gatos”

b. *canta[m] bien* “cantam bem”

(4) a. *Colecciona en todo el mundo plumas de tucá[n] para su sombrero preferido.*

Coleta em todo o mundo penas de tucano para seu chapéu favorito.

b. *Estudia el sistema comunicativo de algunos tipos de delfi[n] con aparatos muy sofisticados.*

Estuda o sistema comunicativo de alguns tipos de golfinhos com aparatos muito sofisticados.

Com base nos exemplos em (5), a NA aparenta ser bloqueada entre NPs e VPs, mas as sentenças em (6) mostram que ela não é bloqueada em nenhuma das vezes entre NP e VP.

(5) a. *El nuevo canario de mi amiga Carme[n] canta solo cuando está solo.*

O novo canário da minha amiga Carmen canta somente quando está sozinho.

b. *Su nuevo sombrero con tres plumas de tucá[n] cuesta sin duda mas del sombrero de su hermano.*

Seu novo chapéu, com três penas de tucano, custa, sem dúvida, mais do que o do seu irmão.

(6) a. *Mi faisá[ ] corre siempre.*

Meu faisão corre sempre.

b. *Eso tucá[m] parece enfermo.*

Esse tucano parece doente.

De acordo com as autoras, os domínios para a aplicação de regras fonológicas operando entre palavras podem não coexistir com constituintes dados pela sintaxe. A regra da NA em espanhol é um exemplo de que algumas regras fonológicas são sensíveis ao tamanho da seqüência envolvida. Os princípios que definem os constituintes sintáticos não tomam esse fator não-estrutural como relevante. Temos, aqui, uma diferença importante entre a natureza dos domínios relevantes para a fonologia e para os constituintes sintáticos.

O último problema abordado pelas autoras faz menção ao fato de os domínios sintáticos não poderem delimitar domínios máximos para a aplicação das regras fonológicas. Vejamos o fenômeno do “Flapping” no inglês americano que faz [t] tornar-se [ ] Os exemplos em (7) mostram que a regra se aplica em palavras e entre palavras na mesma sentença.

(7) a. *water* → *wa[ ]er* “água”

b. *capital* → *capi*[ ]*al* “capital”

c. *Wait a minute* → *Wai*[ ]*a...* “Espere um minuto...”

d. *The white rabbit escaped from its cage.* → ...*rabi*[ ]*escaped...* “O coelho branco escapou de sua gaiola.”

O “Flapping” não tem sua aplicação restrita a palavras na mesma sentença; o fenômeno pode se aplicar entre palavras de sentenças diferentes, como os exemplos em (8) mostram.

(8) a. *Please wait. I’ll be right back.* → ...*wai*[ ]*I’ll...* “Espere por favor. Eu voltarei logo.”

b. *It’s hot. Open the window.* → ...*ho*[ ]*Open...* “Está quente. Abra a janela.”

c. *Don’t shout. It’s rude.* → ...*shou*[ ]*It’s...* “Não grite. Isso é rude.”

Isso não quer dizer que o “Flapping” possa se aplicar a qualquer par de sentenças. Os exemplos em (9) demonstram que, quando as sentenças não são relacionadas, o “Flapping” é bloqueado justamente no mesmo contexto segmental no qual se aplicava antes.

(9) a. *They didn’t wait. I’ll be right back.* → \*...*wai*[ ]*I’ll...* “Eles não esperaram. Eu voltarei.”

b. *Where’s Scott? Open the window.* → \*...*Sco*[ ]*Open...* “Onde está Scott? Abra a janela.”

c. *Don’t shout. It’s Ed here?* → \*...*shou*[ ]*Is...* “Não grite. Ed está aí?”

Nespor e Vogel (1986) asseveram que, já que o maior constituinte sintático é a sentença, não há maneira de a regra de “Flapping” ser identificada com algum constituinte sintático. Não podemos agrupar um par de sentenças e caracterizá-las como domínio do “Flapping” como uma unidade. O problema de eleger um domínio de aplicação de uma regra fonológica que se aplica entre duas sentenças é o fato de o maior constituinte fornecido pela sintaxe ser a sentença. Isso demonstra que o constituinte sintático não pode fornecer o domínio de aplicação dessas regras e as mesmas não podem ser identificadas com nenhum constituinte da estrutura sintática.

Após constatarmos que não há, obrigatoriamente, isomorfismo entre os componentes da gramática e o nível prosódico, vejamos a definição de constituinte prosódico segundo Nespor e Vogel (1986).

*Cada constituinte prosódico serve como domínio para a aplicação de regras fonológicas específicas e processos fonéticos. Um constituinte prosódico é uma unidade lingüística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado.*

Na hierarquia prosódica, os constituintes prosódicos estão dispostos da seguinte forma:

#### Hierarquia Prosódica

Enunciado	U
Frase entonacional	I
Frase fonológica	$\phi$
Grupo clítico	C
Palavra fonológica	$\omega$
Pé	$\Sigma$
Sílaba	$\sigma$

Os princípios que regulam a hierarquia prosódica são: (i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa; (ii) cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte; (iii) os constituintes são estruturas n-árias; (iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os outros, o valor fraco (w). A seguir estão conceituados os constituintes prosódicos individualmente.

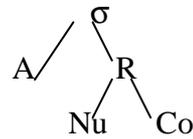
#### 3.3.1 A sílaba

A sílaba é a menor unidade prosódica para muitas teorias. Esse constituinte é o domínio para regras fonológicas como, por exemplo, a velarização de /l/ diante de outra consoante e em final de palavra. O contexto desta regra é a coda. Analisando desta maneira, basta fazer referência à sílaba. Temos, segundo Collischonn (2001), basicamente, duas teorias que tratam da estrutura interna da sílaba: a teoria autossegmental e a teoria métrica.

A teoria autossegmental prediz que há camadas independentes, uma delas representa a sílaba à qual estão diretamente ligados os segmentos. Vejamos a representação retirada de Collischonn (2001):



A teoria métrica entende a sílaba como uma unidade portadora de estrutura interna que demonstra relação mais estreita entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre a vogal e a consoante do ataque. Collischonn (2001) traz o seguinte exemplo:



Alguns autores, como Clements e Keyser (1983) e Nespor e Vogel (1986), defendem que a sílaba não tem estrutura interna. Já Selkirk (1984) e Levin (1985) e outros, acreditam na teoria métrica. O que é importante e aceito pelos autores é o fato de que a sílaba é um constituinte fonológico, ou seja, uma unidade prosódica. O domínio é a palavra fonológica, mesmo intermediada pelo pé métrico.

### 3.3.2 O pé métrico

O pé métrico é a combinação de duas ou mais sílabas em que se estabelece uma relação de dominância, de modo que uma das sílabas é o cabeça e a(s) outra(s), o(s) recessivo(s). Os pés métricos são a unidade básica para o domínio da maioria das regras fonológicas de acento. Vejamos a análise de Nespor e Vogel para a regra de aspiração da obstruinte desvozeada *t* em inglês. Em (10) temos alguns exemplos nos quais a regra se aplica, em (11) há alguns exemplos em que não ocorre a aplicação de tal regra. A estrutura do pé está dada ao lado de cada exemplo.

- (10) a. *time* → [t<sup>h</sup>]ime [time]Σ “time”  
 b. *tuna* → [t<sup>h</sup>]una [tuna]Σ “tuna”  
 c. *toucan* → [t<sup>h</sup>]oucan [tou]Σ[can]Σ “tucano”  
 d. *typhoon* → [t<sup>h</sup>]yphoon [ty]Σ[phoon]Σ “tifo”  
 e. *detention* → de[t<sup>h</sup>]ention [de]Σ[tention]Σ “detenção”
- (11) a. *sting* → \*s[t<sup>h</sup>]ing [sting]Σ “ferrão”  
 b. *abstain* → \*abs[t<sup>h</sup>]ain [ab]Σ[stain]Σ “abster-se”  
 c. *after* → \*af[t<sup>h</sup>]er [after]Σ “depois”  
 d. *night owl* → \*nigh[t<sup>h</sup>] owl [night]Σ [owl]Σ “coruja da noite”  
 e. *flat iron* → \*fla[t<sup>h</sup>] iron [flat]Σ[iron]Σ “ferro plano”

O que os exemplos em (10) e em (11) demonstram é que a regra de aspiração do *t* ocorre se, e somente se, o segmento ocupar a posição de primeiro segmento do pé. Se o *t* estiver em outra posição do pé, ou se for precedido de uma ou mais sílabas, a regra de aspiração não se aplica. Como em inglês a ressilabação não se aplica entre palavras fonológicas, segundo as autoras, o *t* final de um primeiro membro não pode passar a ataque do segundo membro, o que pode ser observado em (11) d-e. A regra de aspiração da obstruente *t* em inglês é uma regra que traz evidência para o pé métrico.

### 3.3.3 A palavra fonológica

A palavra fonológica, entre os constituintes mais baixos na hierarquia, aquele que mais utiliza noções não-fonológicas. É nesse nível que se faz a interação entre o componente fonológico e o morfológico da gramática. A palavra fonológica é a categoria que domina o pé, todos os pés, e somente essa categoria, são agrupados em palavra fonológica. O constituinte em questão possui apenas um elemento proeminente, ou seja, a palavra fonológica só pode ter um acento primário. É importante lembrar que, dentro do domínio da palavra fonológica, pode ocorrer o reagrupamento de sílabas e pés, sem que haja um comprometimento com as hierarquias morfossintáticas.

Quanto ao seu domínio, a palavra fonológica pode ser igual à palavra terminal de uma árvore sintática ou menor que ela. O latim clássico e o grego demótico com suas regras de acento são exemplos para a primeira possibilidade, já que nessas línguas os compostos formam uma só palavra fonológica; o húngaro ilustra a segunda possibilidade, pois o prefixo pode formar uma palavra fonológica independente. A harmonia vocálica e a neutralização das vogais átonas, em português, são exemplos de regras que exemplificam a questão acima.

### 3.3.4 O grupo clítico

O grupo clítico é a unidade prosódica imediatamente superior à palavra fonológica. Esse constituinte pode ser definido como a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo. Por vezes o clítico é tratado como parte integrante da palavra fonológica.

De acordo com Bisol (2001), os clíticos do português têm a característica de ora se comportarem, em relação à palavra de conteúdo, como uma sílaba átona à esquerda da base, ou seja, formando com ela um só vocábulo fonológico, como [*te considero*] $\omega$ , ora têm uma

certa independência em relação ao vocábulo adjacente, sofrendo, por exemplo, regra de neutralização, como se fosse uma palavra de acento próprio, formando com a palavra de conteúdo um grupo clítico, no dizer de Nespor e Vogel (1986), como em [ti]ω kōnsideru]ω]C.

Outros fenômenos tomam o grupo clítico como domínio. De acordo com Bisol (2001), em português, além da neutralização da átona final, o grupo clítico também é o ambiente para as regras de sândi externo, como, por exemplo, a elisão. A elisão, diferentemente da degeminação, só ocorre entre palavras. Elisão consiste no apagamento da vogal *a* quando a palavra seguinte começar por qualquer vogal que não seja *a*. Vejamos os exemplos trazidos por Bisol (2001:234) ao tratar do grupo clítico.

(12) a [menina]ω[orgulhosa]ω]Φ

b [meninorgulhosa]ω

(13) a [pela\_idade]C

b [pelidade] ω

De acordo com os exemplos em (12), a elisão é um fenômeno que se aplica entre palavras fonológicas, dentro da frase fonológica. Os exemplos em (13) mostram que o fenômeno também se aplica no interior do grupo clítico. Esse ambiente seria o menor ambiente de aplicação da elisão em português. Partindo desse pressuposto, o clítico poderia ser interpretado como palavra fonológica independente, e não como uma sílaba átona à esquerda da base.

Segundo a autora, quando o sândi se aplica no interior de um grupo clítico, a reestruturação silábica os converte em uma só palavra fonológica. Nesse caso, o clítico passa a ser interpretado como sílaba átona à esquerda da base, como em (13b). Dar um ou outro tratamento ao clítico ainda não é ponto pacífico, mas é importante ressaltar que este pode ser considerado como menor ambiente de aplicação da regra de elisão.

Nespor e Vogel (1986), ao tratar do constituinte prosódico grupo clítico em latim, analisam a regra do acento em combinações com as partículas enclíticas *que* e *ne*. As autoras lançam mão da regra geral do acento em latim clássico: se um vocábulo for dissílabo, a penúltima sílaba é acentuada; se possuir mais de duas sílabas, o acento incidirá na penúltima se esta for longa e, se for breve, o acento cairá na sílaba imediatamente precedente, como ilustram os exemplos abaixo retirados de Nespor e Vogel(1986:160)

(14) a) rósa

b) fémīna

De acordo com as autoras, a regra de acento no grupo clítico não é sensível ao peso silábico como ocorre com a regra geral. Para elas, quando a enclítica é agregada ao vocábulo, ocorre a regra de reajustamento do acento, e o acento incide na sílaba imediatamente anterior à enclítica, independente do peso<sup>15</sup>.

(15) a) rosáque

b) femináque

As autoras não tratam de fenômenos que tomem o grupo clítico como domínio ocorrendo com proclíticos em latim.

### 3.3.5 A frase fonológica

A frase fonológica é o constituinte que engloba um ou mais grupos clíticos, isto é, o próprio grupo clítico e a palavra fonológica, ambos C neste nível. De acordo com Nespor e Vogel (1986), os princípios que regem o domínio, a construção e a proeminência relativa do constituinte frase fonológica são os seguintes: (i) o domínio da  $\omega$  consiste em um C que contém o cabeça lexical (X) e todos os Cs de seu lado não-recursivo até o C com outro cabeça fora da projeção máxima de X; (ii) junte em uma  $\omega$  de construção n-ária todos os Cs incluídos em uma cadeia delimitada pela definição de domínio de  $\omega$ ; (iii) em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à direita, o nó mais à direita é rotulado  $s$ ; em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à esquerda, o nó mais à esquerda é rotulado  $s$  e todos os nós irmãos de  $s$  são rotulados  $w$ .

Nas línguas românicas, segundo as autoras, adjetivos que são complementos de nome ocorrem à direita do nome no caso não-marcado, como podemos perceber no exemplo de Bisol (2001) ([O dia] $\phi$  [sombrio] $\phi$ ). Podem ocorrer, no entanto, à esquerda. Nesse caso, ficam incorporados à frase fonológica encabeçada pelo nome ([o solitário viajante] $\phi$ ), Bisol (2001). A reestruturação é possível, ocorrendo, sobretudo, por motivos rítmicos ou por incorporação de uma  $\phi$  não ramificada que ocorra à direita de N.

A degeminação [frutas]  $\phi$ [que eu]  $\phi$ [nu kavia visto]  $\phi$  no interior da frase fonológica é uma das regras que fazem menção à frase fonológica, já que não ocorre degeminação entre frases fonológicas..

Outra análise que traz evidência para a frase fonológica é a de Tenani (2004). Essa autora investiga questões relativas ao acento, questões estas que bloqueiam a elisão, a

<sup>15</sup> Para maiores informações referentes a combinações com partículas enclíticas, em latim, consultar Quednau

ditongação e a degeminação em português brasileiro em uma comparação com o português de Portugal. Segundo a autora, a estrutura prosódica e a tonicidade das vogais de determinadas seqüências bloqueiam a degeminação e a elisão. Voltaremos a tratar da elisão olhando para as análises de Tenani (2004) e Bisol (1996) em breve.

### 3.3.6 A frase entonacional

Define-se esse constituinte prosódico como um conjunto de  $\phi$ s ou apenas uma  $\phi$  que porte um contorno de entoação identificável. Podemos identificar esse constituinte através de duas características: (i) em uma seqüência de  $\phi$ s que constituam uma I, uma delas é forte por questões semânticas, e todas as demais são fracas; (ii) uma sentença, em geral, declarativa, exclamativa ou interrogativa, tem um contorno entonacional determinado, mas há no interior dessas unidades uma certa flexibilidade.

### 3.3.7 O enunciado

O constituinte prosódico mais alto é o enunciado. Identificamos Us por limites sintáticos e também pela pausa inerente. O enunciado pode sofrer reestruturação. Para tanto, certas condições devem ser obedecidas, asseveram Nespor e Vogel (1986). São elas as condições pragmáticas e as condições fonológicas.

Estas são as condições pragmáticas: (i) as duas sentenças devem ser pronunciadas pela mesma pessoa; (ii) as duas sentenças devem ser dirigidas ao mesmo interlocutor. Já as condições fonológicas são: (i) as duas sentenças devem ser relativamente curtas. (ii) não pode haver pausa entre as duas sentenças.

Um exemplo de regra que faz referência ao constituinte enunciado é o sândi. No primeiro exemplo, está disposta uma produção sem sândi: [Sim, passar passa.]U [Agora ocupa a estrada inteira.]U; no segundo exemplo, com o fenômeno: [Si , pasa pasag okupa stradinte a]U. percebemos, aqui, que o sândi não ocorre entre enunciados.

Após olharmos para os constituintes prosódicos, veremos algumas análises de fenômenos que os tomam como ambiente, como o sândi externo, com especial destaque para a elisão e seu bloqueio.

### 3.4 Sândi externo

Sabemos que o português tende a desfazer hiatos no interior da palavra através de ditongação ou degeminação. O hiato que é produto do contato de palavra com palavra, na frase, também tende a ser evitado. Bisol (1996) analisa as estratégias que a língua portuguesa utiliza para evitar o hiato, a saber, elisão, ditongação e degeminação: o sândi externo.

Apoiada nos pressupostos da Fonologia Lexical e adotando a versão de Ito (1986) para a sílaba, a autora defende que o sândi externo é um processo de ressilabação e que os resultados desse processo estão relacionados com princípios universais da Teoria Fonológica. Vejamos a argumentação da autora.

Como já mencionamos, de acordo com a Fonologia Lexical, temos um Léxico organizado em dois grandes estratos, um lexical e um pós-lexical. O estrato lexical é modular; nele temos a interação entre regras fonológicas e regras morfológicas, atuando ciclicamente, o que gera os itens lexicais de uma determinada língua. O estrato pós-lexical é o local onde atuam regras fonológicas que não utilizam informação morfêmica e é o “recipiente de material proveniente da sintaxe”. Bisol (1996) lembra que é no estrato pós-lexical que atuam as regras de sândi externo.

O molde prosódico de Ito (1986) prediz que a sílaba possui uma composição de três níveis: (i) o mais abstrato, formado apenas por um elemento ( $\alpha$ ), representando a sílaba como um todo, tal qual um S de uma árvore sintática; (ii) o nível prosódico, também chamado esqueleto, formado por dois elementos, C e V, que são posições na linha temporal, ou X abstratamente; (iii) o nível melódico, onde encontramos os segmentos propriamente ditos.

Os três fenômenos abarcados pelo sândi externo são elisão, ditongação e degeminação. A ditongação varia com a elisão, mas como este trabalho pretende discutir a elisão em latim clássico, abordaremos apenas o processo da elisão. Elisão é, em português, como já foi dito, é o apagamento de uma vogal *a* em final de palavra e em posição não-acentuada quando a palavra seguinte inicia também por vogal de qualidade diferente, podemos ver em (16).

(16) cami[za u]sada → cami[zu]sada ~ cami[zaw]sada<sup>16</sup>

Bisol (1996) discute os princípios que estariam envolvidos na formação da sílaba. Trataremos dos princípios que atuam no processo da elisão: o Princípio de Sonoridade Seqüencial e o Princípio do Licenciamento Prosódico.

### 3.4.1 A ressilabação

O sândi externo, de acordo com Bisol (1996), ocorre quando duas palavras, a primeira terminada em vogal e a segunda iniciada por vogal, se encontram na frase. Esse encontro provoca o choque dos picos silábicos. Como  $V_1$  ocupa uma posição prosodicamente mais fraca, a sílaba final da primeira palavra é desfeita. A ressilabação é acionada para garantir as condições de boa-formação. As vogais são os picos de sonoridade que projetam sílabas; a ressilabação, da mesma maneira que a silabação, é o processo que junta consoantes a esses picos silábicos.

#### 3.4.1.1 Princípio de Sonoridade Seqüencial

Uma sílaba é formada obedecendo ao Princípio de sonoridade seqüencial (PSS), que reza que a sonoridade seja crescente no ataque e decrescente na coda. Bisol (1996) indica a escala de sonoridade de Clements (1989), que reproduzimos em (17), para localizarmos os valores dos sons<sup>17</sup>. Reproduzimos, também, em seguida, o sistema de vogais do português em (18).

(17) Escala de sonoridade

Obstruinte	Nasal	Líquida	i	e/E	A	
			u	o/O		
			-	+	+	Aberto 1
			-	+	+	Aberto 2
-	-	-	+	+	+	Vocóide
-	-	+	+	+	+	Aproximante
-	+	+	+	+	+	Soante
0	1	2	3	3	3	Escala

<sup>16</sup> Aqui a elisão varia com a ditongação *cami[zaw]sada*.

<sup>17</sup> Bisol (1996) lembra que, de acordo com Clements (1989), o traço Aberto 3 não tem papel nessa escala de sonoridade.

## (18) Sistema vocálico

	I/u	E/O	A				
Aberto 1				-	-	-	+
Aberto 2				-	+	+	+
Aberto 3				-	-	+	+

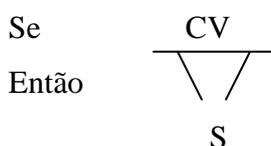
O sistema vocálico do português se reduz a cinco vogais em posição pretônica /i, e, a, o, u/ e passa a três vogais na posição átona final /i, u, a/. As sílabas átonas finais são mais fracas do que as sílabas pretônicas. Por conta disso, estão mais sujeitas a alterações quando do contato de palavra com palavra na frase.

Seguindo o molde prosódico de Ito (1986), conforme o qual todas as unidades fonológicas devem pertencer a unidades prosódicas mais altas, Bisol (1996) segue sua discussão lembrando que, se um segmento não for agregado à sílaba, será apagado pela regra universal de Apagamento do Elemento Extraviado (AEE).

## 3.4.1.2 O Princípio do Licenciamento Prosódico (PLP)

Todo segmento que não estiver adjungido a uma sílaba desaparecerá, pois o PLP reza que todas as unidades fonológicas sejam prosodicamente licenciadas. Os segmentos devem pertencer à estrutura prosódica imediatamente superior. Segundo Bisol (1996), o PLP atua tanto no estrato lexical quanto no estrato pós-lexical. No estrato lexical, as estruturas podem ser licenciadas por Silabação ou por Extraposodicidade. Já no estrato pós-lexical, as estruturas não-licenciadas são apagadas, pois o Princípio da Extraposodicidade e o Princípio de Preservação de Estrutura<sup>18</sup> não agem no pós-léxico. Além do PLP, temos, em (19), a Condição Universal da sílaba de Base, Itô (1986) que reproduzimos a partir de Bisol (1996).

## (19) Condição Universal de Sílaba de Base



<sup>18</sup> Princípio que impede a formação de estruturas não existentes na língua, como já mencionamos.

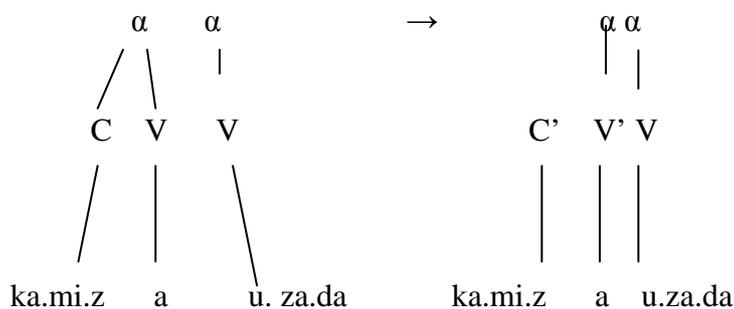
De acordo com Ito (1986), a seqüência CV tem de ser analisada como tautossilábica. Temos um molde silábico ao qual são “ajustados” os segmentos. Por exemplo, para o português, temos o molde CCVC(C) e os filtros que predizem que a posição do segundo C prevocálico só pode ser ocupada por soante soante não-nasal e, que na posição de coda, só pode ocorrer soantes, com exceção de *s*. Na posição de (V), só são permitidas vogais. Na posição de segundo C pós-vocálico só é permitido (S). As palavras no estrato lexical são silabadas obedecendo aos princípios e aos filtros.

Ao sair do estrato pós-lexical, a palavra tem suas sílabas bem formadas e é inserida em uma frase pela sintaxe. Quando isso ocorre, as palavras podem sofrer processos fonológicos que ocasionalmente resultam na perda de picos silábicos. A ressilabação é acionada para salvar esses segmentos flutuantes. O PLP exige que todos os segmentos pertençam a uma estrutura prosódica maior, e o da Sonoridade Seqüencial guia a ressilabação, indicando a relação necessária entre o grau de sonoridade e a posição a ser ocupada pelos segmentos.

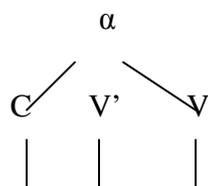
### 3.4.2 O processo da elisão

Um dos processos aos quais as combinações de palavras estão sujeitas, no pós-léxico, é o da elisão. A elisão se dá quando há, na frase, um choque de picos silábicos. Quando o choque ocorre, a vogal átona final, posição prosodicamente mais fraca, é apagada, o que deixa órfãos C' e V', que ficam flutuantes até o fim da derivação, sendo apagados se não forem incorporados a uma sílaba. Vejamos os exemplos retirados de Bisol (1996) em (20), (21) e (22).

#### (20) Choque dos picos silábicos



#### (21) Ressilabação





b- Como uvas	*Comuvas
(24) a Ela mastigava ervas amargas	a- Ela mastigavervas amargas
b Como uvas maduras	b- Comuvas maduras

Partindo do pressuposto de que o mapeamento fonologia/sintaxe é perpassado pela estrutura prosódica, Abaurre (1996) trabalha com a idéia de que o papel bloqueador do sândi vocálico é desempenhado pelo acento da frase fonológica, e não pelo acento primário, e de que o acento de  $\phi$  é uma proeminência sintaticamente motivada.

De acordo com Abaurre (1996), certas condições estruturais bloqueiam a aplicação da elisão em Português do Brasil (PB): (i) as duas vogais da seqüência não podem ser portadoras de acento primário; (ii) a primeira vogal não pode possuir acento no nível da palavra; (iii) dependendo da qualidade da vogal, temos restrições de apagamento. Reproduzimos, em (25), alguns exemplos de elisão trazidos pela autora.

- (25) a) [ a + ú ] Ele cómpr[a] [ú]vas cáras – Ele cómpr[ú]vas cáras - \*Ele compr[ú]vas  
 b) [ a + ó ] Ele cómpr[a] [ó]stras cáras – Ele cómpr[o]stras cáras - \*Ele cómpr[o]stras  
 c) [ a + í ] Ele cánta h[í]nos sacros- Ele cánt[i]nos sacros - \*Ele cánt[i]nos

Mesmo que as condições anteriormente mencionadas sejam satisfeitas, há um ambiente que bloqueia categoricamente a elisão: quando  $V_2$  for portadora do acento nuclear no nível de  $\phi$ .

Abaurre (1996) defende que a resposta está pautada na interface fonologia/sintaxe em PB.

A autora segue afirmando que não é incorreto afirmar que  $V_2$  é portadora do acento primário, pois, acreditando em uma construção *bottom up*, é nela que incide o acento, mas esse acento não exerceria um papel bloqueador do sândi vocálico. Apenas quando esse acento primário, atribuído no estrato lexical, também é interpretado como acento principal de frase fonológica é que ele exerce um papel bloqueador. O acento principal exerceria esse bloqueio por ser portador de informação sintática.

Segundo Abaurre (1996), em relação aos processos de degeminação e elisão, instala-se um conflito entre a otimização silábica e a preservação de estrutura portadora de informação sintática. Lançando mão de pesquisas na área de aquisição da linguagem, Nespor (1994) e da Fonologia Natural de Stampe (1973), a autora demonstra que existe a tendência de preservar informação sintática em detrimento da otimização silábica. O texto é concluído com duas

afirmações: (i) o domínio para os processos de sândi externo é a frase fonológica; (ii) o bloqueador do sândi externo é o acento de frase fonológica.

Tenani (2004), partindo das conclusões de Abaurre (1996) acima citadas, investiga a relação entre o bloqueio dos processos de sândi e a resolução de choque de acentos em uma comparação entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), tendo o  $\phi$  como domínio. Segundo a autora, a literatura referente à Fonologia Métrica registra a distância entre os acentos e a estrutura prosódica como fatores relacionados a restrições rítmicas nas línguas. Às vezes, essas proeminências estão tão próximas que temos choque de acentos; às vezes elas são tão espaçadas que podemos ter lapsos de acento. No intuito de resolver essas configurações malformadas, regras de ajustamento são aplicadas.

Citando Abousalh, Tenani (2004) diz que a resolução de choque de acentos dentro da frase fonológica é feita através de retração à esquerda, já entre frases fonológicas o choque não é resolvido da mesma maneira. A autora em questão trabalha apenas com o apagamento/movimento de acento e a inserção de pausas e de contornos entoacionais para a resolução do choque de acento. Para Sândalo e Truckenbrodt (2002), restrições<sup>19</sup> relacionadas ao estabelecimento de fronteiras de  $\phi$  podem estar envolvidas na resolução do choque de acento.

Tenani (2004) defende que o bloqueio das regras de sândi vocálico, degeminação, elisão e ditongação pode ser acionado como estratégia para evitar o choque de acentos. Passemos a observar o quadro das variáveis controladas pela autora, inspiradas nos trabalhos de Frota (1998), Bisol (1992, 1993, 1996 a, b, 2000) e de Abaurre (1996) em (26).

(26) Variáveis controladas

Estrutura prosódica	Mesmo $\phi$ $\phi + \phi$ não-ramificado $\phi + \phi$ ramificado I + I
Contexto segmental	/a + a/

<sup>19</sup> A palavra restrição, aqui, está sendo utilizado no sentido de Teoria da Otimidade.

	/a + u/
Posição do acento na seqüência segmental	V + V' V' + V
Distância entre os acentos	1 sílaba 2 sílabas

Os resultados da atuação do bloqueio do sândi vocálico para quando a primeira vogal é acentuada são os seguintes: (i) quando a seqüência é de vogais diferentes, a elisão é bloqueada em PE e em PB; (ii) quando a seqüência é de vogais iguais, a ditongação é sempre bloqueada em PE e é sempre aplicada em todos os contextos prosódicos em PB; (iii) se a seqüência é de vogais iguais, o acento na primeira vogal bloqueia a degeminação. Em PB esse acento (da primeira vogal) não tem papel no bloqueio do fenômeno. A autora diz que podemos interpretar essa situação como a atuação da ressilabificação acionada pelo sândi, que é da esquerda para a direita.

Quando a autora considerou a seqüência na qual a segunda vogal é acentuada, temos os seguintes resultados: (i) a elisão é bloqueada em ambas as variedades em uma mesma  $\phi$  e entre  $\phi$ s, quando ambos não são ramificados, mas, quando são consideradas outras estruturas prosódicas, os resultados são diferentes; (ii) a degeminação é bloqueada somente em uma mesma  $\phi$  e entre  $\phi$ s em PB e sempre é bloqueada em PE, qualquer que seja a fronteira prosódica.

Uma característica comum entre as duas variedades de português salientada pela autora é o fato de a elisão ser bloqueada quando a primeira vogal for acentuada. A autora lembra que isso indica qual vogal de uma seqüência de duas vogais será apagada pela regra de Apagamento do Elemento Extraviado (Bisol, 1996). A pesquisadora também comenta o fato de a elisão de  $V_1$  ser mais comum nas línguas do mundo, embora seja atestada também a elisão de  $V_2$ .

Ainda seguindo a linha de generalizações, Tenani (2004), partindo de Casali (1997), fala da direcionalidade da aplicação da elisão. Baseando-se em fenômenos sincrônicos e diacrônicos, Casali (1997) diz que há uma tendência em preservar segmentos que estejam no início de palavra. Isso pode explicar a preferência em PB e em PE de preservar a segunda vogal e apagar a primeira, que é prosodicamente mais fraca; a aplicação da elisão, então, seria da esquerda para a direita.

Trazendo a análise de Frota (1998), Tenani (2004) justifica o olhar dado para a distância fonológica entre os acentos e a estrutura prosódica em relação ao bloqueio da elisão. Conforme Frota (1998), o bloqueio da elisão se dá quando a aplicação da elisão resultar um choque de acento. Para essa autora, dois fatores devem ser observados: (i) distância fonológica entre os acentos e (ii) estrutura prosódica. Vejamos os resultados e a análise de Frota (1998).

Dentro de  $\phi$ s, a ditongação resulta em uma distância aceitável entre os acentos, enquanto entre  $\phi$ s a ditongação não é suficiente para resolver o choque de acentos, pois o efeito do choque é maior no nível mais alto. A aplicação da elisão ocorre quando a distância entre os acentos de  $\phi$  no *output* for de três sílabas e é bloqueada quando a distância for de duas sílabas. Segundo a autora, entre  $\phi$ s o choque de acentos seria duramente evitado, enquanto dentro de  $\phi$ , seria mais tolerado.

Ainda seguindo as idéias de Frota (1998), a análise da elisão traz evidência de que, em PE, o bloqueio desse processo ocorre para preservar a proeminência do cabeça de  $\phi$  em relação aos outros acentos, tendo também as restrições rítmicas um papel importante para evitar choque de acentos dentro de  $\phi$  e entre  $\phi$ s.

Baseada na metodologia de Frota (1998) para o PE, Tenani caracteriza o PB, em relação à elisão, da seguinte maneira: (i) quando  $V_2$  é acentuada, a elisão de  $V_1$  é bloqueada, a não ser que haja espaço suficiente entre os acentos; (ii) quando a aplicação do processo da elisão resultar um choque de acentos, seja no nível de  $\omega$  ou de  $\phi$ , o fenômeno é bloqueado; (iii) mesmo que não resulte um choque de acentos, a elisão é bloqueada se a distância entre os acentos do *output* for menor do que três sílabas; (iv) a elisão também é bloqueada, nessa variedade, para preservar a proeminência de  $\phi$  e (v) o bloqueio da elisão é condicionado por restrições rítmicas.

A autora chama a atenção para o fato de que as restrições rítmicas que operam em PE e em PB dependem do tipo de fenômeno envolvido e da estrutura prosódica. De acordo com Tenani (2004), o que realmente diferencia as duas variedades da língua portuguesa não é o domínio relevante para a aplicação das restrições rítmicas,  $\phi$ , mas sim “*o fato de um mesmo processo segmental ter comportamento diferente em cada variedade*”.

Até esse momento do capítulo, tratamos de pressupostos básicos da Fonologia Prosódica e da Fonologia Lexical que nortearão o trabalho no capítulo de análise. Vimos, também, questões básicas sobre a elisão e seu possível bloqueio, questões que guiarão o trabalho no tratamento da elisão em latim. As preposições também se envolvem no fenômeno da

proclitização, de acordo com a métrica latina. Mais uma vez a Fonologia Prosódica ajudará no tratamento prosódico da possível característica proclítica das preposições que, em alguns casos, podem se comportar da mesma maneira que os prefixos. Vejamos algumas considerações sobre isso na passagem que se segue.

### 3.4.3 Característica proclítica de preposições

Booij e Rubach (1987) discutem os ambientes morfológicos e ambientes prosódicos e a necessidade de trabalharmos com um ambiente prosódico para regras. Os autores trabalham com preposições proclíticas do polonês e as regras envolvidas estão reproduzidas em (27) e (28). Trazemos os dados do polonês em (29)

(27) Desvozeamento final

[+ obstruente] → [- vozeadas]/\_\_\_\_\_)<sub>mot</sub>

(28) *m-Erasure*<sup>20</sup>

(29) *pod owocem* [pod] “embaixo da fruta”

*nad rowem* [nad] “depois da valeta”

*bez namyslu* [bez] “sem pensamento”

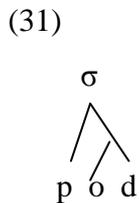
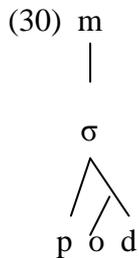
*od mleka* [od] “do leite”

As preposições em (29) escapam da regra de desvozeamento de obstruente final, segundo Booij e Rubach, porque o ambiente de aplicação dessas regras é prosódico e não morfológico. Se assumíssemos que a regra em (27) se aplica em um ambiente morfológico, não conseguiríamos explicar o comportamento proclítico das preposições em polonês. Vejamos de que maneira os autores explicam esse comportamento.

De acordo com Booij e Rubach (1987), essas preposições funcionam como proclíticas; na verdade, nascem independentemente mas não possuem acento inerente. As preposições recebem acento secundário como se não fossem palavras fonológicas separadas. Uma regra de apagamento de *mot* é responsável pelo apagamento do nó de palavra fonológica. Assim, a preposição forma, junto com o seu complemento, uma única palavra fonológica, e, por esta razão, a regra de desvozeamento final não pode se aplicar.

<sup>20</sup> *Mot*: palavra fonológica. Essa regra apaga o nó de palavra fonológica.

Seguindo o raciocínio dos autores, a regra em (27) tem de ser pós-lexical, porque só depois da sintaxe podemos saber se a preposição será seguida ou não por um complemento. A estrutura em (30) é transformada na estrutura em (31) pós-lexicalmente.



A partir de agora, discutiremos algumas questões sobre o comportamento prosódico dos prefixos latinos em relação ao acento e traremos uma análise que discute a localização dos prefixos no léxico de acordo com seu *status* prosódico e lexical.

### 3.5 Características prosódicas dos prefixos

Nesse momento do trabalho, daremos especial atenção a alguns fenômenos que envolvem afixos, olhando mais detidamente para o *status* prosódico dos prefixos em português e trazendo a questão de alguns prefixos e sufixos contribuírem para o acento.

#### 3.5.1 O status prosódico e lexical dos prefixos em português

Schwindt (2001) faz um estudo acerca do prefixo, em português, no que se refere ao seu *status* prosódico e lexical. Neste trabalho, o autor investiga se o prefixo pode ser considerado palavra fonológica ou sílaba átona à esquerda de uma base e conclui que temos dois tipos de

prefixos: composicionais e legítimos. Segundo Schwindt (2001), os prefixos que têm estrutura prosódica independente são tidos como prefixos composicionais, já os prefixos que se estruturam como sílabas átonas afixadas à esquerda de uma base são prefixos legítimos. Os prefixos composicionais têm características prosódicas de compostos, e os prefixos legítimos, por sua vez, possuem características prosódicas de clíticos.

Para distinguir os prefixos composicionais dos prefixos legítimos, o autor lança mão de dois critérios: acento e oposição entre forma livre e forma presa. Schwindt (2001) diz que prefixos composicionais, à semelhança dos compostos, podem receber acento e se instanciam como formas livres. Já os prefixos legítimos, assim como os clíticos, não podem receber acento e não existem como formas livres. Além disso, os prefixos composicionais podem sofrer processos que tomam a fronteira entre palavras como ambiente, como a neutralização da vogal átona final. Os prefixos legítimos estão sujeitos a processos típicos de interior de palavra, como a neutralização da pretônica, assimilação da nasal e harmonia vocálica.

O autor ainda discorre sobre a estrutura prosódica dos prefixos. Segundo Schwindt (2001), os prefixos composicionais, por poderem existir isoladamente, estão presentes desde o início da derivação como vocábulos independentes, mas, por sofrerem processos que se aplicam entre palavras, a sua afixação ocorre pós-lexicalmente.

Em relação aos prefixos legítimos, a base já é uma palavra fonológica antes de receber a afixação e o prefixo não contribui para o padrão do acento. Esses prefixos são incorporados no léxico e interagem com regras fonológicas desse nível. Os prefixos legítimos e os clíticos têm a mesma estrutura, mas os clíticos são incorporados pós-lexicalmente.

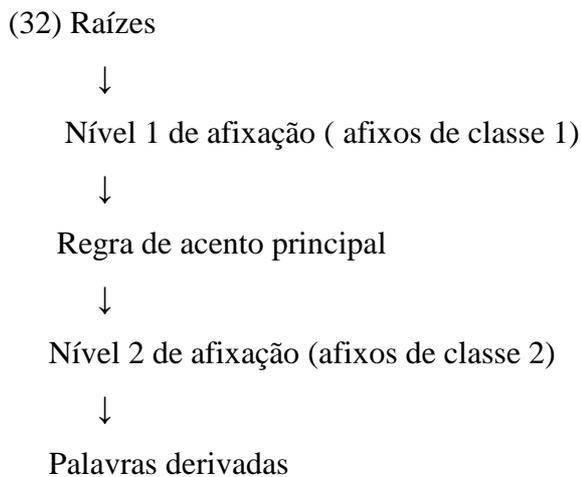
O autor ainda discute o *status* lexical dos prefixos, analisando a prefixação e os níveis do léxico, estrutura silábica, parassíntese e a dupla prefixação. Por fim o autor propõe uma organização do léxico do português brasileiro no que diz respeito aos prefixos.

### 3.5.3 A relação entre afixos e acento

Booij e Rubach (1984), ao tratarem da assimetria existente entre a estrutura morfológica e a estrutura prosódica, analisam a relação entre a afixação em inglês e a regra de acento dessa língua. A palavra tomada pelos autores como exemplo é *ungrammaticality*<sup>21</sup>. Temos, do ponto de vista morfológico, a seguinte estrutura  $[[un[grammatical]_A]_Aity]_N$  e não  $[un[[grammatical]_Aity]_N]_N$ . Duas questões são trazidas pelos autores no intuito de tomar a primeira estrutura como correta: (i) o prefixo *un* não é adjungido a nomes, somente a

adjetivos; (ii) segundo os autores há um problema em relação ao critério semântico, já que *ungrammaticality* significa a propriedade de ser agramatical.

Booij e Rubach asseveram que a palavra em questão traz problemas teóricos tanto de ordem morfológica quanto de ordem fonológica. Trazendo Siegel (1974), os autores reproduzem os níveis de afixação do léxico que o autor propôs: (i) afixos de nível 1 podem mudar o padrão de acento de suas bases e são associados com a fronteira de morfema; (ii) afixos de nível 2 são neutros para o acento e são associados à fronteira de palavra. O modelo de Siegel (1974) e a regra de acento do inglês estão em (32).



Vejamos o paradoxo: *un-* é afixo neutro para o acento, ou seja, é afixo de classe 2, enquanto *-ity* é afixo não-neutro, portanto, de classe 1. Agora temos um problema morfológico: na ordem de afixação *un-* é afixo de classe 2, enquanto *-ity* é de classe 1, e um problema fonológico reside no fato de *-ity* puxar o acento para sua base, apesar de a base conter um limite interno de palavra (# *un* #), que bloqueia a regra de acento principal.

Os autores citam as análises de Selkirk (1982) e de Kiparsky (1982b) para o fenômeno. Selkirk (1982) resolve a questão tratando ambos os afixos como sendo de classe 1 e de classe 2, apesar de normalmente afixos pertencerem a uma única classe. Já Kiparsky (1982b) propõe que formemos primeiramente o substantivo  $[[grammatical]_{Aity}]_N$  no nível 1 e que depois o afixo *un-* seja adicionado no nível 2.

Para Booij e Rubach, nenhuma das propostas é satisfatória. Em primeiro lugar, a análise de Selkirk (1982) seria *ad hoc*, pois permite que certos afixos pertençam a duas classes enquanto, a uma única classe. Em segundo lugar, a solução de Kiparsky (1982b) também seria *ad hoc*, já que o autor tem de assumir uma reanálise sincrônica e essa reanálise se aplica a uma pequeno número de palavras. Além disso, dizem os autores, a análise de Kiparsky

---

<sup>21</sup> Agramaticalidade

(1982b) permite a afixação de *un-* a substantivos, diferentemente do que acontece normalmente.

A proposta de Booij e Rubach para solucionar o problema de *ungrammaticality* repousa no fato de os autores considerarem uma assimetria entre as estruturas morfológicas e as fonológicas. Assumem, portanto, que a palavra morfológica *ungrammaticality* consiste em mais de uma palavra fonológica, como reproduzimos em (33):

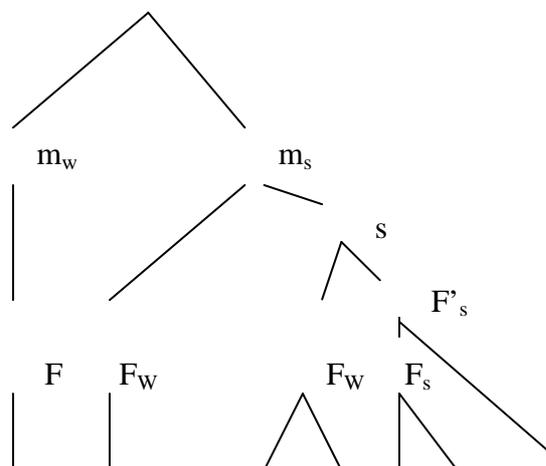
- (33) (un)<sub>m</sub> (gramaticality)<sub>m</sub> “agramatical”  
 (under)<sub>m</sub> (estimation)<sub>m</sub> “subestimação”  
 (extra)<sub>m</sub> (metricality)<sub>m</sub> “extrametricidade”

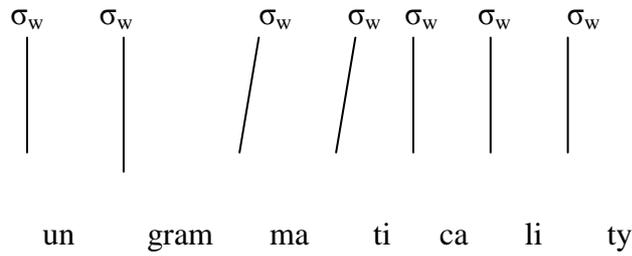
Para os autores, temos afixos aderentes e afixos não-aderentes. Os afixos aderentes, tais como *-ity*, podem mudar o padrão de acento da base. Tais afixos se fundem com a palavra fonológica precedente ou seguinte, formando com ela uma nova palavra fonológica. Já os afixos não-aderentes, como, por exemplo *un-*, não formam uma nova palavra fonológica, mas, sim, coincidem com a fronteira silábica da base e são neutros para a regra principal de acento, como mostra (34):

- (34)  
 unáble (un)σ(ej)σ(bl)σ “incapaz”  
 unátered (un)σ(o:l)σ(ted)σ “inalterado”  
 unérring (un)σ(e:)σ(rin)σ “não arredondado”

De acordo com Booij e Rubach, isso explica por que o prefixo neutro em relação ao acento *-un* não afeta o acento da base, mas o sufixo *-ity* contribui para o acento, sim: *grammátical* – *grammaticáality* – *ungrammaticáality*. Vejamos a representação prosódica de *ungrammaticality* trazida pelos autores em (35):

(35)





Katamba (1993) também dá espaço para essa discussão quando trata da morfologia e sua relação com o léxico e a fonologia. De acordo com o autor, ao analisar afixos do inglês, que podemos dividi-los em duas classes, dependendo de seu comportamento em relação ao acento da base. Temos então os afixos neutros e os afixos não-neutros.

Os afixos neutros não têm efeito em relação ao acento de sua base, quando são adjungidos a ela. Já os afixos não-neutros modificam o acento da base à qual são agregados. O autor traz alguns exemplos que reproduzimos em (36).

(36)

- |    |                  |            |                      |                  |
|----|------------------|------------|----------------------|------------------|
| a) | <i>'abstract</i> | “abstrato” | <i>'abstractness</i> | “abstração”      |
|    | <i>a 'lert</i>   | “alerta”   | <i>a' lertness</i>   | “ato de alertar” |
|    | <i>'serious</i>  | “sério”    | <i>'seriousness</i>  | “seriedade”      |
| b) | <i>'paper</i>    | “papel”    | <i>'paperless</i>    | “sem papel”      |
|    | <i>'power</i>    | “poder”    | <i>'powerless</i>    | “sem poder”      |
|    | <i>'home</i>     | “casa”     | <i>'homeless</i>     | “sem-teto”       |

Os sufixos *-ness* e *-less* são neutros para o acento, pois não modificam o acento de sua base ao serem agregados a ela. Vejamos os exemplos em (37) nos quais os sufixos contribuem para a mudança do acento de sua base e são, portanto, não-neutros segundo a classificação de Katamba (1993). O autor diz que o sufixo *-ic* é não-neutro pré-acentuado, pois o acento é atachado à sílaba imediatamente precedente ao sufixo, e o sufixo *-ee* é não-neutro com acento próprio, o que significa que o sufixo toma para si o acento da base.

(37)

<i>s'trategy</i>	“estratégia”	<i>stra'tegic</i>	“estratégico”
<i>da'tain</i>	“detido”	<i>detai'nee</i>	“detenção”
<i>'morpheme</i>	“morfema”	<i>mor'phemic</i>	“morfêmico”
<i>ab'sent</i>	“ausente”	<i>absen'tee</i>	“ausência”

### 3.6 Prefixos e Preposições: em busca de uma descrição prosódica

No capítulo primeiro deste trabalho, apresentamos visões tradicionais que, em sua maioria, tratam o prefixo e a preposição sob o seu caráter morfológico ou morfossintático. Autores como Faria (1995) e Almeida (2000) limitam-se a caracterizar o prefixo como um elemento participante do processo de formação de palavras, em latim, através da adjunção do mesmo a uma base já existente na língua. Em relação às preposições, o aspecto sintático é discutido com maior ênfase; a questão da regência limita-as aos casos acusativo e ablativo.

Valente (1949) apesar de reservar um capítulo de sua gramática para a métrica latina, não trata de prefixos sob a perspectiva prosódica, referindo-se a eles somente do ponto de vista gramatical. Câmara Jr. (1979) e J. Cervoni (1991) discorrem sobre a gênese do prefixo e da preposição latinos, chamando a atenção para o fato de que ambos vieram do advérbio e de que, inicialmente, a língua teve, para cada elemento do grupo dos prefixos, um correspondente no grupo das preposições. Novamente, o intuito não era o de traçar algum comportamento prosódico desses elementos.

Tentando olhar do lugar das teorias fonológicas modernas para o latim clássico, pretendemos descrever características prosódicas dos prefixos e das preposições do latim

clássico, tendo como ponto de partida a íntima relação existente entre eles no início da formação do idioma clássico.

### 3.6.1 Os fenômenos

Como diz Said Ali (1957), referido no segundo capítulo, a regra geral de acento das palavras latinas define que devemos acentuar a penúltima sílaba de um vocábulo se ela for longa; se for breve, devemos acentuar a antepenúltima sílaba. O autor também atesta que essa regra não valeria para a situação de contato entre vocábulos, ou seja, na frase, no nosso caso, no verso, a atribuição do acento poderia sofrer alterações.

Pensando nisso, voltemos os olhos para a característica proclítica discutida pelo autor. Quando a preposição é breve e a sílaba da palavra seguinte é também breve, a preposição não teria onde se apoiar e se agregaria à palavra seguinte transformando-se em uma sílaba, segundo as palavras do autor: “... *são pronunciadas como se ligadas fossem*”. Isto feito, a preposição passa a se comportar como se fosse um prefixo. Em outras condições, quando temos preposições breves e palavras seguintes iniciando com sílabas longas, essa adjunção não ocorre e, segundo o autor, teríamos as verdadeiras preposições proclíticas.

Outro comportamento importante que envolve as preposições latinas é a elisão, questão essa igualmente abarcada pela métrica, segundo seus preceitos. A elisão, em latim, ocorre quando uma palavra terminada em vogal é seguida por uma palavra que inicia também por vogal. Isso resulta no apagamento da primeira vogal, e essa sílaba não é sequer contada no verso. Os autores como Said Ali (1979) e outros afirmam que a elisão é obrigatória aqui, mas,

segundo Lipparini (1961), a elisão pode não ocorrer, dando lugar ao hiato com o alongamento da primeira vogal. O autor não explica como esse processo acontece.

Os prefixos latinos, como já dissemos, não são tratados sob o ponto de vista prosódico nem pelos gramáticos, nem pelos tratados de prosódia, mas podemos inferir algumas características acerca deles tomando por base a regra geral de acentuação latina. Para os trissílabos, a adjunção de um prefixo não faria diferença alguma para a atribuição do acento, já que o acento não pode ir além da antepenúltima sílaba, mas se uma palavra for dissílaba, temos possíveis diferenças em relação à sílaba onde recai o *ictus*. Vejamos exemplos das duas situações em (38):

(38) a) trissílabos

*testātus* “testado”

*tractabīlis* “tratável”

*intestātus* “não-testado”

*intractabīlis* “intratável”

b) dissílabos

*tūtus* “seguro”

*sūo* “coser”

*intūtus* “inseguro”

*insūo* “coser em”

Em (38)a., como temos palavras trissílabas e o acento não pode ir além da antepenúltima, o prefixo não tem papel algum na atribuição do acento, não importando as quantidades das penúltimas sílabas das mesmas. Contudo, em (38)b., podemos perceber que o prefixo pode contribuir para o acento em latim se a primeira sílaba do dissílabo for breve. Em *sūo*, ao acrescentarmos o prefixo, a palavra ganha uma sílaba a mais e, ao atribuímos o acento sob o ponto de vista da regra geral, passamos a ter uma proparoxítona: *insūo*.

Partindo desses apontamentos da métrica latina, pretendemos descrever, nesta dissertação, as características prosódicas dos prefixos e das preposições latinas. Analisaremos

a elisão como um processo de sândi externo em latim, tomando por base a análise de Bisol (1992,1996) e o possível bloqueio do fenômeno, segundo Abaurre (1996) e Tenani (2004). A característica proclítica das preposições latinas será investigada a partir das questões levantadas por Booij e Rubach (1987) com a sua análise das preposições proclíticas do polonês e a proposta de um ambiente prosódico para a aplicação de regras.

Os prefixos latinos serão descritos de acordo com a contribuição ou não-contribuição para o acento em dissílabos latinos. Para dar embasamento à discussão, lançaremos mão da análise de Booij e Rubach (1984), para o inglês, de afixos aderentes, aqueles que contribuem para o acento, e afixos não-aderentes, que não contribuem para o acento, além de Katamba (1993) em uma análise do inglês, que trata de afixos neutros e afixos não-neutros. Para o autor afixos neutros não exercem nenhum papel em relação ao acento, já afixos não-neutros contribuem para o acento.

Pretendemos, neste trabalho, dar conta de uma descrição da descrição da elisão, do comportamento proclítico das preposições e da relação entre prefixo e acento em latim valendo-nos da Fonologia Prosódica, e localizar os processos tendo em vista a organização do léxico de acordo com a Fonologia Lexical. Para isso, a análise de Schwindt (2001) nos permitirá fazer algumas considerações em relação a uma possível independência dos prefixos em latim no que se refere à possibilidade de receber acento e poder figurar como uma palavra prosódica no verso.

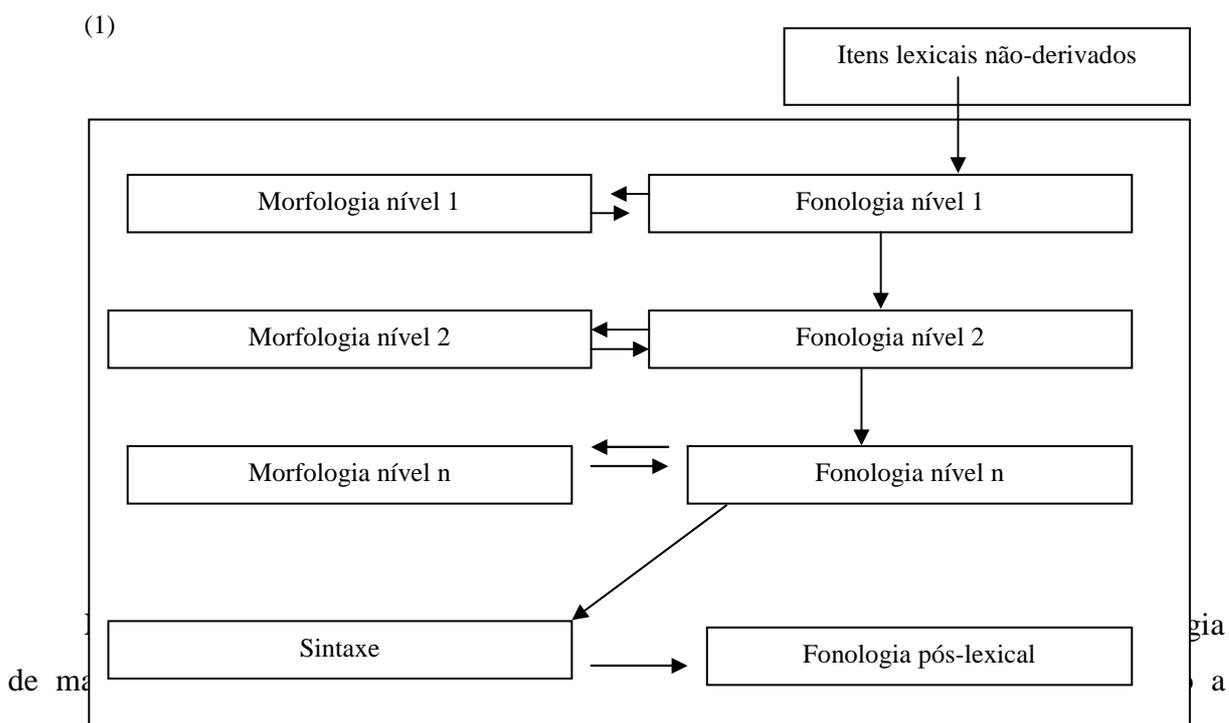
O capítulo que segue traz a descrição dessas características prosódicas dos prefixos e das preposições latinas tratadas pelo viés da Fonologia Prosódica e da Fonologia Lexical, trazendo informações relevantes da prosódia e da métrica latinas quando forem necessárias.

## 4 CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS DO PREFIXO E DA PREPOSIÇÃO EM LATIM CLÁSSICO: UMA DESCRIÇÃO

No presente capítulo, localizaremos, no léxico, alguns fenômenos com os quais a preposição e o prefixo latino estão envolvidos: elisão, proclitização e a relação do prefixo com a regra de reajustamento do acento. Para isso, retomaremos, muito brevemente, alguns pressupostos da Fonologia Lexical vistos no capítulo 3. Faremos, após, uma descrição desses fenômenos tentando dar conta das regras envolvidas e dos ambientes em que ocorrem, com o auxílio da Fonologia Prosódica.

### 4.1 Onde estão os fenômenos?

O léxico de uma língua, de acordo com Kiparsky (1982), é organizado em estratos ou níveis e esses estratos ou níveis são domínio para regras morfológicas e fonológicas; como reproduzimos abaixo. A teoria da Fonologia Lexical distingue dois tipos de regras: (i) regras lexicais, quando o fenômeno ocorre durante a formação da palavra (interação entre morfologia e fonologia), e regras pós-lexicais, quando o fenômeno ocorre quando da combinação de palavras (interação entre sintaxe e fonologia).



Condição do Ciclo Estrito, *Elsewhere Condition*, o Princípio de Preservação de Estrutura e a Convenção do Apagamento de Colchetes. Aqui, podemos ter exceções; já as regras que atuam no estrato pós-lexical trabalham com o resultado da sintaxe. Essas regras não estão sujeitas aos princípios anteriormente citados, não podem ter exceções, mas, sim, variação; e é aqui o lugar da prosódia.

Booij e Rubach (1984), revendo o modelo de Kiparsky (1982), propõem as regras lexicais pós-cíclicas. Temos, portanto, um nível não-cíclico dentro do léxico, no qual não há interação entre regras morfológicas e regras fonológicas, atuando, então, apenas regras fonológicas.

Outra questão importante discutida por Booij e Rubach (1984) se refere à necessidade de um domínio prosódico. Segundo os autores, há casos nos quais os domínios morfológicos e fonológicos não são isomórficos e um ambiente prosódico é necessário para dar conta de alguns fenômenos, tais como a característica proclítica das preposições em polonês, que veremos mais adiante.

É no estrato pós-lexical que Bisol (1996) localiza os fenômenos de sândi externo. O sândi externo (elisão, ditongação e degeminação) trabalha com o produto da sintaxe, atua, portanto, na combinação de palavras e sem a necessidade de informação da morfologia. A elisão, em latim, também se encontra no pós-léxico, pois também não se utiliza de informações morfêmicas e se aplica sobre o resultado da sintaxe em combinações de palavras. Trataremos mais detidamente deste assunto na seção de descrição da elisão em latim.

Os prefixos, em latim, parecem poder modificar o acento da sua base em algumas circunstâncias. Acreditamos que a contribuição ou não-contribuição dos prefixos para o acento de suas bases encontra-se no léxico se estivermos lidando com o acento lexical, o acento da palavra. Já o acento resultante do fenômeno da proclitização e o acento atribuído à sílaba longa de um pé, no verso, está localizado no pós-léxico.

Em suma, os fenômenos tratados neste trabalho estão localizados no estrato lexical e no estrato pós-lexical, no lugar onde as regras podem se aplicar em combinações de palavras, onde não há interação entre regras morfológicas e regras fonológicas, e onde os fenômenos prosódicos se situam.

#### 4.2 A elisão em latim

Seguido o modelo da Fonologia Lexical, as palavras, ao saírem do estrato lexical, têm suas sílabas bem formadas. Quando esses itens lexicais são inseridos em uma frase pela sintaxe (no nosso caso, em um verso), alguns fenômenos podem ocorrer e podemos ter como resultado desses fenômenos a perda de picos silábicos. Por esse motivo, a ressilabação é chamada para atuar, ressilabando os segmentos que ficaram perdidos, respeitando o Princípio de sonoridade seqüencial, que guia a relação entre posição e grau de sonoridade do segmento, e o Princípio de Licenciamento Prosódico, que exige que todo elemento seja agregado a uma sílaba. Se isso não ocorrer, o Apagamento do Elemento Extraviado se aplica.

Dentre os processos aos quais as palavras estão sujeitas, temos o sândi externo-ditongação, degeminação, elisão (Bisol, 1996). A elisão é o processo ao qual daremos atenção nesta seção do trabalho, descrevendo como esta ocorre em latim.

Em Bisol (2002), temos a relação da elisão com o acento. Segundo a autora, o bloqueio da elisão se dá quando  $V_2$  é portadora de acento primário. Já Abaurre (1996) lembra que, o que bloqueia a elisão é o acento de frase fonológica, portador de informação sintática. Tenani (2004) atesta que os papéis bloqueadores da elisão são os seguintes: (i)  $V_1$  portadora de acento, a não ser que haja espaço suficiente entre os acentos; (ii) quando a aplicação do processo resultar em um outro choque; (iii) se a distância entre os acentos for menor do que três sílabas; (iv) preservação do acento de frase fonológica; (v) bloqueio condicionado por restrições rítmicas.

O processo de elisão, em latim, ocorre, segundo os tratados de métrica e prosódia, quando, no verso, uma palavra termina por vogal ou *-m* (assimilação total da nasal) e a palavra seguinte também é iniciada por vogal. Então a primeira vogal é apagada, sendo sua quantidade ignorada para a metrificação. Apesar de encontrarmos registros de que a elisão é obrigatória, autores como Lipparinni (1961) atestam que podemos ter, no verso, ao invés da elisão, o hiato. O hiato seria o alongamento da primeira vogal e a separação, no verso, dos dois vocábulos em pés separados.

Tomando a análise de Bisol (1996) para o português, consideramos que a elisão em latim se instancia como fenômeno que ocorre, no verso, quando há um choque de picos silábicos. Como resultado disso,  $V_1$ , vogal que se encontra em posição prosodicamente mais fraca, é elidida, deixando segmentos perdidos que devem ser ressilabados sob pena de serem apagados pelo Princípio do Apagamento do Elemento Extraviado.

No intuito de olhar para a aplicação da elisão como um fenômeno prosódico no qual as preposições estão inseridas, restringimos o nosso primeiro levantamento a versos que

continham preposições terminadas em vogal ou *-m* nos quais a palavra seguinte iniciava também por vogal, como podemos ver em exemplos trazidos por Lipparini (1961):

(2)

*Alma pre-/ cor mise-/rere po-/ tes nam-/que omnia/necte.*

*Oran-/dum est ut/sit mens/sana in/corpore/sano.*

Podemos entender o contexto da elisão em latim como ocorrendo quando a primeira palavra terminar em vogal e a segunda iniciar em vogal, V\_\_V, com uma assimilação total da nasal nos casos em que V<sub>1</sub> for seguida por *-m*.

Temos, em (2), exemplos de versos hexâmetros (de seis pés), que podem ser dáctilos ou espondeus. Através da escansão do verso, conseguimos perceber se a elisão se aplicou ou não, pois, quando o processo se aplica, a sílaba elidida não é contada. Podemos perceber, em (2), a elisão se aplicando entre os vocábulos *que* e *omnia*, tendo a escansão *quōmniã*. Sem a elisão, a formação do dáctilo ficaria incorreta. Agora, os dois elementos estão unidos em um só pé. O mesmo ocorre com *dēst ūt*, em que temos a formação de um espondeu, da mesma forma que em *sānīn*. Ao serem alvos da elisão, os vocábulos se reorganizam para formar uma só estrutura.

Vejam os comportamentos das preposições em relação à elisão nos nossos versos, iniciando com os dados que contêm a preposição *circa*:

(3) -*Sāevī/ēt cīr/ca ī/ēcūr/ūlcě/rōsūm*

Temos, em (3), um verso pentâmetro, e o ambiente para a aplicação da elisão são os vocábulos *circa* e *iecur*. Percebemos, através da escansão, que o processo se aplica, e a primeira sílaba da preposição passa a pertencer ao pé anterior, enquanto a parte restante forma um dáctilo com a palavra iniciada por vogal, o terceiro pé do verso.

(4) -*Rēspon/sāt cīr/ca ēt cāe/lūm tōnāt/ ōmně tū/mūltū.*

Da mesma maneira que em (2), a elisão também se aplica no verso em (4) e a quantidade de V1 não é contada para formarmos os seis pés desse hexâmetro. Encontramos, também, a mesma situação de as sílabas da preposição *circa* pertencerem a pés diferentes, fazendo parte de dois espondeus.

Passemos a descrever o comportamento da preposição *cum*.

(5) -*Vīx hāec/ ēdīdē/rāt cum ē/ffūsīs /īmbrībūs /ātrā*

Em (5), observamos que a preposição *cum* não é contada para a formação dos pés por ter sido alvo da elisão, passando a se reestruturar com a primeira sílaba da palavra seguinte, tornando-se apta a formar, com *-rat*, um espondeu.

Vejamos a preposição *sine* e seu comportamento em relação ao fenômeno.

(6) -*Sīc fā/ctūs sē/nīōr tēm/lūnque īm/bēllē sī/ne īctū.*

(7) -*Vīr Trōī/ānē sī/ne hānc ānī/mām ēt mī/sērē prē/cāntīs*

Tanto em (6) quanto em (7), vemos a aplicação da regra de elisão, e vemos, através da divisão dos pés, que o dissílabo *sine* é dividido e suas sílabas pertencem a pés diferentes.

Os exemplos seguintes são de versos que contêm a preposição *pone*.

(8) -*Pōne ānī/mōs ēt/ pūlsūs/ ābī. Sāt/ fūnērā/ fūsī.*

(9) -*Pōne āgē/ nēc tītū/lōs īn/tērcīpē/, fēmīnā nōstrōs.*

Nesses versos hexâmetros, (8) e (9), vemos que o apagamento de V1 se aplica e que a preposição se reestrutura com a palavra seguinte, formando com ela um só pé, um dáctilo.

A preposição *ante* foi responsável pelo maior número de dados no nosso levantamento, mas, como as condições se repetiam, decidimos integrar, no *corpus*, apenas alguns exemplos. Vejamos (10), (11) e (12).

(10) *Mūltā tī/bī ānte ā/rās nōstrā/ cādēt/ hōstīā/ dēxtrā.*

(11) *Vīsā mī/hi ānte ōcū/lōs ēt/ nōtā mā/īōr ī/māgō.*

(12) *Nātum ānte ō/rā pā/trīs pā/trēm qūi ōb/trūncāt ād/ ārās.*

Novamente a elisão se aplica em (10), (11) e (12). Os tratados de métrica e prosódia, como já mencionamos, indicam uma obrigatoriedade do processo, mas alguns autores registram a possibilidade do hiato, embora não haja explicações sobre a sua motivação.

Nesses exemplos, a preposição se reestrutura com parte da palavra seguinte para formar dádtilos. Observemos que *ante* é atingida pela elisão na primeira e na segunda sílabas, pois a condição necessária para a aplicação da regra foi satisfeita em relação à palavra que antecede e à que sucede a preposição.

Os versos seguintes contêm a preposição *circum*. De acordo com os preceitos da métrica, pelo fato de a nasal ter sido totalmente assimilada pela vogal, por terminar em *-m*, tal qual *cum*, essa preposição também se encaixa como ambiente para elisão em latim.

(13) *Fēta ār/mīs pŭĕ/rī cīr/cum īnnūp/tāeqŭe pŭ/ēllāe.*

(14) *Cīrcum ē/rrānt ā/cīēs ĕt/, nī mēā/ cūrā rĕ/sīstāt.*

(15) *Ālbā sō/lō rĕcŭn/bāns āl/bī cīr/cum ūbĕrā/ nāī*

Nas três situações acima, a elisão apaga  $V_1$  e ocasiona a reestruturação das palavras envolvidas. Mais uma vez a preposição tem suas sílabas pertencentes a pés separados, excetuando-se (14). No ambiente da aplicação do processo, temos a formação de espondeus, em (13) e (14), e de dádtilo em (15).

A preposição *contra* figura nos dois exemplos que seguem:

(16) *Īlī/cēt īn/fāndŭm/ cŭnctī cōn/tra ōmniā/ bēllŭm*

(17) *Cōntra āu/tēm māg/nō māe/rĕntēm/ cōrpōrĕ/ Nīlŭm.*

Temos a elisão se aplicando mais uma vez, como esperamos, obedecendo à obrigatoriedade da regra. Temos um dádtilo em (16) e um espondeu em (17) em face de uma reorganização das palavras envolvidas para formá-los. Com efeito, como diz Said Ali (1957), o contato de palavra com palavra faz com que elas sejam proferidas de maneira diferente de quando são ditas isoladamente.

*Supra* foi mais uma das preposições que apareceu no nosso levantamento. Temos, abaixo, dois exemplos:

(18) *Vĕrtītŭr/ ārmā/ tĕnĕns ĕt/ tōtō/ vĕrtīcĕ/ sŭpra ĕst.*

(19) *Sŭpra hō/mīnĕs, sŭ/prā īrāe/ dĕōs pī/ĕtātĕ vī/dĕbīs.*

Nos exemplos em (18) e em (19), a preposição *contra* forma um espondeu<sup>22</sup> com a palavra seguinte após ter sido atingida pela elisão em todas as ocorrências.

Após a descrição do comportamento da preposição latina em relação à elisão, passaremos a desenvolver algumas questões em relação ao fenômeno, lembrando as análises de autores referidos no capítulo anterior.

A elisão em latim parece diferir da elisão em português, no que diz respeito à qualidade da vogal. Em português,  $V_1$  tem de ser a vogal *a* e a vogal que inicia a palavra seguinte tem de ser diferente de *a*. Já em latim,  $V_1$  pode ser qualquer vogal ou *-m* e  $V_2$  pode ser qualquer vogal. Em relação às demais características, o processo parece se aplicar da mesma maneira em ambas as línguas: quando ocorre o encontro de duas palavras que satisfaça a descrição da regra, temos um choque de picos silábicos e a primeira vogal é deletada.

A vogal átona final,  $V_1$ , ocupa uma posição prosodicamente mais fraca e, por esse motivo, é apagada. Quando isso ocorre, a consoante que formava sílaba com  $V_1$  fica flutuante, esperando ser agregada a uma nova sílaba pela ressilabação. Quando esta ocorre, o elemento perdido é incluído, obedecendo a princípios próprios referidos anteriormente. Se a ressilabação não enxergar o elemento extraviado, ele será apagado pelo Apagamento do Elemento Extraviado.

Bisol (2002) afirma que a elisão pode ser bloqueada se  $V_2$  for portadora do acento principal de frase fonológica. Então o domínio da elisão seria a frase fonológica, embora ocorra também no grupo clítico. Abaurre (1996) também afirma que o domínio da elisão é a frase fonológica e que o acento de frase fonológica é o responsável por bloquear a aplicação do processo em virtude da preservação de informação sintática. Tenani (2004) aponta algumas razões para a elisão não se aplicar, tais como  $V_2$  ser portadora de acento. Por conta da necessidade de preservação da proeminência relativa de frase fonológica, também possui um papel bloqueador da elisão o fato de a aplicação da regra gerar um outro choque de picos silábicos.

Não encontramos, nos nossos dados, exemplos de estruturas nas quais o ambiente de aplicação da regra tenha sido satisfeito e a elisão não tenha se aplicado. Embora a elisão seja dita obrigatória pela maioria dos estudiosos de métrica e de prosódia, isso seria possível, pois o processo de elisão poderia variar com o processo de hiato, já que estamos olhando para o pós-léxico e essa variação é passível de ocorrer. O bloqueio da elisão daria lugar ao hiato, o alongamento de  $V_1$ , para forçar as duas palavras envolvidas a ficarem em pés separados.

<sup>22</sup> No final do verso, podemos ter  $\text{---}$  ou  $\text{---}$ .

Algumas das afirmações acima poderiam explicar o bloqueio da elisão nessas situações e a conseqüente formação do hiato no verso latino, referido pela prosódia e pela métrica latina.

Contudo, não temos dados para decidir qual explicação seria mais adequada para a não aplicação da elisão, já que, no nosso *corpus*, a aplicação da elisão foi categórica. É possível que se trate de um problema de uma quantidade de dados insuficiente para tal investigação ou ainda que as razões pelas quais o hiato, ao invés da elisão, se instala não correspondam exatamente às mesmas razões do bloqueio da elisão em português. De qualquer sorte, a descrição da elisão pretendida nesse trabalho não tem a intenção de dar conta dessas questões. Talvez em uma pesquisa futura, com uma quantidade maior de dados e com um traçado comprometido especificamente a olhar para essa questão, possamos discutir com maior propriedade o assunto.

O que podemos deixar registrado é que o processo de elisão em latim assemelha-se ao fenômeno da elisão analisado por Bisol (1996, 2002), caracterizado como um processo de sândi externo que ocorre no estrato pós-lexical da língua. As preposições são elementos que são alvo desse processo como qualquer outra palavra da língua. A elisão se aplica quando o ambiente surge; então, a ressilabação é acionada para agregar consoantes perdidas a picos silábicos, as vogais.

Se assumirmos que a preposição pode figurar sozinha como uma palavra fonológica, temos, então, uma reestruturação de duas palavras fonológicas. Se tomarmos a estrutura formada por preposição e seu complemento como formadores de um grupo clítico, como exemplifica Bisol (2001:235) nos exemplos abaixo, teríamos a reestruturação do grupo clítico em uma palavra fonológica.

(20) a) [pela\_idade]C

b) [pelidade] ω

Seguindo a linha de pensamento da autora, vemos o sândi se aplicar dentro do grupo clítico. A ressilabação, chamada a atuar depois da elisão, reestrutura o grupo clítico em uma só palavra fonológica; nesse caso, o clítico passa a ser tratado como sílaba átona à esquerda da base. Sabemos que as questões em torno do grupo clítico são controversas, mas nos parece pertinente localizar a elisão entre a preposição e o seu complemento nesse ambiente fonológico, lembrando que o grupo clítico seria o menor ambiente de aplicação da elisão em latim.

Certamente ainda temos muitas questões em aberto em relação à elisão em latim envolvendo preposições e seus complementos, contudo os limites dessa descrição nos impedem de resolvê-las, sendo certamente objeto de apreciação em análises posteriores.

Passemos a descrever a proclitização das preposições latinas referida pelos estudiosos de prosódia e métrica, bem como a crítica de Said Ali (1957) relativa ao assunto, as informações trazidas por Faria (1970), além das análises de Booij e Rubach (1987) que podem servir de guia para dar conta da proclitização das preposições em latim clássico.

#### 4.3 Característica proclítica das preposições em latim clássico

Faria (1970) diz que toda palavra latina possui acento, excetuando-se alguns vocábulos átonos que se apóiam na palavra precedente ou na seguinte, os proclíticos e os enclíticos, respectivamente. Para o autor, as preposições simples são proclíticas e se apóiam na palavra seguinte, formando com ela um todo fonético, no qual incide um único acento. Esse acento incide no mesmo lugar em que incidia antes da proclitização. A proclítica não influenciaria o acento do conjunto.

A enclítica pode influenciar a atribuição do acento em latim. Lembremos o que Nespor e Vogel (1986) dizem quando tratam do grupo clítico em latim. Partindo da regra geral de atribuição do acento em latim, se tivermos dissílabos, a penúltima sílaba recebe o acento; se um vocábulo possuir mais de duas sílabas, o acento incidirá na penúltima, se esta for longa, e, se for breve, o acento cairá na sílaba imediatamente anterior e teremos uma palavra proparoxítona. As autoras analisam a adjunção de *-que*, apresentada em (22).

(21) a) rósa

b) fémīna

(22) a) rosáque

b) femináque

As autoras assumem que a enclítica *-que* é agregada à palavra e uma regra de reajustamento do acento faz o ictos recair na sílaba imediatamente anterior à enclítica,

independentemente do peso da mesma. Para as autoras, esse clítico afeta a atribuição do acento. As proclíticas não foram tratadas por Nespor e Vogel (1986).

Said Ali (1957) critica a característica proclítica geralmente dada às preposições latinas. Uma preposição proclítica, por não ter acento próprio, se apoiaria no peso da sílaba da palavra seguinte, tal qual a enclítica latina *-que*, *que*, por não possuir icto inerente, se apóia no acento da sílaba que a antecede.

Said Ali (1957) afirma que a característica de proclíticos dada a algumas preposições é contestável. De acordo com o autor, isso só aconteceria se a sílaba da palavra seguinte ao proclítico for longa. Dessa maneira, a preposição proclítica tem o peso necessário no qual se apoiar. Contudo, se a sílaba seguinte à preposição for breve, não há peso no qual o proclítico possa se apoiar e a preposição se une à palavra seguinte, passando a fazer parte dela, sendo enunciadas como se fossem unidas e influenciando o acento do vocábulo hospedeiro<sup>23</sup>.

Percebemos, aqui, uma contradição entre a caracterização do fenômeno de proclitização descrito por Faria (1970) e Said Ali (1957). Said Ali (1957) diz que o proclítico somente se apóia no peso da palavra seguinte. Quando esse peso é insuficiente, o proclítico se funde com o complemento. Faria (1970), ao contrário, atesta que proclíticas são as preposições simples que, ao se apoiarem na palavra seguinte, formam com ela um só conjunto, mas sem influenciar o acento.

Booij e Rubach (1987), em uma tentativa de comprovar a necessidade de um ambiente prosódico de regras, por conta do não isomorfismo entre o ambiente morfológico e o ambiente fonológico, trabalham com as preposições proclíticas do polonês e o ordenamento de regras envolvidas. Vejamos as regras em (23), (24) e, em (25), os dados do polonês já mencionados no capítulo anterior.

(23) Desvozeamento final

[+ obstruinte] → [- vozeadas]/\_\_\_\_\_)<sub>mot</sub>

(24) *m-Erasure*

(25) *pod owocem* [pod] “embaixo da fruta”

*nad rowem* [nad] “depois da valeta”

*bez namyslu* [bez] “sem pensamento”

*od mleka* [od] “do leite”

Há, aqui, uma tentativa de analisar o porquê de os dados em (25) escaparem da regra de desvozeamento final de obstruintes em polonês. Se assumirmos (23) como uma regra que se aplica em um ambiente morfológico, não conseguimos explicar a não- aplicação da regra nos segmentos obstruintes finais das preposições em (25).

Booij e Rubach (1987) afirmam que as preposições em (25) são proclíticas. Foram geradas de maneira independente mas não têm acento inerente; essas preposições são inseridas pela sintaxe em uma estrutura como em (25) e adquirem acento secundário, não caracterizando palavras fonológicas separadas.

A seguir, uma regra de apagamento de palavra fonológica se aplica e desassocia o nó de palavra fonológica. Desse modo, a preposição proclítica passa a formar, junto com o seu complemento, uma só palavra fonológica. Assim, a regra de desvozeamento final não tem ambiente para se aplicar.

A regra em (23) é pós-lexical pelo fato de termos a informação de que a preposição será seguida ou não por um complemento apenas depois de a sintaxe inserir a preposição e o complemento em uma frase,. Se a preposição não for seguida de um complemento ou ocorrer diante de pausa (o que é possível em polonês), a regra (23) se aplicará, demonstrando que a preposição se instanciou sozinha como uma palavra fonológica.

Podemos pensar que os proclíticos latinos têm o mesmo comportamento das preposições proclíticas em polonês. Elas são criadas independentemente, mas não possuem acento próprio. Quando a sintaxe coloca essas preposições em uma frase ou verso, esses elementos tendem a se apoiar no acento da palavra seguinte, seu complemento.

Vejamos os exemplos de preposições possivelmente proclíticas em latim. De acordo com a prosódia, monossílabos terminados em consoante são breves e não possuem acento, enquanto os que terminam em vogal são longos, portadores de acento próprio. Podemos passar a visualizar as preposições monossilábicas desse modo. Mesmo para as preposições dissílabas, esse pensamento continua valendo, já que, isoladamente, sílabas terminadas por vogal são longas e, por consoante, breves. Em (26), temos exemplos de complementos iniciados por sílaba breve. Em (27), temos dados nos quais os complementos das preposições são iniciados por sílaba longa.

(26)

*Sīvē /fāctū/rūs //pēr ĩn/hōspi/tālēm*

---

<sup>23</sup> Essa questão será referida novamente em seções seguintes.

*Vīctōr āb /ōrā*  
*Cūm lārē/fūndūs*  
*Pēr dōlūm /āmō/tās //pūē/rūm mī/nācī*  
*Plūrī/mūm cīr/cā //nēmūs /ūvī/dīqūe*  
*Cūm tībī /plāusūs*  
*Cōndī/tūm lē/vī, //dātūs /īn thē/ātrō*  
*Sūb pēdē /pālmām*

(27)

*Īntēr /āudā/cīs //lūpūs /ērrāt /āgnōs*  
*Mīttē /cīvī/līs //sūpēr /ūrbē /cūrās*  
*Rōmū/lō pōst /hōs //prīūs /nā quī/ētūm*  
*Quāe mā/nēnt cūl/pās //ētī/ām sūb /Ōrcō*  
*Ārmā vī/rūmqūe cā/nō Trōī/āe qūi/ prīmūs āb/ ōrīs*  
*Vōltūs īn /hōstēm*  
*Vi sūpē/rūm sāe/vāe mēmō/rēm jū/nōnīs ōb/ īrām*

A característica proclítica atribuída a todas as preposições do latim, criticada por Said Ali (1957), e a restrição a apenas preposições simples, segundo Faria (1970), pode ser descrita a partir da análise de Booij e Rubach (1987) para o polonês.

Nos exemplos em (26), temos preposições que regem complementos iniciados com sílaba breve e, à exceção dos dois primeiros dados, algumas preposições estão assinaladas, no verso, como monossílabos longos ou com as últimas sílabas longas, podendo ser portadoras de acento.

É nesse ambiente que a proclitização, nos termos de Said Ali (1970), deve ser observada. Notemos que as preposições e as sílabas breves que se seguem a ela estão no mesmo pé, o que talvez seja um indício de que a proclitização se aplicou, tornando a preposição latina uma sílaba átona à esquerda da base, passando a formar, com a base, uma só palavra fonológica. Nos dados em (27), os complementos são iniciados por sílaba longa. Neste ambiente, de acordo com Said Ali (1957), teríamos a característica proclítica das preposições latinas se aplicando. A preposição, por não ter acento inerente, apóia-se na sílaba longa da palavra seguinte. Não temos certeza se, em latim, isso significa que os elementos se uniram, como em polonês. Parece que não temos uma união da preposição com o

complemento a ponto de formarem uma única palavra fonológica; inclusive, os elementos envolvidos estão em pés separados.

Said Ali (1957) considera que a proclitização ocorre quando a preposição se apóia no acento do seu complemento; quando não há sílaba inicial longa para se apoiar, a preposição não seria proclítica, mas se tornaria uma sílaba da palavra seguinte. Já Faria (1970) diz que a proclítica apenas se apóia no elemento que não se funde com ele.

Em polonês, quando uma preposição é proclítica, ela passa a fazer parte, com sua base, da mesma palavra fonológica. Se há um complemento seguindo a preposição, ela é obrigatoriamente proclítica. Esse comportamento independe do tipo de preposição, mas depende do ambiente prosódico. Se a preposição ocorrer diante de pausa ou sem o complemento, pode se instanciar como palavra fonológica sozinha.

Encontramo-nos em um impasse: como tratar esses fenômenos que parecem ser tão semelhantes, mas que têm um tratamento diferente, no que se refere a sua descrição, por Faria (1970) e Said Ali (1957), descrições tradicionais. É possível dar, para as preposições latinas o mesmo tratamento dado às preposições do polonês pelo modelo de Booij e Rubach (1987)?

Optamos por tomar parte das análises de Faria (1970) e Booij e Rubach (1987), caracterizando as preposições proclíticas latinas como aquelas que não encontram, no seu complemento, peso suficiente no qual se apoiar e se unem a ele, passando a formar um palavra fonológica única. Os dois elementos ficam, inclusive, escandidos dentro do mesmo pé.

Não concordamos, porém, com o preceito de Faria (1970) de que só as preposições simples são atingidas pelo fenômeno, pois temos dados em que a preposição é simples e se funde com o complemento, casos nos quais a preposição é simples e não há a união dos dois elementos, dados em que a preposição é dissílaba e é proclítica e, ainda, casos nos quais a preposição é dissílaba e não é proclítica. Parece-nos que, em latim, essa questão, como no polonês, independe do tipo da preposição.

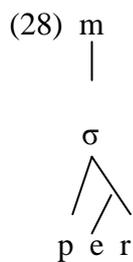
Sobre dados nos quais a sílaba longa do vocábulo seguinte não possibilita que a preposição do latim se apóie nela, preferimos pensar que possam estar formando um grupo clítico, como Nespor e Vogel (1987) o fazem para a enclítica *-que* referida anteriormente. Pensamos desse modo porque não vemos uma relação tão íntima entre os dois elementos; a preposição e o complemento ficam, inclusive, em pés separados.

Uma pergunta possível de se fazer, nesse momento, seria: por que não estendemos a proclitização a todas as preposições latinas, a exemplo dos dados em (26) e (27)? Resumindo, poderíamos tratar todos os dados como exemplos de proclitização, dizendo que as preposições

se apóiam na palavra seguinte e se unem a ela formando uma palavra fonológica. Uma decisão deste tipo é bem razoável. Desse modo as preposições latinas funcionariam da mesma maneira que as preposições proclíticas do polonês, sem importar o peso da sílaba do vocábulo seguinte.

Pensar assim nos faz lembrar da importância do peso para um língua como o latim. Essa característica da língua clássica não pode ser ignorada: a regra geral do acento, por exemplo, leva em conta o peso / quantidade das sílabas; por esta razão, preferimos tratar os dados em (25) como representativos do fenômeno da proclitização e os dados em (26) como exemplos de ambientes nos quais a regra não se aplica.

Se pensarmos em conformidade com Booij e Rubach (1987), as preposições latinas não necessitariam ser marcadas como longas ou breves, apenas como portadoras de acento secundário atribuído no estrato pós-lexical, ao serem inseridas em um verso pela sintaxe. Somente após a inserção da preposição em uma frase ou verso, podemos ter acesso à informação no que se refere à quantidade da primeira sílaba da palavra regida. Antes disso, saber se as preposições latinas são ou não são proclíticas não é possível, pois necessitamos dessa informação da sintaxe. Podemos pensar que ocorra com uma preposição proclítica latina o mesmo que ocorre com a preposição proclítica em polonês.



A preposição latina poderia ser geradas de maneira independente, como vemos em (28), receber acento secundário no estrato pós-lexical, e uma regra que apaga o nó de palavra

fonológica poderia se aplicar, transformando, assim, a preposição em uma sílaba do seu complemento, como podemos ver em (29). Poderíamos pensar em uma reestruturação do grupo clítico em uma palavra fonológica.

Para o grupo de dados em (27), podemos pensar que, ao apoiar-se no seu complemento, a preposição estaria formando com ele um grupo clítico, um constituinte formado por um ou mais clíticos e uma palavra de conteúdo, tal qual a análise de *-que* para Nespor e Vogel (1987). A diferença se localizaria na questão do acento. As autoras acreditam que a enclítica *-que* não influencia a atribuição do acento em latim; nós acreditamos que a preposição proclítica pode ter influência na atribuição do acento em latim clássico.<sup>24</sup>

Sabemos que a questão não fica resolvida por completo, mas parece-nos um bom tratamento em face da pequena quantidade de dados e da breve descrição pretendida em relação a algumas características prosódicas de preposições do latim clássico. Fazermos maiores análises ou discutirmos as questões mais a fundo extrapola os limites desta dissertação. Temos consciência de que é um assunto pertinente e que merece ser explorado em trabalhos futuros.

O que certamente percebemos como de suma importância é o fato de podermos tratar alguns fenômenos da língua clássica como processos fonológicos que ocorrem em ambientes prosódicos. Vemos como fator de fundamental importância tentar olhar tais fenômenos partindo do ponto de vista da teoria fonológica moderna para fenômenos descritos pela métrica e pela prosódia latinas, podendo dar evidências adicionais da frase fonológica, da palavra fonológica e possivelmente do grupo clítico em latim clássico através da descrição desses processos.

Seguindo nossa linha de raciocínio, os dados em (26), nos quais teríamos as preposições e seus complementos reestruturados em uma única palavra fonológica, servem-nos de grupo de dados adicional para tratarmos das características prosódicas dos prefixos latinos em relação ao acento. Ao se tornarem sílabas átonas à esquerda de seu complemento, as preposições, tais como as de (26), podem passar a funcionar prosodicamente como prefixos. Trataremos dessas questões na seção seguinte.

#### 4.4 Características prosódicas dos prefixos em latim clássico: prefixo e acento

Para tratarmos da relação entre o prefixo e acento em latim clássico, reproduziremos as questões já tratadas em 3.5.3. Segundo a literatura da área, alguns afixos podem influenciar o acento da base à qual se agregam. Katamba (1993) faz referência a afixos que podem modificar o acento de sua base e afixos que se comportam de maneira neutra em relação ao acento. Em relação aos afixos do inglês, o autor divide-os em dois grupos: (i) afixos neutros, que não têm efeito modificador do acento de suas bases; (ii) afixos não-neutros, aqueles que, de alguma maneira, interferem nos segmentos ou na localização do acento de suas bases.

De acordo com Booij e Rubach, temos afixos aderentes e afixos não-aderentes. Afixos aderentes, como *-ity*, têm a capacidade de modificar o acento da sua base, podendo se unir com a palavra fonológica precedente ou seguinte, formando com ela uma única palavra fonológica. Os afixos não-aderentes, *-un*, coincidem com a fronteira silábica da base, não interferem no acento e se instanciam, por si só, como palavras fonológicas separadas, o domínio dessa silabificação é a palavra fonológica.

Da mesma maneira que afixos do inglês podem modificar o acento de suas bases, os afixos latinos também têm papel em relação ao acento. Trataremos, na seção seguinte, das condições nas quais os prefixos latinos podem influenciar acento das bases aos quais são agregados.

#### 4.4.1 Prefixos que modificam o padrão de acento de suas bases: acento da palavra

Os prefixos do latim também parecem exercer alguma influência em relação ao acento de sua base. Relembremos a regra geral de atribuição de acento em latim clássico que prediz: a atribuição do acento em latim clássico depende da quantidade da penúltima sílaba, se a penúltima sílaba for longa, o acento recai sobre ela; se a penúltima sílaba for breve, o acento recai sobre a sílaba imediatamente anterior. Em palavras dissílabas, o acento recai sempre na penúltima, os monossílabos tônicos podem receber acento.

O dado no qual o acento parece estar sendo influenciado pelo prefixo está abaixo.

---

<sup>24</sup> Essa questão será tratada seção seguinte.

(35)

*Quam Iō/cūs cīr/cūm//vōlāt /ēt Cŭ/pīdō*

Em (35) temos a adjunção de *circum-* ao verbo ‘*vōlāt*, que é dissílabo e, por esse motivo, tem a penúltima sílaba acentuada. Ao ser prefixado, o vocábulo ganha mais duas sílabas, *cīrcūmvōlāt*. Agora o acento olhará novamente para o vocábulo. Como a penúltima sílaba é breve, o acento recai na sílaba que a antecede, teríamos *cīr’cūmvōlāt*. No verso, o prefixo é o elemento portador do acento do pé.

(36)

*Tāurī/nō quān/tūm pō/ssēt cīr/cūmdārě /tērgō*

Em *cīrcūmdārě*, da mesma forma que em (35), a base *dārě* também é dissílaba com a penúltima breve. Com a prefixação, o acento muda de lugar e passamos a ter um proparoxítono. Novamente, o prefixo contribui para acento, com a característica de também receber acento no verso, como em (35), o que será discutido mais adiante.

(37)

*Īmpŭ/dēns lī/qŭi //pātrī/ōs Pě/nātēs*

*Pŭdēns* é um vocábulo latino dissílabo com a penúltima breve, recaindo nesta o acento. Quando o prefixo é agregado à base, o acento passa a recair na sílaba imediatamente anterior, *īmpŭdēns*, criando um proparoxítono, como podemos ver em (37).

(38)

*Īpsī/ūs ān/te ōcŭlōs/ īngĕns ā/ vĕrticĕ/ pōntŭs*

Em (38) o nosso exemplo é *īngĕns*. *Gĕns* é a base monossilábica tônica, portadora de acento. Quando a prefixação acontece, forma-se uma palavra dissilábica. Dessa maneira, o ictus passa à penúltima sílaba, resultando em *īngĕns*, paroxítono.

(39)

*Hōc mētŭ/ēns mō/lēmquē/ ēt mōntīs/ īnsŭpĕr/ āltōs*

O vocábulo latino *īnsūpĕr* é formado pela adjunção do prefixo *īn-* à base *sūpĕr*, preposição dissilábica paroxítona já existente na língua. Temos, agora, um trissílabo *īnsūpĕr*, no qual o acento se encontra na antepenúltima sílaba, sendo um proparoxítono, como pode ser observado em (39).

Estes prefixos latinos evidenciam uma propriedade geralmente estendida aos sufixos: contribuem para a modificação do acento de sua base ao serem agregados a ela. Vemos isso nas análises de Katamba (1993) e Booij e Rubach (1987), nas quais os sufixos podem ser influenciadores da movimentação do acento em inglês.

Nessas análises, a propriedade de ser aderente ou não aderente, neutro ou não neutro, é inerente ao afixo. Afixos de nível 1 têm a capacidade de mudar o padrão do acento e afixos de nível 2 são neutros em relação ao acento. Em latim, não parece ocorrer o mesmo. Os prefixos latinos modificam o padrão do acento de suas bases, dependendo de determinadas características do prefixo e de sua base.

Se a base a ser prefixada for um dissílabo com a penúltima sílaba breve, portanto paroxítono, de acordo com a regra geral de atribuição de acento, a palavra tornar-se-á uma proparoxítona. Se a base for um monossílabo tônico, temos duas possibilidades: (i) sendo também o prefixo monossilábico, se formará um dissílabo paroxítono; (ii) se o prefixo for dissilábico, há a possibilidade de se formarem um trissílabo paroxítono ou um trissílabo proparoxítono (isso passará a depender da quantidade da penúltima sílaba desse vocábulo prefixado). De qualquer forma, temos um prefixo afetando o padrão do acento em latim clássico. A capacidade de afetar o acento não parece ser inerente a alguns prefixos e a outros não, o que ocorre é que todos os prefixos latinos podem modificar o acento da base se algumas circunstâncias forem satisfeitas. É importante ressaltar que os trissílabos não são afetados pela prefixação, pois o acento latino não vai além da antepenúltima. Os dissílabos e os monossílabos são, portanto, as bases que podem ser afetadas pelo prefixo e podem ter seu acento modificado.

Podemos resumir a idéias acima da seguinte forma: se um dissílabo possuir a penúltima sílaba breve, o prefixo causará a mudança do acento para a sílaba imediatamente anterior, como prediz a regra geral. Se, ao invés disso, o dissílabo tiver a penúltima sílaba longa, o acento recai nesse lugar sem que o prefixo tenha algum papel.

Em relação aos monossílabos, temos o seguinte comportamento: um monossílabo portador de ictô, ao ser prefixado pode tornar-se dissílabo paroxítono, se o prefixo for monossilábico; se o prefixo for dissilábico, o vocábulo resultante dessa prefixação será

analisado pela regra geral. Sendo a penúltima sílaba breve, temos um paroxítono; sendo a penúltima sílaba longa, um proparoxítono.

Em suma, pensamos que a relação entre o prefixo e o acento, em latim clássico, depende de algumas características da base e do prefixo, no que tange ao número e à quantidade das sílabas desses elementos, se longas ou breves. O acento é atribuído no nível lexical e, ao entrar o prefixo, o acento é atribuído novamente no nível lexical.

#### 4.4.1.1 Preposições que passam a prefixos: acento no nível pós-lexical

Quando a proclitização, nos termos por que optamos tratá-la, aplica-se, temos uma preposição que se torna uma sílaba à esquerda da, agora, base (antes, complemento). Será que nessa nova formação o acréscimo dessa sílaba funcionando como prefixo também afeta o acento dos vocábulos? Trazemos de volta os exemplos de (26) em (40) - (46).

(40)

*Sīvē /fāctū/rūs //pēr ĩn/hōspī/tālēm*

Conforme (40), a formação de *pērĩnhōspī'tālēm* não é atingida pela mudança do acento causada pela prefixação porque resultou em um polissílabo. Como já foi dito, o acento latino não ultrapassa a antepenúltima sílaba. Continuamos a ter um paroxítono, pois a penúltima sílaba é longa.

(41)

*Vīctōr āb /ōrā*

A palavra formada é *ābōrā*. como a penúltima sílaba é breve, o acento recai na antepenúltima; desse modo teríamos um proparoxítono *'ābōrā*. Said Ali (1957) traz alguns exemplos semelhantes aos nossos: *'ĩnmārĕ*, *'ĩnsŭpĕr*, por exemplo, nos quais o prefixo, antes preposição, tem papel na atribuição do acento.

(42)

*Cūm lārě/fūndūs*

Em *Cūmlārě*, a situação é semelhante, pois a penúltima sílaba é breve e a regra geral de acentuação se aplica, recaindo o acento na antepenúltima.

(43)

*Pēr dōlūm /āmō/tās //pŭě/rūm mī/nācī*

(44) resulta no seguinte dado: *Pērdōlūm*. A regra geral de acentuação atribui acento à antepenúltima sílaba e temos ‘*Pērdōlūm*.

(45)

*Plūrī/mūm cīr/cā //nēmūs /ūvī/dīqŭe*

Da proclitização em (45), resultou o dado *cīrcānēmūs*, no qual a penúltima sílaba é breve. Novamente a proclitização, que faz com que a preposição passe a se comportar como prefixo, muda o acento e este passa a recair na antepenúltima sílaba, formando um proparoxítono.

(46)

*Cūm tībī /plāusūs*

O comportamento se repete no exemplo em (46), e a regra geral de acento passa a trabalhar com *Cūmtībī*, atribuindo o acento à antepenúltima sílaba.

(47)

*Cōndī/tūm lē/vī, //dātūs /īn thě/ātrō*

O alvo, em (47), é *īnthěātrō*. A regra geral de acentuação olha para essa estrutura e atribui acento no mesmo lugar em que ele incidia antes da prefixação, pois temos uma base trissilábica com a penúltima sílaba longa antes mesmo da prefixação. Vimos na seção 4.1. que os trissílabos não são afetados pela prefixação no que se refere ao acento, pois o acento não passa da antepenúltima sílaba.

(48)

*Sūb pĕdĕ /pālmām*

O nosso dado em (48) é *sūbpĕdĕ*. Como a penúltima sílaba desse, agora, trissílabo é breve, o prefixo *sub-* influencia o local da incidência do ictu, resultando em ‘*sūbpĕdĕ*’.

Parece-nos que as estruturas resultantes da proclitização em latim, nas quais as preposições se fundem com seu complemento, podem servir de *input* para a prefixação e a conseqüente mudança do padrão do acento, seguindo as mesmas circunstâncias relatadas na seção 4.1: (i) se a base for trissilábica, o prefixo não tem papel na mudança do acento; (ii) se a base for dissilábica, a mudança do ictu dependerá da quantidade da penúltima sílaba da base; (iii) se a base for um monossílabo e o prefixo também, um dissílabo paroxítono será formado, mas, se o prefixo for dissilábico, o local de incidência do acento dependerá da quantidade da penúltima sílaba do prefixo.

A proclitização se aplica no nível pós-lexical, só no verso temos um complemento e a possibilidade de aplicação da regra. A mudança de acento provocada pela proclitização também é pós-lexical, pois se aplica depois de uma regra pós-lexical.

#### 4.2 Prefixos que recebem acento em latim: acento no verso

Da mesma forma que o sufixo não-neutro do inglês *-ee*, que é auto-acentuado e puxa o acento para si, os prefixos latinos, embora não sejam auto-acentuados, também podem receber acento no verso. Vejamos os exemplos.

(49)

*Cūi dā/bīt pār/tīs //sĕclūs /ēxpī/āndī*

O acento do dáctilo, do espondeu e do troqueu incide na primeira sílaba longa. No exemplo em (47), o prefixo *ēx*, da palavra *ēxpīāndī*, recebe acento no penúltimo pé, *ēxpī/āndī*. O prefixo, nesse caso, não contribui para o acento, mas recebe acento no verso, pois constitui a primeira sílaba longa de um pé troqueu.

(50)

*Q̄uam Iō/cūs c̄ir/cūm//vōlāt /ēt Cū/pīdō*

No verso acima, o prefixo *circum* recebe acento porque a sua última sílaba é a primeira sílaba longa do dáctilo dividido pela cesura. Além de afetar o padrão do acento, tornando o verbo *c̄ircūmvōlāt* proparoxítono, o prefixo recebe acento no verso.

(51)

*Ūndě /vōcā/lēm //tēmě /īnsě/cūtāe*

No exemplo em (51), o prefixo *in-*, em *īnsēcūtāe*, recebe acento por instanciar-se como a primeira sílaba longa de um pé troqueu. Nesse dado o prefixo não influencia o acento mas recebe acento.

(52)

*Īmpū/dēns lī/qūi //pātrī/ōs Pě/nātēs*

Em (52), o prefixo *in-* tanto afeta o ictu da base quanto recebe acento. O prefixo influencia a mudança do acento porque *pūdēns* é dissílabo com penúltima longa e, ao receber mais uma sílaba, é analisado pela regra geral de acentuação como trissílabo portador de penúltima sílaba breve, fazendo com que o acento incida na antepenúltima sílaba. O prefixo recebe acento, no verso, porque constitui primeira sílaba longa de um pé troqueu.

(53)

*Īpsī/ūs ān/te ōcūlōs/ īngēs ā/ vērticě/ pōntūs*

O prefixo tanto tem papel na atribuição do acento em *īngēs*, quanto recebe acento no verso. O prefixo modifica o acento da base monossilábica *gēs*, que, tornando-se dissílaba, *īngēs*, neste caso, torna-se um paroxítono. O elemento recebe acento porque ocupa o lugar de primeira sílaba longa de um dáctilo no verso.

(54)

*Hōc mētū/ēns mō/lēmquē/ ēt mōntīs/ īnsūpěr/ āltōs*

Pelo mesmo motivo do dado anterior, o prefixo *in-* tanto recebe acento quanto influencia o acento. Recebe-o por ser a primeira sílaba de um pé dáctilo e o influencia por prefixar uma base dissilábica com penúltima sílaba breve.

(55)

*Āltĕ/rām sōr/tēm //bĕnĕ /prāepǎ/rātŭm*

O exemplo em (55) traz o prefixo *prae-*. Aqui, o prefixo recebe acento no verso por instanciar-se como primeira sílaba longa de um troqueu, mas não tem papel em relação ao acento porque a base à qual se agregou é trissilábica com penúltima sílaba longa.

(56)

*Rāvǎ /dĕcŭ/rrĕns //lŭpǎ /Lānvŭ/ĭnŏ*

No dado em (56), o prefixo *de-* recebe acento, mas não tem papel modificador do padrão do acento de sua base. A base à qual o prefixo foi adjungido é *cŭrrĕns*, dissílabo paroxítono com penúltima sílaba longa. Mesmo que uma sílaba seja agregada, formando um trissílabo, a sílaba acentuada não muda, *dĕ'cŭrrĕns*, como podemos observar em (57).

(57)

*Āntĕ/qŭam stān/tīs //rĕpĕ/tāt pĕ/lŭdĕs*

Aqui, em (57), temos o prefixo *ante-*, modificando o acento do monossílabo, agregando a ele duas sílabas e formando um trissílabo com penúltima sílaba breve. O resultado é uma palavra proparoxítona. O prefixo recebe acento no verso pelo fato de ser a primeira sílaba longa de um pé troqueu.

(58)

*Utĭlĭs /Ēurŏ/pĕ //pătĕr /ŭrgĕt /ābsĕns*

No exemplo em (58), vemos um prefixo que recebe acento no verso e muda o padrão do acento de sua base. O icto recai, no verso, no prefixo *ab-*, porque ele se instancia como primeira sílaba longa de um pé troqueu, e este prefixo influencia o acento por juntar-se a uma

base monossilábica, formando um dissílabo paroxítono, já que todos os dissílabos são paroxítonos em latim.

Em relação à possibilidade de um prefixo poder receber acento em um verso latino, vimos que esta é verdadeira. Se o prefixo ocupar o lugar de primeira sílaba longa de um pé troqueu, espondeu ou dáctilo, será a sílaba acentuada daquele pé. Novamente parece-nos que isso não é característica própria do prefixo, mas depende da construção do verso. Com efeito, de acordo com o tipo de pé e da localização do prefixo, este pode ser portador de ictus naquele pé. Estamos tratando, portanto, de um acento do pé.

Pensar assim difere da conceituação de prefixos como não neutros auto-acentuados de Katamba (1993). Devemos lembrar que a quantidade é muito importante para o acento latino e a incidência ou não do acento no prefixo vai depender de um jogo existente entre sílabas longas e breves dentro de um esquema metrificado formador dos versos latinos.

Este tipo de acento, o acento no verso, que pode atribuir acento a prefixos em latim, é pós-lexical, pois apenas dentro de um verso esse fenômeno se aplica.

#### 4.5 Características prosódicas das preposições e dos prefixos em latim clássico: uma avaliação

Vimos, através de uma breve descrição de dados do latim clássico, que podemos olhar para a língua latina clássica e identificar alguns fenômenos existentes nas línguas modernas. Por vezes, esses processos são referidos e explicados pela métrica e prosódia latinas, tratados com os instrumentos próprios dessas áreas, o que às vezes limita a capacidade de explicá-los ou de demonstrar uma motivação para a aplicação de regras.

Com o arcabouço de teorias fonológicas modernas, somos capazes de tentar entender os processos prosódicos sob um ponto de vista diferente, talvez percebendo que há uma motivação para um fenômeno ou uma caracterização um pouco diferenciada de um processo.

Preposições e prefixos são tratados pelos gramáticos latinos apenas no âmbito da gramática normativa, como vimos no capítulo 1. A sintaxe faz referência às preposições demonstrando como se dá a relação delas com o complemento e dividindo as preposições em dois grupos: preposições de acusativo e preposições de ablativo. Os prefixos são englobados na seção que lida com o processo de formação de palavras. Lá, temos os sentidos dos prefixos, a capacidade de eles se agregarem a nomes e a verbos e outras questões dessa ordem.

A métrica e a prosódia latinas dão testemunho de algumas características prosódicas dos prefixos e das preposições, fornecem as regras de escansão, determinam o ritmo, os pés e as liberdades de métrica, questões tratadas no capítulo de metodologia. Foi aqui que encontramos o nosso ponto de partida na tentativa de descrever a elisão, a proclitização e a relação do prefixo com o acento em latim.

Nesse trabalho, descrevemos a elisão latina. Quando, no verso, há o encontro de duas palavras, a primeira terminada por vogal e a segunda iniciada por vogal, a primeira vogal é elidida pois ocupa a posição prosodicamente mais fraca; o fenômeno se assemelha à elisão analisada por Bisol (1996, 2002). Em nossos dados, não encontramos evidência do bloqueio da elisão. É possível que isso se deva a reduzido número de dados ou à baixa aplicação do bloqueio da regra em latim.

O domínio da elisão seria o da frase fonológica, mas a regra também se aplica no interior do grupo clítico, tendo esse ambiente como o menor ambiente de aplicação.

Um outro comportamento descrito aqui foi a característica proclítica das preposições em latim. Said Ali (1957) reserva essa característica apenas para as preposições que são seguidas por complementos iniciados em sílaba leve. Por não ter peso no qual se apoiar, o proclítico se fundiria com o seu complemento. Para o autor, quando a palavra seguinte começa por sílaba pesada, a preposição se apóia no seu complemento, sem se unir a ele. Faria (1970) discorda dessa afirmação, pois, para ele, todas as preposições simples são proclíticas, pois todas, por não terem acento próprio, unem-se ao seu complemento, formando com ele um todo fonético. O autor não explica o que ocorre com as preposições que não são simples.

Optamos por entender a proclitização como um fenômeno prosódico que afeta todas as preposições independentemente de serem simples ou não. O que interfere na ocorrência da proclitização é a quantidade da sílaba inicial do vocábulo seguinte. Se a sílaba for longa, o processo não se aplica; se a sílaba for breve, o processo se aplica. Uma evidência a mais para que o fenômeno seja pós-lexical é o fato de só depois de combinadas as palavras em um verso é que saberemos a quantidade da sílaba do vocábulo seguinte.

Em ocasiões nas quais a proclitização não se aplicar, podemos pensar na formação de um grupo clítico, pois, além de a quantidade ser um aspecto muito importante para o latim (sílabas breves não daria condições para a preposição se apoiar), a escansão dos elementos em pés separados pode demonstrar que a relação entre eles não é de proclitização. Pensarmos nesses exemplos como formadores de um grupo clítico parece-nos mais apropriado.

Os prefixos latinos também foram descritos aqui em sua relação com o acento. Afijos são considerados elementos que podem mudar ou não o padrão do acento de suas

bases, dependendo do nível no qual são afixados. De acordo com a literatura, afixos de nível 1 mudam o acento, enquanto afixos de nível 2 são neutros em relação ao acento. Identificamos que, em latim clássico, os prefixos podem ter papel na atribuição do acento.

Diferentemente de outros afixos, os prefixos latinos não são inerentemente neutros ou não neutros, aderentes ou não aderentes. O seu comportamento dependerá das bases às quais serão agregados.

Em se tratando do acento lexical, se o prefixo for adjungido a um monossílabo tônico, podemos ter duas situações: (i) se o prefixo for também monossilábico, teremos um vocábulo paroxítono; ou (ii) se o prefixo for dissilábico, o lugar de incidência do acento dependerá da quantidade da penúltima sílaba do vocábulo prefixado: se breve, resulta em um proparoxítono, se longa, em um paroxítono.

Ao ser prefixado a uma base dissilábica, novamente a quantidade da penúltima sílaba será a responsável pela incidência do ictus: se breve o acento recairá na antepenúltima, se longa o acento permanecerá na penúltima sílaba.

As palavras trissílabas não são afetadas pela prefixação porque o acento do latim não vai além da antepenúltima sílaba. Nesses casos, o prefixo não tem papel em relação ao acento.

Os prefixos latinos também podem receber acento no verso, estamos tratando, aqui, do acento do pé. Isso ocorre quando ocuparem a posição de primeira sílaba longa de um pé troqueu, espondeu ou dáctilo, pés que constituíram o nosso *corpus*. Em alguns exemplos, os prefixos aparecem influenciando o acento, em outros, recebendo o acento. Podemos ter, em algumas ocasiões, prefixos que modificam a atribuição do acento e recebem acento ao mesmo tempo. Isso ocorre quando, ao mesmo tempo, as condições para a primeira questão são satisfeitas e quando o prefixo ocupa a posição de primeira sílaba longa de um pé troqueu, dáctilo ou espondeu.

Novamente a capacidade de serem auto-acentuados não parece ser uma característica dos prefixos latinos. Eles só recebem acento quando da escansão dos versos em pés e se estiverem localizados em uma posição determinada.

O produto da proclitização pode ser descrito como ambiente para a mudança de acento influenciada pela prefixação e para a possibilidade de o prefixo receber acento pós-lexical no verso. Vimos exemplos nos quais essa preposição, agora “convertida” em prefixo pela proclitização envolve-se em menor ou maior grau nesses fenômenos.

A elisão, a proclitização e a relação entre prefixo e acento podem dar evidência adicional de ambientes prosódicos para a aplicação de regras fonológicas em latim clássico,

sejam eles a frase fonológica, o grupo clítico ou pé. As questões residuais serão certamente objeto de investigação em estudos posteriores.

## CONCLUSÕES

A presente pesquisa teve como objetivo descrever processos fonológicos que envolvessem as características prosódicas das preposições e dos prefixos em latim clássico. Este estudo, que se processou sob a ótica da Fonologia Lexical e da Fonologia Prosódica, chegou às seguintes conclusões:

1- A elisão aplicou-se sempre que houve ambiente para sua aplicação. O hiato, referido pela métrica e entendido, por nós, como o bloqueio da elisão, não se aplicou. Embora saibamos os motivos pelos quais a regra é bloqueada em português, não tivemos meios de avaliar as condições favoráveis ao bloqueio em latim. A elisão em latim assemelha-se à elisão em português, se aplica quando há, no verso, o choque de picos silábico, vogais, que provoca o apagamento da vogal em posição prosodicamente mais fraca,  $V_1$ . A ressilabação é chamada a atuar nesse momento para agregar a consoante perdida a um pico silábico. Acreditamos que esse processo tenha a frase fonológica como domínio, embora também se aplique no interior do grupo clítico, tendo esse constituinte como menor ambiente de aplicação. A elisão em latim, assim como em português, é um fenômeno pós-lexical, só se aplica no contexto  $V\_V$  em um verso, quando a primeira palavra termina em vogal e a segunda inicia em vogal. Essa é uma questão pertinente a ser investigada em pesquisas futuras. O processo de elisão é, como em português, uma regra pós-lexical, pois a regra só pode se aplicar quando a sintaxe inserir a preposição e o complemento da mesma em um verso.

2- Acreditamos que o conceito de preposição proclítica em latim poderia ser repensado. Para nós, preposição proclítica é aquela que, no verso, por não encontrar peso suficiente na primeira sílaba da palavra seguinte no qual se apoiar, une-se a ela, formando uma só palavra fonológica, ficando, inclusive, escandidas no mesmo pé. Quando o complemento da preposição inicia por sílaba longa, a preposição formaria, com ele, um grupo clítico, sem que haja fusão entre a preposição e seu complemento, quando isso ocorre, as preposições ficam escandidas em um pé separado de seu complemento. A capacidade de ser proclítica não seria inerente às preposições, isso dependeria da quantidade da primeira sílaba de seu complemento, no verso. Nosso conceito de proclítico para o latim absorve parte dos conceitos de Said Ali (1957) e de Faria (1970). A importância da quantidade da sílaba seguinte do primeiro e a idéia de que proclítica é a preposição que se funde ao seu complemento, do segundo. O fenômeno de proclitização latino ocorre no pós-léxico, pois só no nível pós-lexical a preposição terá um complemento e acesso à informação da quantidade da sílaba do mesmo.

3- Os prefixos, em latim, podem modificar o padrão de acento da base à qual se agregam dependendo de algumas circunstâncias: (i) se a base for um trissílabo, o prefixo não tem influência em relação ao acento, pois o acento, em latim, não pode ultrapassar a antepenúltima sílaba; (ii) se a base for monossilábica e o prefixo também, teremos um dissílabo paroxítono, já que todos os dissílabos do latim o são; (iii) sendo a base monossilábica e o prefixo dissilábico, o lugar de incidência do acento dependerá da quantidade da penúltima da palavra prefixada: se breve, teremos um proparoxítono, se longa, um paroxítono; se um prefixo latino se adjungir à uma base dissilábica, mais uma vez o lugar do ictus dependerá da quantidade da penúltima: se breve, o acento cairá na antepenúltima sílaba, se longa, na penúltima. Estamos diante do acento de palavra, do acento no nível lexical.

4- O resultado da regra de proclitização pode servir de ambiente para a influência da prefixação na atribuição de acento em latim. Ao se fundir com a palavra seguinte, a preposição proclítica passa a funcionar como um prefixo, a base “ganha” uma ou mais sílabas e isso pode modificar a atribuição de acento a essa nova estrutura. Quando a regra geral de acentuação latina olhar para esse “todo fonético”, avaliará a quantidade da penúltima sílaba em vocábulos trissilábicos e atribuirá acento à penúltima sílaba, se essa for longa e à antepenúltima, se a penúltima for breve. Em caso de formação de dissílabos, os vocábulos serão paroxítonos obrigatoriamente. O acento aqui é pós-lexical, pois se aplica depois de uma regra pós-lexical, a proclitização.

5- Os prefixos latinos podem receber acento no verso se constituírem sílaba longa de um dáctilo, troqueu ou espondeu. Aqui temos a atribuição pós-lexical, do acento do pé.

Sabemos que questões tantas foram apontadas sem que pudéssemos dar conta delas com a nossa descrição. Contudo, temos certeza de que são de suma importância para entendermos melhor os processos fonológicos aqui arrolados e que figurarão em nossos estudos posteriores dentre eles: uma nomenclatura que evidencie as questões aqui tratadas e que não se assemelhe à nomenclatura clássica, como a proclitização; uma análise para a capacidade do prefixo de influenciar o padrão do acento lexical e pós-lexical.

É importante lembrar que tentar analisar a elisão, a proclitização e a relação do prefixo com a atribuição de acento em latim pode dar evidência adicional para constituintes prosódicos, tais como grupo clítico, pé e frase fonológica na língua clássica.

## BILBIOGRAFIA

- ABAURRE, M.B.M. *Acento frasal e processos fonológicos segmentais*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v2, n.31, p. 41-50, 1996.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. 27.ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BASSETO, Bruno. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo, EDUSP, 2001.
- BISOL, Leda. *A degeminação e a elisão no Varsul: Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BISOL, Leda. *O sândi e a ressilabação*. Letras de Hoje, Porto Alegre, n 31 (2), p. 159-168, 1996.
- BOOIJ, Geert & RUBACH, Jerzy. *Morphological and prosodic domain in Lexical Phonology*. Working Papers in Linguistics 14, p. 1-27, 1984.
- BOOIJ, Geert & RUBACH, Jerzy. *Postcyclic versus Postlexical rules in Lexical Phonology*. *Linguistic Inquiry*, v. 18, nº1, p. 1-44, 1987.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 34.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e gramática*. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- COSTA, E.P.F.S. *As preposições inseridas na mudança do tipo morfológico latino para o tipo sintático das línguas românicas*. 2003. 35 f. Monografia de final de curso.
- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- HERNANDORENA, Carmem Lúcia. *Introdução à teoria fonológica. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- HORACE. *Odes*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. 7.ed., Paris, Belles Lettres, 1992. 3v.
- KATAMBA, Francis. *Morphology*. New York: St. Martin's Press, 1993.
- KIPARSKY, Paul. *Lexical Morphology ad Phonology: Linguistic in the Morning Calm*, Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.
- LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe Latina*. Tradução e adaptação de Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis, Vozes, 1961.

- NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NÓBREGA, Vandik Londres da. *O latim do colégio*. 4ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.
- OVIDE. *Les Metamorphoses*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. 7.ed., Paris, Belles Lettres, 1985. 3v.
- POGGIO, Rosauta Maria Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português*. Salvador: Edufba, 2002.
- SAID ALI, M. *Acentuação e versificação latinas*. Rio de Janeiro, Simões, 1957.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organizado por Charles Billy e Albert Sechehaye, colaboração de Albert Riedlinger. Traduzido por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SCHWINDT, L.C. *O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical*. DELTA. v. 17, n2. S. Paulo: EDUC/PUCSP. pp. 175-207.
- TENANI, L. *O bloqueio do sândi vocálico em PB e em PE: evidências da frase fonológica*. Organon, Porto Alegre, v 18 n 36 p. 17-29, 2004.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. 7.ed. Porto: Gráficos reunidos, [s/d].
- VALENTE, Pe. Milton. *Gramática latina*. 46. Ed., Porto Alegre, Selbach, [s/d]
- VIRGILE. *Énéide*. Texte établi et traduit par Jacques Perret. 3.ed., Paris, Belles Lettres, 1982. 3v.

## ANEXOS

## CORPUS PREPOSIÇÃO HEXÂMETRO DACTÍLICO

### ENEIDA

#### LIBER PRIMUS

Arma virumque cano Troiae qui primus ab oris  
Vi superum saevae memorem junonis ob iram  
Kartago Italiam contra tiberinaque longe  
quis ante ora patrum Troiae sub moenibus  
multa tibi ante aras nostra cadet hostia dex  
ter circum Iliacos raptaverat Hectors muros  
cum venitaulaeis jam se regina superbis

#### LIBER SECUNDUS

duci intra muros hortatur et arce locari  
primus ibi ante omnis magna comittante caterua  
feta armis. pueri cicum innuptaeque puellae  
in somnis ecce ante oculos maestissimus Hector  
accipiens sonitum sarcis de vertice pastor  
vestibulum ante ipsum primoque in limine Pyrrhus  
sic factus senior telumque imbelle sine ictu.  
cum mihi se, non ante oculis tam clara videndum  
circum errant acies et, ni mea cura resistat  
natum ante ora patris patrem qui obtruncat ad aras  
visa mihi ante oculos et nota maior imago

#### LIBER TERTIUS

Threicio regi, cum jam diffideret armis

at circum Iliades crinem de more solutae  
ex tuleram, visi ante oculos astare jacentis  
ad caelum com voce manus et munera libo  
ante urbem in luco falsi Simoentis ad undam  
o felix una ante alias Primeia virgo  
alba solo recunbans, albi circum ubera nati  
ante et Trinachia lentandus remus in unda  
et capita ante aras Phrygio velamur amictu  
cum vitam in silvis inter deserta ferarum  
concilium horrendum: quales cum vertice celso  
junoni ante omnis, cui vincla jugalia curae  
aut ante ora deum pinguis spatiatum ad aras

#### LIBER QUARTIUS

incendunt. Ipse ante alios pulcherrimus omnis  
dicitur ante aras medior inter numina divom  
misceri ante oculos tantis clamoribus aequor

#### LIBER QUINTUS

munera principio ante oculos circoque locantur  
effugit ante alios primisque elabatur undis  
invisam sine honore vatem Segestus agebat  
**Threiciis, lato quam circum amplectitur auro**  
Incendunt pueri pariterque ante ora parentum  
estremus formaque ante omnis pulcher Julius  
vix haec ediderat cum effusis imbribus atra  
pone caput fessosque oculos furare labori

#### LIBER SEXTUS

tu ne cede malis, sed contra audentior ito  
aurea fulcra toris epularque ante ora paratae

musaem ante omnis medium nam plurima turba  
hunc circum innumerae gentes populique volabant

#### LIBER SEPTIMUS

ante urbem pueri et primaevo flore juventus  
et juvenes ante oculos hisse cum vocibus offert  
fluctus uti primo coepti cum albescere vento

#### **Ilicet infandum cuncti contra omnia bellum**

vertitur arma tenens et toto vertice supra est

#### LIBER OCTAVUS

alba solo recubans albi circum ubera nati  
ante urbe in luco. Pallas huic filius una  
contra autem magno maerentem corpore Nilum  
ante aras terram caesi stravere juvenci

#### LIBER NONUS

ante annos animumque gerens curamque virilem  
et statuam ante aras aurata fronte juvencum

#### LIBER DECIMUS

interea Rutuli portis circum omnibus instant  
totam aciem in Teucros et contra in litore sistit  
**Turno tempus erit magno cum optaverit emptum**  
vir Troiane sine hanc animam et miserere precantis  
huic contra Aeneas, speculatus in agnime longo  
ter circum astantem laevos equitavit in orbis

#### LIBER PRIMODECIMUS

Circum omnis famulumque manus Troianoque turba  
Ter circum accesos cincti fulgentibus armis  
Admonet ira deum tumukique ante ora recentes  
Ante equidem summa de re statuisse Latini  
Ante oculos interque manus sunt omnia vestras  
Pone animos et pulsus abi. Sat funera fusi  
Ille mihi ante alias. neque enim novos iste Dianae  
Priverno antiqua Metabuus cum excederet urbe  
Seu circum Hippolyten, seu cum se Martia curru  
Qua volnus letale ferat; contra ille repugnans  
Suscipiunt. Fugit ante omnis exterritus Auruns  
Adloquitur, fida ante alias quae sola Camillae  
Exclusi ante oculos lacrimantumque ora parentum  
Considunt castris ante urbem et moenia vallant

## LIBER DUODECIMUS

Poscit equos gaudetque tuens ante ora frementis  
Jamque aderat Phoebo ante alios dilectus Japyx  
Ossa tremor; prima ante omnis Juturna Latinos  
Vidi oculos ante ipse meos me voce vocatem  
Sustentat acies. Circum hos utrimque phalanges  
Responsat circa et caelum tonat omne tumultu  
Supra homines, supra ire deos pietate videbis  
Mons circum et vocem late nemora alta remittunt

## LIBER PRIMUS

Sic, modo quae fuerat rudis et sine imagine tellus  
Pallebant musco stabantque sine ignibus arae  
Ante oculos Io, quamuis aversus, habebat

## LIBER SECUNDUS

Ante oculos plus est, animo metitur utrunque  
Penna latus vellat, tenet os sine acumine rostrum  
Actorum sine fine mihi, sine honore laborum  
Quae qua,quam justa est, cura tamem adjuval illam  
Germanam ante oculos fortunatumque sororis

## LIBER TERTIUS

Ante obitum nemo supremaque funera debet  
Det tibi complexus suaque ante insignia sumat

## LIBER QUARTUS

Dum redit in silvas, inventos forte sine ipsa  
Nec tamen ante adiit, et si proprabat adire  
Denique nitentem contra elabique volentem  
Vidit et ante omnes Ixiona, rursus ab illo  
Ante exspectatum tacuit famem; excipit unus

## LIBER QUINTUS

Trinacriam ante alias in qua vestigia damni

LIBER SEXTIUS

Ø

LIBER SEPTIMUS

Vel sine amore licet; quid enim comisit Jason?  
Dixit et ante oculos rectum pietasque pudorque  
Edidit et subito collapsa sine ictibus ullis  
Ante ipsas, quos mors foret invidiosior, aras  
Occupat; ante oculos eadem mihi quercus adess

LIBER OCTAVUS

Ante expectatum portus tenere petitos  
Noverat ante alios faciem ducis Europaei  
Abstulerat jaculo, lignum sine acumine venit  
Cum clamore animos jaciuntque sine ordine tela  
Pone age nec titulos intercipe, femina nostros  
Ante oculos mihi sunt et tantae caedis imago  
Ante omnisque Lelex, animo maturus et aevo  
Quam solet ante aras ingens ubi victima taurus  
Triste solum, sterilis sine fruge, sine arbore tellus

LIBER NONUS

Ante erat ambiguus animi sententia dictis

LIBER DECIMUS

Ø

ODES

**ESTROFE SÁFICA OU ALCAICA  
LIVRO I**

ODE II

Voltus in hostem  
Ales in terris imitari almae

ODE X

Per dolum amotas puerum minaci

ODE XII

Aut in umbrosis Heliconis  
Aut super Pindo gelidove in Haemo?  
Romulo post hos prius na quietum  
Cum lare fundus  
Cum tu, Lydia, Telephi

ODE XX

Conditum levi, datus in theatro  
Cum tibi plausus

ODE XII

Sive per Syrtis iter aestruosas  
Sive facturus per inhospitalem  
namque me silva lupus in Sabina  
pone sub carrum nimium propinqui  
solis in terra dominibus negata

ODE XXV

Flebis in solo levis angiportu  
Thracio baccanthe magis sub inter  
Lunia vento  
Cum tibi flagrans amor et libido  
Saeviet circa iecur ulcerosum

Nom sine questu

ODE XXX

Transfer in aedem

Et parum comis sine te juvenas

LIVRO II

ODE II

Notus in fratres animi paterni  
Arsit Atrides medio in triumpho  
Crede non illa tibi de scelesta

ODE VIII

Signa cum caelo gelidaque divos

ODE XVI

Quaerere nec trepides in unum  
Cur non sub alta vel platano vel hoc  
Lyden? Eburna dic, age, cum lyra  
Maturet, in comptum Lacaenae

LIVRO III

ODE VIII

Plena miraris positusque carbo in  
Caespite vivo  
Libero caprum prope funeratus  
Perfer in lucem; procul omnis esto  
Mitte civilis super urbe curas

ODE XI

Quae manent culpas etiam sub Orco  
Una de multis face nuptiali  
Digna periorum fuit in parentem  
Splendide mendax et in omne virgo  
Mollior nec te feriam neque intra  
Claustra tenebo  
Me vel extremos Numidarum in agros

ODE XIV

Victor ab ora  
Nec mori per vim metuam tenente  
Si per invisum mora janitorem

ODE XVIII

Per meos finis et aprica rura  
Cum tibi  
Nonae redeunt decembros  
Festus in pratis vocat otioso  
Com bove pagus  
Inter audacis lupus errat agnos

ODE XX

Dura post paulo figies inaudax  
Cum per obstantis invenum cateruas  
Sub pede palmam  
Quam per exactos ego laetus annos

ODE XXVII

Ducat et praegnans canis aut ab agro  
Si per obliquom similis sagittae  
Solis ab ortu  
Nuper in pratis studiosa florum et

Ire per longos fuit an recentis  
Si quis haec audis utinam inter errem  
Quid mori cessas? Potes hoc ab orno  
Cum tibi invisus laceranda reddet

#### LIVRO IV

##### ODE II

Quem super notas alvere ripas  
Seu per audacis nova dithyrambos  
Sanguinem per quos cecidere justa  
Aureos educit in astra nigroque  
Tendit, Antoni, quotiens in altos  
Grata carpentis thyma per laborem  
Plurimum circa nemus uvidique  
Per sacrum clivum merita decorum  
Nec dabunt, quamvis redeant in aurum  
Publicum ludum super impetrato  
In mea vota

##### ODE VI

Procidit late posuitque collum in  
Pulvere Teucro  
Matris in alvo

##### ODE XI

Plenus Albani cadus, est in Horto

**CORPUS – DADOS PREFIXO**

**ESTROFE SÁFICA**

HORÁCIO

*LIVRO I*

ODE II

Cui dabit partis scelus expiandi  
Quam Jocus circumvolat et Cupido

ODE XII

Unde vocalem temee insecutae  
Hunc et incomptis curium capillis  
Egerit justo domitos triumpho  
Tu parum castis inimica mittes

ODE XXII

**Sive facturus per inhospitalem**

**ODE XXV**

Invicem moechos anus arrogantis

*LIVRO II*

ODE II

Abdito terris, inimice lamnae  
Vivet estento Proculeius aevo  
Crescit indulgens sibi dirus hydrops  
Quisquis ingentis oculo inretorto

ODE IV

Xanthia Phoceu prius insolentem  
Integer laudo fuge suspicari  
Cantabrum indoctum juga ferre nostra et  
Unde si Parcae prohibent iniquae  
Invidet uvis

ODE VIII

Pulchrior multo invenumque prodis  
Expedit matris cineres apertos  
impiae tectum dominae relinquunt  
te suis matres metuunt invencis

ODE X

Contrahes vento nimium secundo  
Litus iniquom  
Diligit tutus caret invidenda  
Saepius ventis agitatus ingens  
Sperat infestis metuit secundis  
Alteram sortem bene praeparatum  
Pectus informis hiemes reducit

ODE XVI

Poscentis aevi pauca: fugit retro  
Levis inventas et decor arida  
Pacula praetereunte lympha?

LIVRO III

ODE VIII

Corticem adstrictum pice dimovebit  
amphorae fumum bibere institutae  
medus infestus sibi luctuosus

ODE XI

Cessit inmanis tibi blandienti  
Ianitor aulae  
Risit invito stetit urna paulum

Impiae (nam quid potuere maius?)  
Impiae sponsos putuere duro  
Surge, quae dixit inveni marito

ODE XIV

Si per invisum mora juitorem  
Non ego hoc ferrem calidus inventa

ODE XVIII

Lenis incendas abeasque parvis  
Aequus alumnis  
Gaudet invisam pepulisse fossor

ODE XX

Dura post paulo fugies inaudax  
Cum per obstantis inventum cateruas  
Ibit insignem repetens Nearchum  
Ter vocata audis adimisque leto  
Inminens villae tua pinus esto  
Verris obliquom mediantis ictum

ODE XXVII

Impios parrae recinentis omnem  
Ducat et praegnas canis aut ab agro  
Rava decurrens lupa Lanvino  
Si per obliquom similis sagittae  
Antequam stantis repetat paludes  
Imbrium divina avis inminentum  
Si quis intamem mihi nunc invencum  
Impudens liqui patrios Penates  
Antequam turpis macies decentis  
Defluat praedae speciosa quaero  
Vilis Europe pater urget absens  
Mox ubi lusit satis abstineto

LIVRO IV

ODE II

Fervet immensusque ruit profundo  
Verba devolit numerisque raptum  
Aureos educit in astra nigroque  
Invidet Orco  
Publicum ludum super impetrato  
Matre Qui largis invenescit herbis  
Procidit late posuitque collum in  
Ceteris maior tibi miles impar

ODE VI

Ille non inclusus equo Minervae  
Pinus aut impresos cupressus Euro

ODE XI

Victa verbenis avet immolato  
Non enim posthac alia calebo